MÉTODOS ANTIGOS

Os acontecimentos de ontem no Terreiro do Paço ultrapassam largamente o aspecto lamentável do confronto entre polícias.

Trata-se, na verdade, de uma prova evidente da falta de disponibilidade, mesmo de incapacidade, para o diálogo por parte de um Governo que noutras frentes tem adoptado o mesmo comportamento. É a continuação e a aplicação, na praça pública, de uma política de «quero, posso e mando», com base numa maioria eleitoral que é assumida como justificação para todos os comportamentos e para nunca se fazer «mea culpa».

A frase «nós somos governantes de Portugal, não somos dos outros países da Comunidade», dita pelo ministro Silveira Godinho à saída do seu Ministério no final dos confrontos que transformaram o Terreiro do Paço num campo de batalha, parece-se neste contexto, cada vez mais, com o «orgulhosamente sós» que se ouvia nas décadas de 50 e 60 dos líderes políticos portugueses.

Não está em causa, sequer, se o Governo deve seguir as exigências sindicalistas dos agentes da Polícia de Segurança Pública. A negação do diálogo como forma de dirimir as questões é que se torna aqui um verdadeiro escândalo. Mas a posição ministerial de se distanciar da Europa - onde os direitos sindicais dos polícias são genericamente reconhecidos - é o paradoxo mais notável dos últimos anos.

Por fim, há que denunciar o comportamento dos polícias que aceitaram a repressão dos seus camaradas.

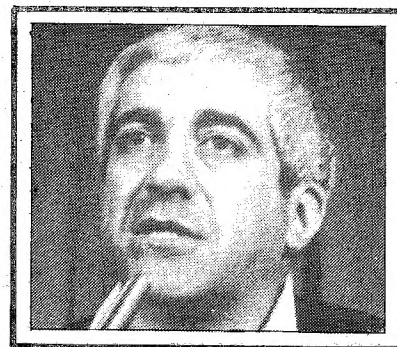
Cumprimento de ordens, poderá argumentar-se para justificar as bastonadas dos agentes do Corpo de Intervenção nos polícias sindicalistas. Só que tal, constitui, afinal, a verificação de que o facto de serem reconhecidos os direitos dos agentes da ordem não obsta ao acatamento da disciplina estabelecida, em clima de diálogo, de entendimento, de flexibilidade, de respeito por atitudes que não podem ser confundidas com indisciplina.

O que não tem qualquer justificação é o espancamento de mulheres e crianças, transeuntes notórios, com as correrias e o desprezo a que já não assistíamos há dezena e meia de anos. Esse facto torna os polícias cumpridores do dever em meros agentes de um poder que não acautela os direitos dos cidadãos, neste como noutros casos. Ao pretender ocultar a violência exercida efectivamente sobre cidadãos indefesos e alheios aos acontecimentos, o ministro adopta comportamentos que estão muito distantes da Europa.

Não espanta, pois, a repulsa que unanimente era manifestada por quem assistiu à arruaça. Um sinal para um Governo que tenha «bons entendedores» entre os seus membros.

As maiorias também se abatem.

DL



ENQUANTO COMISSÃO LANÇA CAMPANHA PELA SUA LIBERTAÇÃO

OTELO CONTINUA DISPOSTO A FAZER GREVE DE FOME CONTRA «PRISÃO PREVENTIVA»

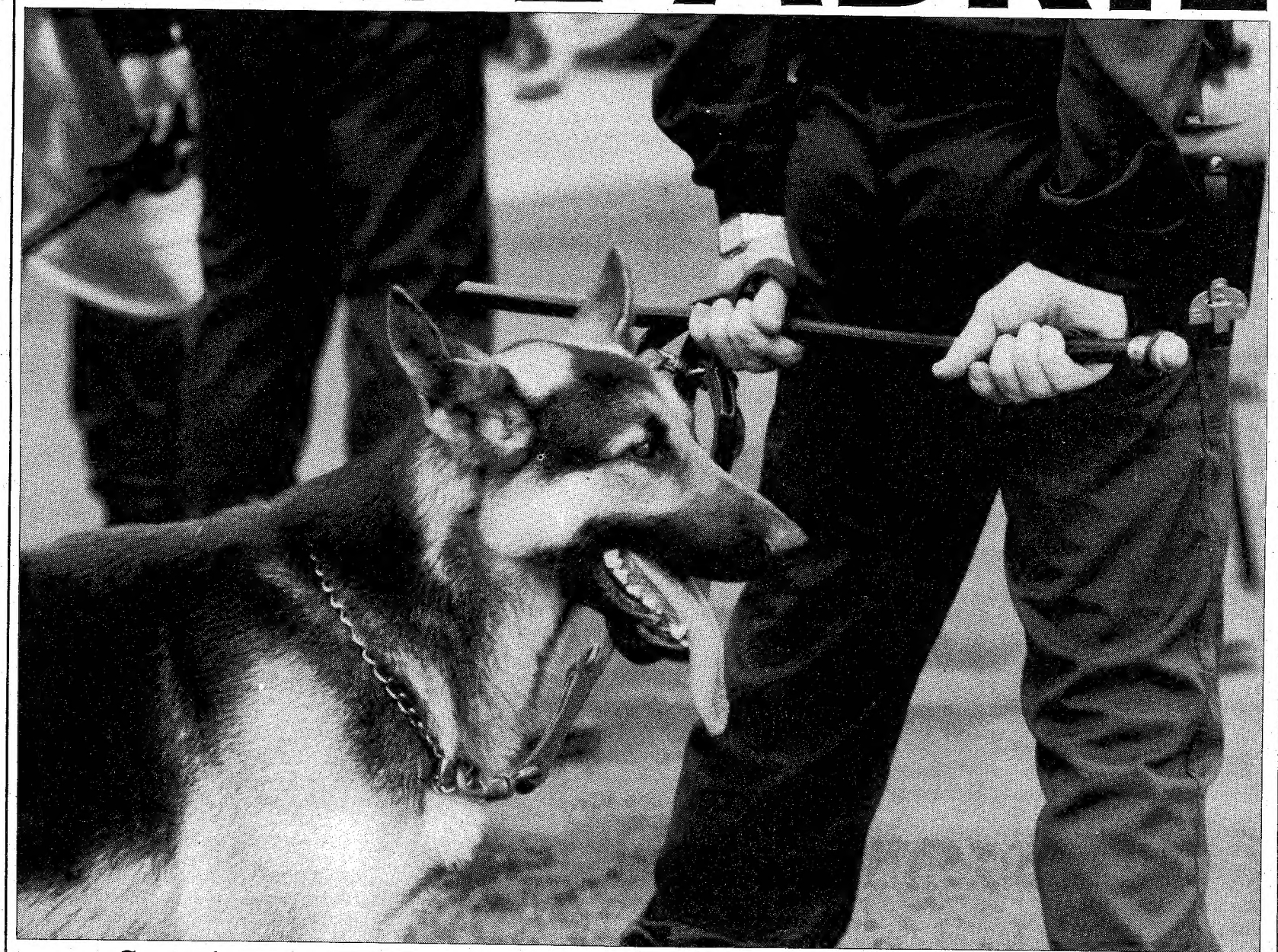
Otelo manifesta-se disposto a encetar uma greve de fome para se manifestar contra a situação de prisão preventiva em que se encontra. Tal foi confirmado ao «DL» numa entrevista que nos concedeu no presídio de Tomar e que inseriremos na nossa edição de segunda-feira, num caderno especial dedicado ao 25 de Abril.

Pág. 7

Diário de Lisboa

ANO 69 N.º 22 948 Sabado, 22 de Abril de 1989 Preço 50$00

24 DE ABRIL



«Cenas de caça da baixa lisboeta» poderia ser o nome da «fita» ontem rodada em Lisboa, com incidência particular no Terreiro do Paço e ruas adjacentes. A curiosidade é que uma boa parte da população que assistia aos «trabalhos» — cujos protagonistas eram polícias com aspirações sindicais, de um lado e polícias cumpridores de ordens, do outro — acabou por tornar-se em protagonista ao ser alvo das bastonadas dos aplicados agentes. O realizador do filme baseado num livro anónimo intitulado «24 de Abril», assistiu a uma parte da rodagem no edifício da Administração Interna, através da televisão. No fim, mostrou-se satisfeito e convencido de que o «filme» será um êxito.

Foto de Rui Vasco

Págs. 2, 3, 4, 5, 6 e 40

Crianças, idosos e mulheres apanharam por tabela

«CHOQUES» CONTRA POLÍCIAS «VARREM» TERREIRO DO PAÇO

Julio Rodrigues

Não foram só polícias fardados ou à paisana, se também havia destes no Terreiro do Paço, que o Corpo de Intervenção agrediu selvaticamente com bastões e cassetetes, a pontapé e à cacetada: foram crianças e idosos, homens e mulheres. A torto e a direito, indiscriminadamente. Sem dó nem piedade. Com fúria. Os feridos socorridos na posto da Cruz Vermelha da Praça do Comércio e aqueles que foram assistidos no «banco» do Hospital de S. José (doze no total) dizem bem da carga que aguentaram. E houve aqueles que recusaram ser assistidos, por razões de segurança e de identificação. O secretário-geral da UGT, num intervenção longamente aplaudida, duas horas antes, tinha aziagamente previsto os acontecimentos, ao manifestar a sua estranheza pelo facto de ter sido filmado nos acessos à «Voz do Operário».

«Fiquei com a sensação de que isto era Hollywood», disse. Mas advertiu, também, para a «fiscalização» que notara à entrada.

Torres Couto, aliás, frisou logo nas primeiras palavras da sua intervenção, va «Voz do Operário», como que pressagiando os vergonhosos acontecimentos que se viveriam ao fim da tarde na Praça do Comércio, surpreendido ainda (e só) com o facto de serem filmadas as pessoas que se irigiam para o II Encontro Nacional da ASP/PSP: «A imagem que tive aqui á porta fez-me lembrar o fascismo. Espero que quando a minha imagem passar lá, no écran deles, que não me levantem nenhum processo disciplinar».

(Primeira revoada de grandes aplausos para ele, como antes se tinham ouvido, quando Carvalho da Silva/CGTP usara da palavra. E dissera isto, então coroado com assobios para Cavaco Silva, que terá afirmado à «Inter»: «Enquanto eu for Primeiro-Ministro não haverá Sindicato da PSP».).

Sanha e raiva

«Tenho oitenta e um anos e nunca vi disto na minha vida», ouvimos da boca de uma senhora, resguardada a um canto da praça, junto ao posto de socorros da Cruz Vermelha. Já havia feridos, cargas e raiva na Praça do Comércio.

Já muitos populares ali se concentravam, porque tinham deixado o trabalho no seu regresso a casa. Afadigavam-se em fazer depressa ese trajecto, mas quedaram-se no Terreiro do Paço.

A circulação automóvel fora «cortada» pela polícia naquela direcção. Era o caos. A «operação», inesperada, era sentida no trânsito de toda a Lisboa. Do Rossio para os barcos da Trasntejo ou para ocs combios de Santa Apolónia e do Cais do Sodré, só a pé.

Ainda a tal senhora de 81 anos, com medo que os «choques» a atacassem: ela tinha visto com os seus olhos que ainda não pedem óculos, visto como nós centenas de pessoas - como o País haveria de ver pela RTP essas imagens de uma tarde de vergonha, como se Portugal fosse uma selva de drogados- serem atacadas com sanha e raiva, pela «polícia de choque» .

Não foram só polícias contra polícias: foram, sobretudo, cães contra polícias, numa tarde aue entrou pela noite dentro e em que o açaime não contou.

«Isto é fascismo»

«Isto é fascismo» , gritou um popular no meio da confusão. Confusão muito simples: os «choques» tiveram ordem para abrir - ordem que lhes veio do oficial do Exército que os comandava, um tenente.coronel (Governo Maia), que cirandou para ali como uma borboleta tonta enquanto os seus homens batiam em tudo o que era corpo e não se arrumava da sua frente- e desataram a vergastar forte e feio, depois de ataques com dois carros de água.

Os polícias, que se concentravam na parte Norte do Terreiro do Paço, entre os Ministérios da Justiça e da Administração Interna/Plano, em frente do primeiro e comos olhos no segundo, resistiram. Não contavam que outros polícias, seus companheiros de armas, assim agissem.

Mas eles, os «choques», repetindo cenas tristes do fascismo que este Governo (a amostra de ontem, a quatro dias das comemorações do 15º aniversário do «25 de Abril», é perigosamente eloquente e vem dar cabal razão às avertências há dias feitas por Carlos Macedo), continuaram a malhar.

Transfigurados com caras esquisitas

Já não eram só os tanques de água, as agulhetas a apontarem aos seus alvos, nem os polícias a tentarem varrer o Terreiro do Paço, alguns deles transfigurados, subitamente alterados, transformados, fora de si.

Nos últimos pisos dos Ministérios da Administração Interna e do Plano, funcionários e responsáveis pareciam satisfeitos. «Isto é fascismo», gritou um popular.

E logo outro, em cima da voz, acrescenta: «Cavaco está a ressuscitar o fascismo». Palmas de populares para a resistência do montão de polícias, parte dos cerca de dois mil que estiveram no II Encontro Nacional das ASP/PSP (Associação Sindical dos Profissionais), exibindo os seus cartões.

Por pouca coisa

Mais quais cartões, qual carapuça: tinham vindo, todos eles, da «Voz do Operário», onde aprovaram por unanimidade uma moção.

Por pouca coisa, afinal, mas para eles muito importante: actualização dos vencimentos, subsídios e gratifificados num valor nunca inferior a 12 por cento; pagamento de serviços extraordinários (idas a tribunais, etc); folga semanal, uma folga mensal à escolha e 48 horas de folga depois de 24 horas seguidas de serviço; e reconhecimento formal da ASP/PSP, através da imediata publicação dos seus estatutos, «ilegalmente retidos -diz a Associação Pró-Sindical da PSP - pelo Ministério».

Nada fazia prever tal desenlace: a reunião decorrera cordatamente, o próprio desfile ente a «Voz do Operário» e a Praça do Comércio decorreu sem qualquer incidente ou estorvo. Num quarto de hora, mais de meio milhar de polícias fardados e outros desfardados, atravessando Alfama, Escolas Gerais, S. Tomé, Encosta do Castelo e Sé, desembocou na Praça do Comércio.

Os seis elementos da Coordenadora Pró-Sindicato da PSP deixaram os colegas para entregarem a moção aprovada no II Encontro Nacional ao ministro da Adminnistração Interna ou ao secretário de Estado da Administração Interna. A comissária Maria Firmina Pereira Rodrigues, da 2ª Esquadra PSP, recebeu-os no Terreiro do paço, introduzindo-os no edifício do MAI.

Nunca imaginariam que de ali já não sairiam tão cedo, e quando sairam seria para Queluz. Foi de lá que esta manhã sairam oara serem julgados.

Terreiro feito lezíria ribatejana

Já os «choques» tinham feito várias investidas, como os toiros bravos fazem na lezíria ribatejana, ou na charneca antes de irem para a lide na praça. Já se tinham ouvido gritos. Já havia jorrado sangue.

Já o ministro da Administração Interna e o comandante-geral da PSP tinham escrito a mais negra página da história da democracia portuguesa ós-25 de Abril. Através da força.

Já populares haviam chamado fascista a este governo e ao Primeiro-Ministro. Já um homem de meia idade, quando era impossível perguntar o que quer que fosse a alguém - tal a debandada que as investidas daqueles homes espumando raiva, descontrolados e fora de si os dois ajudantes do tenente-coronel do CI, como que alfinetados por veneno mágico - clamava que «isto só no tempo de Salazar».

Alguém gritou que era preciso «correr» com este Governo de «ataques epilépticos» e «fascismo nunca mais», à medida que populares, a caminho de casa,em direcção aos barcos, ao Cais do Sodré ou a Santa Apolónia, apesar dos cordões de vigilância montados pelos «choques», aplaudiam a polícia - a outra, os companehiros da que investia com cães que mordiam sem olhar a quem.

Foto de Rui Vasco

A cena era essa: polícias contra polícias, com as pessoas, que não gostam por princípio da polícia, a apoiar a que ontem se reuniu uma vez mais e quer uma «polícia digna», ao «serviço da comunidade e do País», e «a legalização da Associação Pró-Sindical da PSP».

«Ninguém arreda pé»

«Já vi disto, mas foi há quatro meses, mas foi no Chile, disse Torres Couto ao «DL», já com o fato encharcado pelas agulhetas de um dos três carros cheios de água que os «choques» tinham despejado sobre os polícias. Torres Couto, Armando Carvalho da Silva e Manuel Lopes, entre outros sindicalistas, estavam entre eles, na primeira fila da «barricada», dos polícias ali concentrados. Cerca de duas horas antes tinham levado aos homens da PSP reunidos na «Voz do Operário» a sua solidariedade, a solidariedade da UGT e da CGTP/IN,enfim, das duas centrais sindicais portuguesas. Tinham vindo para o Terreiro do Paço a fim de se incorporarem na concentração. Tinha, assistido, como nós, à ordem de dispersar dada pelo comissário D. Tapadinhas, 2º comandante distrital da PSP. «Daqui ninguém arreda pé», afirmou um dos polícias. Joaquim Gomes, um entre muitos, com responsabilidades na Asociação Pró-Sindical, pediu calma aos companheiros. «Não se deixem embarcar, não respondam a provocações», recomendou. «Dou«lhes cinco minutos para dispersar, porque esta concentração é ilegal», repetiu Tapadinhas. «Daqui ninguém arreda pé», gritaram os polícias.

Crianças, idosos homes, mulheres...

O 2º comandante distrital da PSP - polícia, portanto, como os que ali estavam concentrados - deu ordens ao condutor para se retirar. Meia volta na direcção da Praça do Município, onde se encontravam doze camionetas de «choques», três carros de «assalto» com água e, pelo menos, quatro cães-polícias.

Quando tocou a atacar, cerca de dez minutos depois - passava pouco das 18 horas -, a cena que se nos deparou foi esta: cães contra polícias. Cães que morderam, e muito, enquanto outro bateram sem olhar a quem: polícias, crianças e idosos, mulheres e homens. Em tudo o que mexesse, não saísse da frente, fosse vulto.

Foi assim uma, duas, três, quatro, cinco, seis e mais vezes. Porque, depois de desarticulados, de separados do grupo, os polícias que se manifestavam - e que já não eram os cerca de mil que inicialmente se haviam concentrado - reagrupavam-se de imediato. Foi assim muitas vezes.

Subintendente agride Torres Couto

As imagens que nos ficaram na memória mostram-nos muitos feridos (pelo S. José acabariam por passar cerca de duas dezenas, com equimoses e escoriações no corpo, ou mordidos), entre eles o secretário-geral da UGT). Torres Couto, um dos muitos, disse-nos que iria exigir «desculpas públi-

continua na pag. 4

Da Libertação aos Jogos de Água

Fernando Piteira Santos

1

O Governo, com antecipação que denota uma preparação metódica e planeada, decidiu associar-se às comemorações do décimo quinto aniversário do 25 de Abril nas ruas de Lisboa, oferecendo à população um espectáculo de jogos de água. O executor da parte activa do espectáculo foi o Corpo de Intervenção da PSP, que accionou os carros de água, exibiu os seus cães amestrados, manejou os seus bastões, utilizou as suas granadas. O espectáculo teve lugar no Terreiro do Paço. Atingiu a brutalidade de «antigamente». Os portugueses ficaram sabendo que o Corpo de Intervenção está reconstituído como instrumento de repressão social e política. Este é um dos aspectos significativos e ameaçadores do processo em curso de regresso e restauração.

O pretexto para a exibição da capacidade brutal, do insensível automatismo, da selvajaria do Corpo de Intervenção, foi o desfile pacífico, correcto, de perfeito civismo, de agentes e quadros da, PSP, que do edifício da «Voz do Operário», vieram até ao Ministério da Administração Interna, no Terreiro do Paço, para entregar ao ministro uma moção que reclamava o reconhecimento de direitos sindicais, ou associativos no plano profissional, ao pessoal da Polícia de Segurança Pública.

E, no Terreiro do Paço, dos polícias silenciosos que em boa ordem aguardavam o resultado da entrega da moção, à população que se movimenta no local procurando transportes para regressar às suas casas, a vaga da violência nada e ninguém poupou. Os carros de água todos encharcaram, os cães morderam sem discriminações, os bastões deixaram marcas. Na batalha, polícias contra polícias, e Corpo de Intervenção contra população, houve feridos. E houve, principalmente, raiva, desespero, desgosto, revolta.

Nas vésperas do 25 de Abril, quinze anos decorridos sobre a libertação antifascista, o modelo repressivo, a brutalidade, a desconsideração insensata dos direitos dos cidadãos, volta a mostrar a máscara do fascismo em acção.

O que ontem se passou em Lisboa exige de todo o cidadão consciente uma reflexão, um forte e claro protesto, um firme repúdio.

2

O poeta cantou as portas que Abril abriu. E apesar de tudo e de todos (ou de alguns) estão abertas as portas que Abril abriu. E não haverá Corpo de Intervenção que as feche.

Após longos anos de asfixia e de tirania, temos Liberdade. Não é tudo a Liberdade, mas sem a Liberdade nada existe, nada funciona, nada é. Temos a liberdade de protestar, de denunciar, de resistir.

Abril deu-nos (devolveu-nos) a Liberdade, e se isso não é tudo, nem toda a necessidade, nem todo o sonho, é, todavia, a condição de tudo o que constitui a nossa dignidade cívica. Somos, por obra e graça de Abril, cidadãos integralmente. Cidadãos livres. Livres mesmo quando gritamos a nossa razão sob os jactos de água selváticos.

Comemorar o 25 de Abril é registar que passa um aniversário da conquista (ou se quiserem, da reconquista) da Liberdade. Muitos de nós vivemos os anos negros do «Interregno», desse penoso, trágico, intervalo entre as duas Repúblicas possíveis.

A consciência do **possível** é fundamental. A História é, em cada momento de uma evolução longa, complexa e contraditória, a situação concreta possível. Temos o país que fizemos. Somos este País. Na sua dimensão histórica e na sua histórica actualidade, nós somos este Portugal.

E é este Portugal que vai comemorar os quinze anos de Liberdade. Talvez sem uma esclarecida consciência do significado histórico, e não só político, do acto revolucionário de 25 de Abril de 1974.

No dia 17 de Março, discursando na cerimónia que assinalou o início das comemorações do décimo quinto aniversário da Revolução, o presidente da Associação 25 de Abril, tenente-coronel Vasco Lourenço, disse: «Em primeiro lugar, continuamos a orgulharmo-nos de termos sabido ser os autores materiais do derrube da ditadura, da libertação do povo português, da contribuição na libertação de outros povos, da abertura de Portugal a todos os povos do mundo, da criação de condições para que no nosso país se edificasse um Estado Democrático e de Direito.»

Mas, de passo, reconhecia que os resultados alcançados nestes quinze anos de vida democrática estão «muito aquém das esperanças».

3

E há anos comemoramos Abril com sentimentos contraditórios de alegria e de amargura. Vivemos a alegria da libertação e a amargura das frustradas esperanças. Mas a desilusão não a podemos aceitar convertida em desespero. Temos que praticar uma contabilidade fria, que verificar o positivo e o negativo em cada etapa percorrida; temos que, sem concessões ditadas pela oportunidade ou pela adaptação, darmos balanço às diferenças entre a situação actual e as condições de vida antes de 25 de Abril de 1974.

Só os mais novos, só os que desabrocharam para a maturidade cívica depois de 25 de Abril de 1974, poderão não ter o sentimento de que o Portugal de hoje é diferente. Estes quinze anos foram anos de mudança. Nas sociedades as mudanças introduzem contradições; a revolução gera a contra-revolução. O ímpeto transformador inspira, contraditoriamente, as resistências conservadoras. A política renovadora desperta a política restauracionista. Ao entusiasmo revolucionário corresponde um saudosismo aracaízante. A mitologia da ordem regressa. Se a Revolução cede, nasce, ou renasce, a Restauração.

O 25 de Abril teve, devido a erros, má fortuna, amores ardentes, a réplica do 25 de Novembro. Eram as portas abertas à Restauração (política, económica e social).

A defesa, pensada, da Democracia teve como resultado o «desvirtuamento da democracia». As palavras comadas são de Vasco Lourenço. Capitão de Abril, general de Novembro, homem dividido. E com ele os outros capitães de Abril.

(4)

TODOS os anos, no entusiasmo descendente da curva destes quinze anos, a amargura cresce sobre as esperanças murchas. Todos os anos invocam-se razões contra a Festa de Abril. Ontem, sucedeu o insólito: o Corpo de Intervenção espancou polícias, e mulheres e homens que regressavam do trabalho. A vontade de imperar é uma vontade de violência. É o fascismo? Muitos se interrogaram. Falando da sua indignação, Torres Couto empregou a palavra. Carvalho da Silva disse que fazia lembrar o fascismo.

Entretanto, alguma coisa terão de fazer os cidadãos do País de Abril. A primeira resposta deverá ser comemorar o 25 de Abril com unidade, com força, com firmeza.

Não podemos regressar.

Não queremos regressar.

«Não é na rua que as pessoas transformam as suas aspirações em direito»

– disse o ministro Silveira Godinho a propósito dos incidentes de ontem

« A decisão foi do Comando-Geral da P.S.P., e eu apoio essa decisão» - foi com estas palavras que, ontem, à saída do MAI, o ministro Silveira Godinho respondeu à pergunta sobre a responsabilidade da carga efectuada sobre civis e membros da P.S.P. no Terreiro do Paço.

O ministro baseou todas as suas respostas no facto de se tratar de uma «manifestação ilegal» com tratamento igual caso se tratasse de civis porque « o facto de serem agentes da P.S.P. não lhes confere nenhuma imunidade especial».

No entanto sobre o direito que reclamam de, como trabalhadores, se organizarem sindicalmente o ministro considera que têm estatuto diferente. « Os polícias são trabalhadores, mas há várias convenções da Organização Internacional do Trabalho, que prevêm que as forças de segurança e as Forças Armadas não tenham direitos sindicais».

Em relação à questão de nos outros países da Comunidade Europeia a polícia estar organizada sindicalmente Silveira Godinho afirmou: « Nós somos governantes de Portugal não somos dos outros países da comunidade.»

« As legalizações e a alteração das leis não se fazem na rua, fazem-se na Assembleia. A Assembleia pode tomar iniciativas, o governo pode tomar iniciativas de alterar a legislação. Não é na rua que as pessoas transformam as suas aspirações em direito.»

O ministro afirma que não vai propor alteração da lei, que considera ilegal o exercício de actividades de natureza sindical pelos agentes da PSP, e que «é essa lei que nós cumprimos».

Confirmando a detenção de seis elementos da Pró-Associação Sindical dos Profissionais da PSP que exigia ser recebida pelo ministro por «recusa de abandono das instalações do MAI», Silveira Godinho à pergunta se os agentes sindicalistas viriam a ser vítimas de represálias recusou-se a aceitar essa definição não considerando os processos e as detenções como outra coisa que não seja o «cumprimento da lei».

Foto de Rui Vasco

Após os incidentes, a Pró-Associação Sindical dos Profissionais da PSP realizou conferência de Imprensa

«O RAMO DE CRAVOS DO TERREIRO DO PAÇO É PARA O GOVERNO FESTEJAR DEPOIS O 25 DE ABRIL!»

Maria Antonia Martinho e Maria Jose Belo Marques

«Ao forçar os colegas do Corpo de Intervenção, com tanques de água e cães seus, a avançar contra os próprios colegas fardados que, pacificamente e sem qualquer problema contra a ordem e segurança públicas, aguardavam os elementos da Comissão que tinham ido entregar a moção ao Ministério da Administração Interna (MAI), o governo revelou ao país qual o tipo de forças policiais que pretende e que a repressão aí estará quando a legalidade já não lhe interessa».

Visivelmente indignados e numa demonstração da «força» que têm «para avançar», sete elementos da Pró-Associação Sindical dos Profissionais da PSP realizaram ontem, na sua sede, uma conferência de imprensa em que fizeram o "ponto da situação" dos acontecimentos da Praça do Comércio e em que, poucas horas sobre eles passadas, deram conta de várias ocorrências que as «autoridades oficiais e competentes» se recusaram, constantemente, a explicitar.

«Toda a população do país, e em especial a de Lisboa, ficou a saber porque é que o governo não quer o Sindicato da PSP e qual a natureza do comportamento do MAI» que acabou por provocar o «terror» a centenas de cidadãos que, fora da autêntica "cortina de Ferro" formada por agentes do Corpo de Intervenção (CI) que circundava o recinto do confronto, manifestava o seu inequívoco apoio aos agentes da polícia reprimidos e alvo de agressões.

Exigindo a «imediata restituição à liberdade dos colegas seus» para que pudessem «livremente» comparecer, «sendo caso disso» ao «julgamento sumário», os elementos do orgão coordenador nacional da Pro-ASP/PSP sustentaram que é «inadmissível e inacreditável» que agentes profissionais da PSP «sejam tratados como vulgares criminosos».

«A detenção dos elementos da PSP em Queluz foi realizada sem que tenha sido dado conhecimento ao Ministério Público, única entidade que pode dar legitimidade à prisão».

«Os heróis do 21 de Abril»

Perto das onze horas da noite de ontem, altura em que decorreu a conferência de imprensa, a Pró-ASP/PSP confirmou a detenção de seis elementos da corporação, os que tinham estado nas intalações do MAI «com o objectivo de entregar ao sr. ministro a moção que tinha sido aprovada na reunião realizada imediatamente antes», revelando mesmo as suas identidades.

José Carreira, Sub-Chefe Ventura, António Augusto, Sacramento, Ramos, e Vergílio Nascimento eram os agentes da PSP que, nesse momento, se encontravam detidos na esquadra de Queluz, «uma esquadra "normal" por onde passam todo o tipo de criminosos».

Até à altura em que se realizou esta conferência de imprensa, foi dada como certa a existência de catorze feridos, alguns dos quais «se encontravam a caminho do Porto», e alguns dos elementos do orgão coordenador da Pro-ASP/PSP presentes na mesa da conferência exibiram os seus ferimentos, uns resultantes dos ataques dos cães e outros de bastonadas.

A estranheza resultante da detenção dos agentes na esquadra de Queluz, quando tantas outras existem nas imediações do Terreiro do Paço, foi igualmente compartilhada pela Pró-Associação Sindical da PSP, tendo mesmo um dos agentes afirmado que «foram para ali porque já não existe o Tarrafal».

Segundo sustentaram os elementos da PSP presentes na conferência de imprensa, «muitos colegas houve que foram impedidos de comparecer no encontro promovido esta tarde, por ordens superiores, segundo as quais foram mandados para rusgas e postos de prevenção, e nalguns casos mesmo impedidos do gozo legítimo das suas folgas».

«O srº Comandante-Geral da PSP sabe que cada agente, mesmo fora de serviço, tem uma arma com dezasseis munições para seu uso próprio». Isto revela de imediato os vários milhares de munições que se encontravam na Praça do Comércio e que, ao mais pequeno sinal de «falta de autodisciplina» dos agentes sindicalistas, poderia ter resultado na mortandade de centenas de pessoas, inclusivamente de civis.

«Bem-hajam estes elementos, os heróis do 21 de Abril». Esta foi uma das tónicas postas durante a conferência de imprensa, em que a «passividade e a disciplina» dos agentes da PSP foi relevada como «mais uma prova do civismo da nossa actuação».

«O ramo de cravos de hoje no Terreiro do Paço é para o governo festejar depois no 25 de Abril!»

«Responsabilizamos os mentores da ordem»

«Não estamos contra os nossos colegas do Corpo de Intervenção (CI), apenas responsabilizamos os que os fizeram avançar, em primeiro lugar o srº ministro da Administração Interna».

Confrontados com a afirmação de Silveira Godinho, segundo a qual «a ordem partiu do Comandante-Geral da PSP», por entre sorrisos e olhares cúmplices, os elementos da Pró-ASP/PSP deixaram a interrogação no ar: «e quem dá ordens ao Comandante-Geral da PSP?».

«Responsabilizamos os mentores da ordem», sustentaram, e, afirmando «desconhcer quem comandava os dois pelotões do CI de serviço no local dos confrontos», a comissão coordenadora desta associação pró-sindical fez notar que «a maioria não actuou agressivamente», «muitos estavam lá obrigados» (apesar de «alguns se terem apresentado voluntariamente»), visto que «80% dos elementos do CI serem membros da Pró-ASP/PSP».

«A situação que se viveu na Praça do Comércio foi, mesmo do ponto de vista humano, absolutamente inacreditável. Era terrível ver colegas contra colegas, situação que a muitos provocou lágrimas nos olhos».

Afirmando que a actuação do CI foi «perfeitamente ilegal», a Pró-ASP/PSP sustenta que «os agentes da PSP não estavam em manifestação, mas apenas, pacificamente se encontravam nos passeios públicos a mais de cem metros do MAI, sem cartazes e silenciosos».

Aludindo ainda à afirmação do ministro de que «a alteração das leis não se faz na rua faz-se na Assembleia da República», perguntaram os agentes da PSP «como é que se negoceia sem que seja ouvida a parte interessada». «Negociar era o que nós pretendíamos quando nos deslocámos ao MAI, mas isso mesmo foi-nos recusado».

Foto de Rui Vasco

Foi o «bom» e «bonito» no Terreiro do Paço

continuação da pag. 2

cas» do comando-geral da PSP e providenciar para que seja abero um inquérito aos factos.

Ele, Torres Couto, fora traiçoeiramente agredido por um alto responsável da PSP que, depois, se escudou noutros polícias fardados que faziam serviço frente ao Ministério, para não ser identificado e se enfiar no MAI. Meia hora depois dessa cena - cerca das 20 horas -, vimos o sujeito, meio careca, na casa dos 50 anos, alourado, de bigode, sair do edifício comum aos Ministérios da Administração Interna e do Plano. É conhecido, foi identificado por polícias à paisana, há fotos da cena, o secretário-geral da UGT sabe o seu nome e que é subintendente da PSP.

Impasse e dúvida com a Coordenadora

No rés-do-chão do edifício do MAI e do Ministério do Plano, os seis elementos da Coordenadora Pó-Sindical da PSP, com José Carreira apreensivo (face ao que se passava cá fora e de que teria indicações por senhas que lhe passavam do exterior), não sabiam se estavam detidos, se estavam com liberdade (de movimentos) vigiada, se sairiam ou não dali. O que se sabe é que não tinham sido recebidos nem pelo ministro nem pelo secretário de Estado da Administração Interna, que no Terreiro do Paço havia feridos e ataques desvairados, a lembrar, nos tempos que correm, Santiago do Chile. Ou, folheando a nossa história recente, a avivar-nos as cargas tenebrosas e selváticas dos «choques» e dos «pides» em 1962, 1969, 1972 e 1973.

José Carreira e companheiros da Coordenadora tinham, ao que parece, caído numa armadilha» montada desde a «Voz do Operário», onde se haviam deslocado dois emissários do comando-distrital, Manuel Reis e Canelas Muacho, como primeiro a aconselhá-los a não se dirigirem ao MAI.

A entrega da moção, aprovada por unanimidade, foi ali decidida. Foi então perguntado aos cerca de dois mil guardas presentes - alguns deles no exterior - como proceder. Todos disseram que queriam deslocar-se ao Terreiro do Paço. Se Silveira Godinho (e o actual comandante-geral da PSP, general Amílcar Morgado) mandou carregar sobre os polícias e os populares para os desincentivar de se voltarem a reunir e a concentrar, deverá ter-se enganado rotundamente. Eles mandaram, o tenente-coronel Governo Maia, comandante do Corpo de Intervenção da PSP, executou as ordens. Peçam-se contas a todos.

Veio do Porto para se molhar...

«Vim do Porto, estou aqui todo molhado, a secar a roupa no corpo, vou estar mais algumas horas com esta roupa no corpo, até chegar a casa.Não sei o que me irá acontecer, mas virei sempre que seja preciso», disse ao «DL» um dos «sindicalistas» da PSP, enquanto escorria (torcendo) água das calças que vestia.

E também vi um «choque» com um cão preso à trela, um cão-polícia nas mãos de um polícia, cuja figura e investidas tão cedo se não me varrerão da memória. Raiva pelos dentes adentro, desatinando nas palavras, não sabendo o que dizia - mas ouvimos-lhe esta: «eu mato os todos» -, atacou, como que possesso de forças estranhas, tudo e todos: um agente ficou com a cabeça aos papos (caindo redondamente junto à estátua de D. José), o guarda Freitas (de Carnide) quase se não segurava em pé das cacetadas que levara e das mordidelas do cão que aquele detinha.

Não contente com isso, irado, positivamente fora de si, distribuiu cacetada por reporteres-fotográficos, empurrou um jornalista e ameaçou uma das reporteres da «Lusa», frente ao Ministério da Administração Interna. Facilmente confundível com o cão, bigode alourado, já com brancos.

A cena repetiu-se, multiplicou-se à medida que o tempo passava, protagonizada por outros polícias sem cães, cães-polícias e polícias-cães, por entre aplausos aos polícias que resistiam às cargas dos seus companheiros-polícias, apelos à democracia, invectivas ao fascismo- «fascismo nunca mais», ouvia-se -, mais bordoada, e água por todo o lado, e cães, e determinação de lutar para que a PSP tenha o seu sindicato.

REACÇÕES NEGATIVAS À FALTA DE DIÁLOGO SÃO GERAIS – DE PARTIDOS A SINDICATOS

Os acontecimentos de ontem frente ao Ministério da Adminsitração Interna suscitaram já reacções das centrais sindicais e dos partidos políticos da Oposição de esquerda. E se o direito à sindicalização dos agentes da PSP é por alguns afirmado cautelosamente, como é o caso do PS, num ponto todos estão de acordo: o Governo utilizou a repressão em vez do diálogo, pondo em causa um dos direitos mais elementares dos cidadãos. De Cavaco Silva, até ao momento, nenhum comentário. O seu gabinete limitou-se a remeter para as declarações do dia anterior, quando o Primeiro-Ministro considerou que qualquer manifestação daqueles profissionais seria ilegal, acrescentando tratar-se de uma questão de Estado. Para Cavaco Silva, o direito à sindicalização da PSP reivindicado pelos seus agentes não passa da tentativa do PCP, através da Intersindical, de «tentar manipular a PSP».

Os agentes da PSP que ontem estiveram envolvidos nos acontecimentos que suscitaram a intervenção da «polícia de choque» afirmam que não fizeram uma manifestação: não tinham cartazes, não gritaram palavras de ordem, desfilaram pelo passeio ordeiramente da Voz do Operário (onde decorreu o seu II encontro nacional) até ao Terreiro do Paço, para entregar ao ministro Silveira Godinho a moção aprovada.

Todas as reacções - e pronunciaram-se as centrais sindicais, o PS, PCP, PRD, UDP, PSR e MDP, enquanto o CDS e o PSD se remeteram ao silêncio - não põem em causa a legalidade - ou ilegalidade - da manifestação, mas a forma utilizada pelo Govèrno para responder a tão delicada questão: não o diálogo, mas a actuação da Polícia de Intervenção.

Aqueles partidos políticos consideram, nos comunicados emitidos, que os profissionais têm direito à sindicalização. O Partido Socialista também não contesta esse direito, embora considere, cautelosamente, que se trata de uma questão delicada.

Por sua vez, as centrais sindicais, cujos dirigentes estiveram presentes no encontro e desfilaram com os agentes e com eles foram alvo de agressões, defendem abertamente o direito à constituição de um sindicato daqueles profissionais, manifestando o seu apoio à concretização desse objectivo.

Mas se a sindicalização dos agentes da PSP pode suscitar dúvidas e alguma controvérsia de âmbito legal, a actuação da Polícia de Intervenção ontem à tarde, a lembrar outros tempos, foi unanimemente condenada. A repressão voltou à rua, pela mão de um Governo que optou pela violência, em vez do diálogo, como salientou a CGTP. A poucos dias de mais um aniversário do 25 de Abril. E isso ninguém cala.

UGT propõe manifestação de repúdio

A UGT vai propor à CGTP e aos sindicatos independentes a realização, segunda-feira, de uma «manifestação de repúdio» conjunta pela repressão da manifestação de polícias ontem, na Praça do Comércio, e considerou, pela voz de Torres Couto, que Silveira Godinho «não deveria estar mais um dia no lugar».

Em comunicado divulgado a propósito dos confrontos de ontem à tarde frente ao Ministério da Administração Interna, a central sindical considera que «a utilização brutal da força dá mais razão aos polícias».

«O Governo levou longe de mais a sua recusa em reconhecer o direito à organização sindical dos trabalhadores da PSP, direito esse reconhecido nos restantes países da CEE», refere o comunicado.

«É inaceitável que poucos dias antes do 15º aniversário do 25 de Abril o Governo insista em privar dos seus direitos fundamentais milhares de cidadãos», sublinha a central sindical, que manifesta também a disposição de «tudo fazer para que os órgãos de soberania venham a reconhecer, com eficácia real, o direito de associação dos polícias».

A UGT vai solicitar uma audiência ao Presidente da República e apresentar queixa ao Comité de Liberdade Sindical da Organização Internacional do Trabalho, acrescenta o documento do secretariado executivo da central sindical.

CGTP: o povo já não aceita a violência

O Governo é o «único» responsável pelos confrontos de ontem no Terreiro do Paço entre polícias e membros do Corpo de Intervenção, ao impedir a formação do sindicato dos profissionais da PSP, afirma a CGTP.

«Em vez do diálogo, com vista a ultrapassar eventuais dificuldades para a legalização do sindicato da PSP, o Governo enveredou, mais uma vez, pela repressão de uma forma violenta que o povo português já não aceita», acrescenta a central sindcial, em comunicado.

A CGTP salienta que pediu já audiências aos Presidentes da República e da Assembleia e ao Primeiro-Ministro para transmitir a sua posição sobre o assunto.

A central sindical reafirma que «a constituição do sindicato da polícia é um direito constitucional, responde às recomendações internacionais, designadamente da OIT, e é uma realidade nos países da Europa».

Cavaco Silva: manifestação ilegal

O gabinete do primeiro-Ministro remeteu ontem os jornalistas para as declarações feitas por Cavaco Silva quinta-feira, à saída da audiência semanal com o Presidente da República, ao ser convidado a comentar a eventualidade de uma manifestação de polícias.

Nessa ocasião, o Primeiro-Ministro considerou a manifestação dos agentes da PSP ilegal, e disse que o Governo já preparou, há algum tempo, legislação para apresentar na Assembleia da República, em que admite a possibilidade de existirem «organizações de carácter deontológico na PSP».

«Mas só pode ser aprovada na Assembleia por maioria de dois terços, por isso há mais de dois anos que vêm a decorrer contactos com outras forças políticas democráticas do Parlamento, tendo em vista a sua aprovação», explicou então o Primeiro-Ministro.

«Chegou a estar aprovado pelo Governo e por um partido de oposição um texto, simplesmente a certa altura o Governo caiu, dando lugar às eleições de 1987», acrescentou.

«Depois foi aprovado outro texto, mas ocorreu uma crise no outro partido, e até este momento não foi possível à Assembelia da República votar esse texto», disse ainda.

«Espero bem que a Assembleia assuma, não daqui a muito tempo e tão rapidamente quanto possível, as suas responsabilidades nessa matéria», observou ainda o Primeiro-Ministro à saída da audiência com Mário Soares, um dia antes dos acontecimentos da tarde de ontem.

«O Governo mantém a posição que já vem de governos anteriores, que é a de que são ilegais as manifestações ou as reuniões de natureza sindical por parte da PSP», disse ainda Cavaco Silva.

Para o Primeiro-Ministro esta é uma questão de Estado e «nos termos da lei são proibidas manifestações de forças militarizadas. A PSP é uma força militarizada, portanto se fizesse uma manifestação estava a ir contra a lei. E compete à hierárquia da PSP garantir a disciplina das suas próprias forças», observou.

«E o Governo apoia totalmente a hierarquia na manutenção da disciplina dentro da PSP, que tem a ver com a segurança das pessoas, com a tranquilidade das pessoas e com a manutenção da ordem pública», disse, acrescentando:

«Por isso, não podemos deixar de manifestar a nossa repulsa à tentativa de manipulação que algumas forças partidárias estão a tentar fazer junto da PSP», afirmou Cavaco Silva, para quem o PCP, através da Intersindical, «tem tentado manipular a PSP, o corpo da PSP que é composto na sua grande maioria por pessoas respeitáveis e cumpridoras da legalidade».

«Protesto indignado» do PS

O Partido Socialista apresentou ontem, através do seu porta-voz Marques da Costa, «um protesto indignado pela forma como foram agredidos brutalmente cidadãos que se manifestavam por um direito legítimo».

O facto de alguns deputados à Assembleia terem sido agredidos pela Polícia de Intervenção durante a manifestação de polícias da PSP frente ao Ministério da Administração Interna mereceu uma referência especial no protesto do PS, que sublinha «não se ter distinguido o estatuto especial desses deputados».

Interrogado sobre o facto de se tratar de uma manifestação que não está autorizada nos termos da lei, Marques da Costa respondeu que o protesto do Partido Socialista se dirige «à actuação do Governo, que utiliza como primeira arma a agressão em vez do diálogo».

«O Governo deu hoje o exemplo brutal e indiscutível da forma como pretende resolver problemas de extrema delicadeza, como o próprio Primeiro-Ministro reconheceu quinta-feira», acrescentou o dirigente socialista.

Sublinhando que a posição do seu partido é «favorável à sindicalização da polícia», Marques da Costa acrescentou: «O PS vai estudar atentamente o que se passou hoje, aguardar um relato mais concreto dos factos e em seguida accionará todos os mecânismos que considerar necessários».

Aquele dirigente admitiu a hipótese dos socialistas virem a tomar uma posição na Assembleia da República, mas sem concretizar. «Vamos ter que discutir serenamente essa questão», disse.

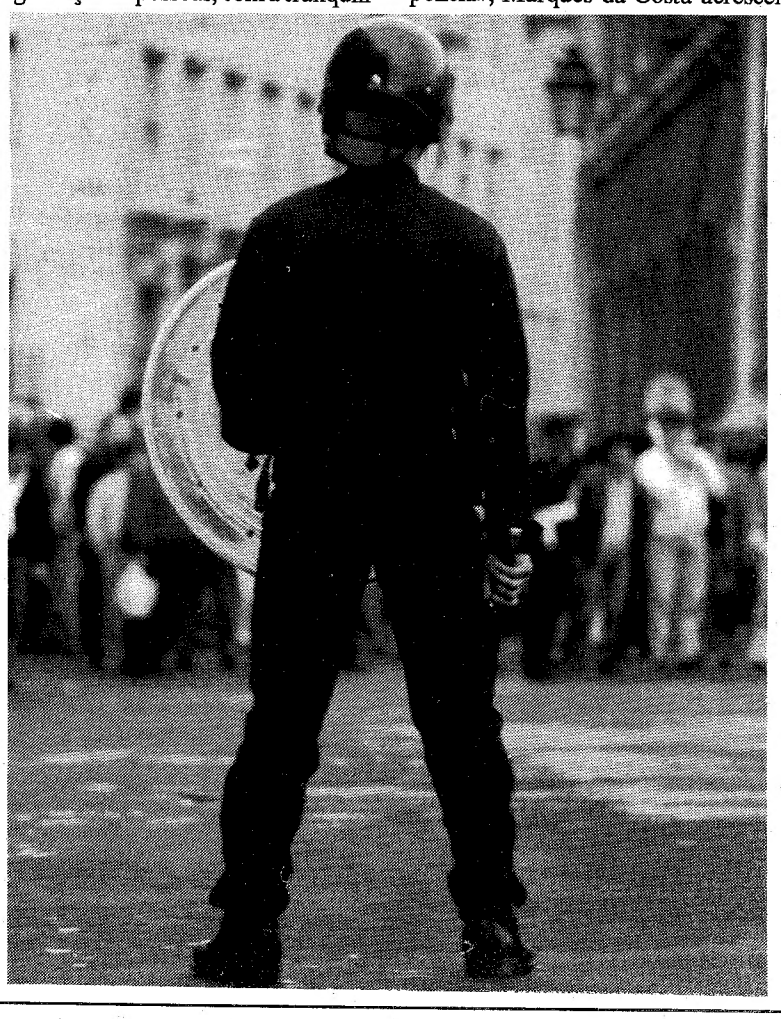


Foto de Rui Vasco

Mário Soares não comenta

O Presidente da República escusou-se ontem a comentar os incidentes ocorridos no Terreiro do Paço durante a manifestação dos agentes da PSP.

Mário Soares, que se encontrava companhado do ministro da Defesa, Eurico de Melo, foi abordado pela agência Lusa à entrada do Palácio da Bolsa, no Porto, onde jantou e assistiu a um desfile de moda.

PCP: política arrogante do Governo

O PCP condenou «as intoleráveis acções repressivas desencadeadas por ordem do Governo contra a concentração dos agentes da PSP, em luta pelo reconhecimento dos seus direitos sindicais».

«Trata-se de mais uma flagrante demonstração de uma política autoritária, arrongante e intolerável com a qual o Governo entra em conflito directo com os princípios básicos da vida democrática», refere um comunicado do Partido Comunista Português.

«O PCP reafirma que o direito de associação sindical dos agentes da PSP constitui uma justa aspiração que pode e deve ser plena e rapidamente assegurada no regime democrático português», acrescenta o texto.

PJ repudia «medidas repressivas»

A direcção da Associação Sindical dos Funcionários de Investigação Criminal da Polícia Judiciária repudiou «as medidas repressivas contra elementos da PSP, a todos os títulos inqualificáveis e à margem da lei vigente».

Em comunicado enviado ao Primeiro-Ministro e ao ministro da Administração Interna, aquela direcção manifesta publicamente o seu apoio «à luta dos profissionais da PSP».

Polícias da Europa apoiam colegas portugueses

O Conselho Europeu dos Sindicatos de Polícia, reunido em Atenas, aprovou uma moção de repúdio pela «incompreensão» do ministro da Administração Interna português em não aceitar a sindicalização da PSP.

O comité executivo do conselho, presidido pelo espanhol Miguel Martin, salienta que o direito de sindicalização é já reconhecido nas demais polícias europeias.

O Conselho Europeu solidarizou-se também com a actividade dos colegas da PSP e enviou um telegrama ao ministro português da Administração Interna a dar conta das decisões tomadas na reunião de Atenas.

Ministro da Administração Interna em Governo PS

MANIFESTAÇÃO DA PSP ERA ILEGAL MAS COMPORTAMENTO DAS AUTORIDADES FOI DESADEQUADO

Eduardo Pereira, actualmente deputado do PS e que foi ministro da Administração Interna no IX Governo Constitucional, considerou ontem ilaegal a manifestação dos agentes da PSP, mas também desadequado o comportamento adoptado pelas autoridades. «O Ministério da Administração Interna deveria ter actuado preventivamente, de forma a evitar que isto se desse», disse.

«Têm possibilidades de identificação dos polícias que não cumpram determinadas regras, e têm sempre maneira de actuar de forma administrativa», afirmou, acrescentando: «Não se devia ter deixado chegar a situação a este ponto».

Para Eduardo Pereira a reacção das autoridades foi «pouco civilizada, não guardando proporção entre a falta cometida e os meios adoptados».

«Nao é a primeira vez que o Governo não está de acordo com a sindicalização da PSP, mas já se deram em anos anteriores alguns passos no sentido de ultrapassar a situação existente», lembrou.

«Foi criada pelo último Governo do PS uma Escola Superior da Polícia e o que se pretendia era substituir os oficiais do Exército por pessoas formadas nessa escola ou por oficiais do Exército que pretendam deixar de o ser para se transformarem em oficiais da PSP», disse.

«Essa acção, contudo, foi depois parada e não teve o seguimento que devia ter tido», salientou.

«A situação (de ontem) resultou do facto da polícia pretender sindicalizar-se, mas sendo ainda comandada por oficiais do Exército é um copro militarizado e como tal não pode ser sindicalizado», explicou.

Sindicato na PSP só sem oficiais do Exército

«A polícia tem de gerar em si os seus próprios oficiais e então já é possível a sindicalização, embora seja conveniente, no caso de haver a sindicalização, restringir alguns direitos, como por exemplo o direito à greve, que não fará muito sentido», considerou Eduardo Pereira.

Para o deputado socialista, «só poderá haver sindicatos na polícia

quando esta deixar de ser comandada por oficiais do exército, pois é isto que resulta da conjugação da actual legislação sindical com os deveres dos oficiais do Exército».

A situação portuguesa é diferente da de outros países, onde as forças do tipo de GNR e da GF são comandadas por oficiais do Exército, mas não a polícia, recordou.

Em Portugal não só a GNR e a GF têm estado sob o comando de militares como também a PSP, o que faz com que a polícia em Portugal não possa ser sindicalizada.

PSP: regulamento disciplinar de 1955

Eduardo Pereira recordou que em 1982 o Governo AD publicou em decreto-lei um regulamento disciplinar da PSP que era omisso em relação à sindicalização.

Este decreto foi depois chumbado por ter sido considerado inconstitucional - a matéria era da competência do Parlamento -, o que fez com que continuasse em vigor o regulamento disciplinar de 1955.

Entretanto, a lei de Defesa Nacional (complementar da revisão constitucional de 1982), que foi aprovada na Assembleia pelo PSD, PS e CDS, limitava os direitos dos elementos da GNR e da GF mas, quanto à PSP, remetia para posterior regulamentação.

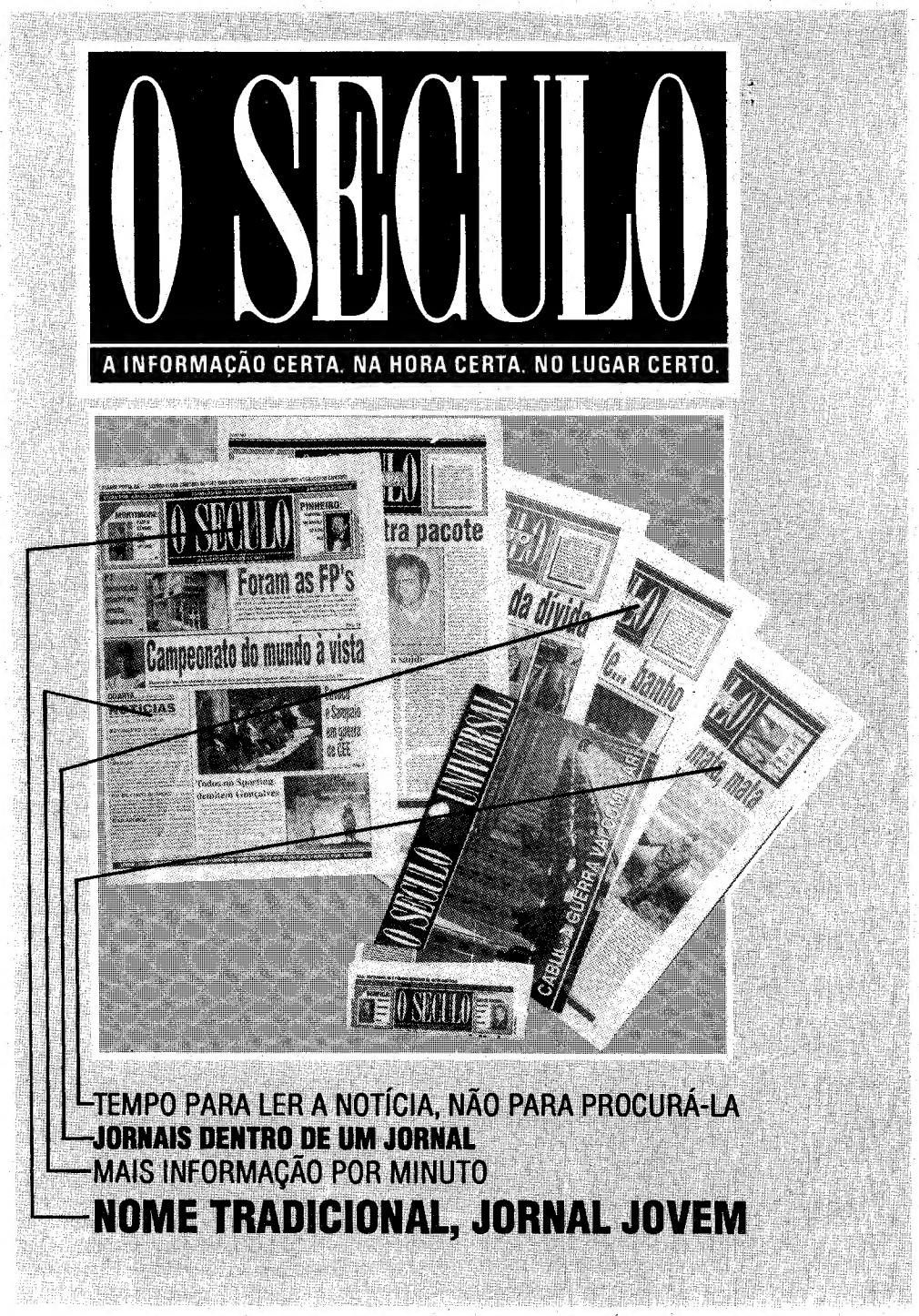
«Esta regulamentação foi tentada algumas vezes depois, mas até hoje nunca chegou a ser aprovada na Assembleia», recordou.

Em 1984, sendo ministro da Administração Interna o próprio Eduardo Pereira, foi publicado o estatuto da PSP, o qual é omisso em relação à questão da sindicalização, que cabe no regulamento disciplinar daquela polícia.

Mais tarde, por força do estatuto, dos oficiais do Exército em serviço na PSP uma parte regressou ao Exército, outra transformou-se em oficiais do quadro da PSP, mas uma grande parte manteve-se ao serviço da polícia embora continuando a pertencer ao Exército, recordou.

Entretanto, tem estado a ser preparada pelo Governo uma proposta (que exige a votação de dois terços) a apresentar na Assembleia da República, que prevê a possibilidade de criação de uma associação deontológica - mas não sindical - na PSP, disse.

«O PS tem vindo a analisar essa situação, mas há um impasse, uma vez que os negociadores do PS e do Governo não têm chegado a acordo», explicou.



Torres Couto ao «DL»

«Vi disto há quatro meses mas foi em Santiago do Chile»

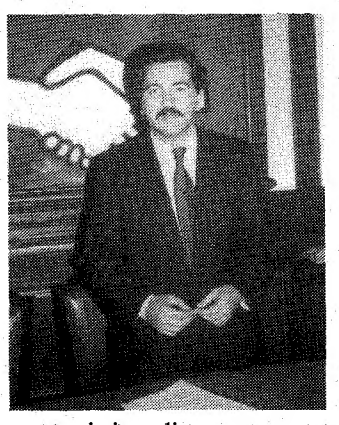
«Vi disto, ou igual a isto, mas foi há quatro meses, em Santiago do Chile - afirmou Torres Couto ao «DL», depois de ter sido agredido por um subintendente da PSP, à paisana. Responsável que um polícia-manifestante identificou e do qual o secretário-geral da UGT apresentará queixa na instâcia devida.

Rodeado por sindicalistas e amigos, aos quais mais tarde se veio juntar Agostinho Roseta, Torres Couto foi assistido no posto da Cruz Vermelha Portuguesa, no Terreiro do Paço, após a agressão de que foi vítima, em plena Praça do Comércio.

Foi assim: depois de um primeiro jacto de água e de algumas bastonadas, o secretário-geral da UGT procurou, naturalmente, sem, largar o cordão dos polícias-manifestantes, defender-se. Foi então que um sujeito bem posto, fato cinzento, alguma calvície a acentuar-se, lhe dirigiu algumas imprecações e ofensas, face ao seu gesto de auto-defesa. Não se ficou por aí: agrediu-o com uma bofetada e um pontapé. Não conseguiu escapar-se, porque Torres Couto agarrou-o com força, exigindo-lhe a identificação.

Outros manifestantes lhe cairam-lhe em cima, vingando em frente do MAI o desforço físico de que havia sido vítima o líder da UGT.

«Vou exigir desculpas públicas do comando-geral da PSP e solicitar um inquérito aos acontecimentos», avançou ainda Torres Couto, então já rodeado



por mais jornalistas, enquanto Carvalho da Silva, também encharcado (assim como Manuel Lopes), dava entrada numa ambulância da CVP que, mais tarde, o transportaria ao Hospital de S. José, onde o secretário-geral da CGTP/IN se inteirou do estado dos feridos.

Enquanto os polícias-manifestantes gritavam «nós somos vossos colegas, somos amigos, vocês deviam estar do lado de cá» e o pânico se generalizava a todo o Terreiro do Paço, Torres Couto e demais sindicalistas, movimentavam-se.

Questionado pelos radialistas que cobriam o acontecimentos, Torres Couto afirmava que «era a última coisa que poderia acontecer neste País». «Isto é uma vergonha, parece o tempo do fascismo: não é com repressão que se combate a razão», acrescentou.

Já na parte final da «refrega», o secretário-geral da UGT revelou que iriam reunir «os nossos órgãos e agir em conformidade, manifestando desde já a nossa posição de repúdio pelo que está a acontecer aqui»,disse.

«Isto parece-me o Chile», acrescentou Torres Couto enquanto trocava o casaco do fato por uma camurcina que Augusto Ormonde, também da UGT, lhe emprestara.

Já a «Polícia de Choque» havia carregado, com mais força, sobre populares junto ao Cais das Colinas e na entrada para os barcos do Sul-Sueste, chegando ao ponto de lançar duas granadas lacrimogéneas. Era o que faltava, então.

A imagem que aí se viveu é já conhecida do País e não abona nada o comando-geral da PSP, o ministro da Administraçºao Interna, Cavaco e este Governo, O alvo eram pessoas indefesas, que os «choques» desafiavam, dizendo que «quando as sentires no corpo, já ninguém tas tira». Diziam-no os mais conscientes...

Tudo começara da melhor forma, na «Voz do Operário», onde os polícias aprovaram uma moção reivindicativa. O coordenador nacional da ASP, José Carreira, foi claro na sua intervenção, apelando ao Governo que «enterre o machado de guerra, arquive os processos disciplinares e dialogue com os profissionais da PSP».

O comando-geral da PSP emitiu entretanto uma nota em que, comentando o confronto entre polícias, sublinha que «actuou contra os desordeiros».

Polícia «dialoga» com polícias à bastonada

Foto de Rui Pacheco

A ESQUADRA DOS «HOMENS BONITOS»

Ao lado do MAI, ontem, entre dois cordões do Corpo de Intervenção (CI), fica a 2ª Esquadra da Chefe Maria Firmina, que se encontrava super-povoada pelos seus efectivos fardados e à civil, de serviço ou não.

Quando da retirada das forças repressivas, e apesar dos pedidos histéricos de «silêncio» por parte da Chefe, os agentes que se encontravam à porta da sua esquadra juntaram-se aos apupos que que eram dirigidos pela população ao CI, apelidando-os de «porcos» e «fascistas».

Enquanto mais abaixo as viaturas do Corpo de Intervenção eram apedrejadas, aquele agente, sem farda e fora dos olhos e ouvidos de hierarquias superiores, confessou ter sido impedido com os seus colegas de se juntarem aos agentes que tinham estado concentrados no Terreiro do Paço, visto a sua «esquadra ter sido posta de prevenção».

«Porcos» foi como este agente apelidou os colegas do CI, aproveitando para revelar a injustiça de terem uma diferença de quase 20 contos de vencimento em relação ao "cívico normal".

Querendo a confirmação por parte da Chefe da Esquadra da ordem de prevenção e do local para onde teriam sido transportados os detidos, Maria Firmina recusou-se a prestar declarações afirmando, com orgulho, unicamente, que tinha « uma esquadra de homens bonitos».

Sem conseguir calar os seus «homens bonitos», a Chefe, gritando e implorando às repórteres «não armem mais confusões» - quando só lhe era solicitada a confirmação da detenção, ou não, de homens na sua esquadra - negou que o seu posto policial tivesse estado de prevenção.

Restava ainda algum pânico em função de um possível recuo das viaturas do CI e de, à mais pequena centelha se reacender a «batalha». Recusando prestar declarações, todos os agentes, presentes no meio de uma guerra interior, não resistiam ao seu estatuto de cidadãos e ao clima de solidariedade envolvente para tímidamente desabafarem o horror de que foram protagonistas.

Connosco ficou a memória da última frase ouvida:

«Eles são os fascistas, nós somos os democratas» gritava um "homem bonito".

M.A.M. e M.J.B.M.

Foto de Rui Vasco

Quinze anos após o 25 de Abril

Lançada uma campanha pela libertação de Otelo

A comemoração do 25 de Abril faz acender com mais intensidade as campanhas pela libertação de Otelo Saraiva de Carvalho, um dos principais mentores da revolução, que agora ameça encetar uma greve de fome caso não lhe seja concedida a amnistia.

A Comissão «Pró-Aministia Otelo e seus companheiros» defendeu ontem a libertação de todos os presos do processo «FUP/FP-25».

Comentando notícias de acordo com as quais o Supremo Tribunal de Justiça poderá reanalisar o processo que envolve aquele militar, Carlos Antunes afirmou que «não se podem admitir que na prática os arguidos deste caso sejam tratados com dois pesos e duas medidas, sofrendo uma discriminação, que pode enterrar no esquecimento uma parte dos presos».

Segundo Carlos Antunes, «este acontecimento veio reforçar a ideia que se deve intensificar a luta pela amnistia como única solução global definitiva e equitativa». A mesma posição defende o Comité Europeu para a Defesa dos Refugiados e Imigrados, que promove uma campanha em Portugal e em toda a Europa neste sentido.

Três membros do referido comité, que têm divulgado internacionalmente o que consideram ser a «ilegalidade» da situação de Otelo em prisão preventiva há cinco anos, encontram-se para esse efeito em Portugal durante uma semana. «Trata-se de uma violação dos direitos do homem inadmíssivel num país da Europa Ocidental», frisa o Comité.

Segundo um dos membros da delegação do Comité, que integra representantes da Austria, França e Suiça, «o que estamos a fazer neste momento é uma campanha de mobilização em toda a Europa para congregar apoios para a libertação imediata de Otelo, cujo nome é em todos os países da Europa do Ocidente associado ao 25 de Abril».

O Comité Europeu para a Defesa dos Refugiados e Imigrados considera que «não se trata de uma ingerência na política interna, mas de um alerta internacional para uma situação de violação dos direitos humanos». Chama ainda a atenção para o facto de o processo Otelo conter várias irregularidades e salienta que o código penas português preve um período máximo de três anos para prisão preventiva. «É uma situação inaceitável num país signatário da convenção europeia e membro da CEE», assinala o Comité.

No âmbito do movimento internacional de protesto contra a prisão de Otelo, o vice-presidente da Liga Francesa dos Direitos do Homem, Henri Leclerc, fará na próxima segunda-feira uma exposição da situação do estratego do 25 de Abril perante a Comissão Europeia dos Direitos do Homem, em Estrasburgo, exigindo ainda o seu julgamento «por um tribunal independente e imparcial».

Mikis Theodorakis, Renaud, George Moustaki, Chico Buarque da Holanda, Pablo Milanes, Carlos do Carmo e José Mario Branco, são nomes da «canção de intervenção» que participam num album intitulado «Obrigada Otelo», cuja divulgação coincide com o 15º aniversário do 25 de Abril.

Soares e Otelo entrevistados pela «Panorama»

A revista espanhola «Panorama» publicou ontem entrevistas de Otelo Saraiva de Carvalho e Mário Soares. O estratega da «Revolução dos Cravos», anunciou que petende iniciar uma greve de fome por tempo indeterminado a partir do 25 de Abril, caso não seja libertado antes.

«Eu não exijo uma amnistia, nem sequer um indulto, a greve de fome diz respeito à ilegalidade a que estou submetido, depois de quase cinco anos de prisão preventiva, quando o Código Penal consagra um máximo de três anos», afirma Otelo na entrevista à «Panorama», revista que publica fotografias tiradas clandestinamente na prisão de Tomar e que será excepcionalmente posta à venda em Portugal.

Otelo Saraiva mostrou-se determinado nas declarações que prestou: «Se querem manter-me na prisão terão um cadáver. Se estou disposto a tomar essa decisão é porque não vejo outra saída e posso garantir que a greve do fome será por tempo indeterminado e até às últimas consequências».

Por seu turno, Mário Soares afirmou à revista espanhola que os ideais do 25 de Abril estão intactos. «Alcançou-se a liberdade, construiu-se a denmocracia pluralista, venceu-se a luta contra a ditadura e a favor dos direitos do homem e também se completou o processo de descolonização», susutentou o Presidente da República.

Nas declarações à «Panorama», que dedica quinze páginas às comemorações do 15º aniversário do 25 de Abril, o chefe de Estado português disse estar «preocupado» pela prisão de Otelo, mas não adiantou mais nada sobre o assunto.

Mário Sores falou ainda das «relações estreitas que Portugal e a Espanha mantém». Segundo as suas palavras, «depois de passadas as desconfianças e os ressentimentos, as relações com a Espanha são excelentes e podemos dizer que somos solidários na Comunidade Económica Europeia».

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL

Prevenção Rodoviária Portuguesa no Funchal

O director da Prevenção Rodoviária Portuguesa, José Miguel Trigoso, visita oficialmente a Madeira de 26 a 29 de Abril com o objectivo de proceder à análise a questões relacionadas com a segurança rodoviária, foi anunciado.

A deslocação de José Miguel Trigoso, a convite da Secretaria Regional da Administração Pública, responsável pela tutela no sector dos transportes, insere-se no âmbito da implementação, já anunciada pelo executivo insular para este ano, de novas medidas tendentes a assegurar a segurança em infra-estruturas rodoviárias a serem inauguradas.

A Secretaria Regional da Administração Pública, sublinhando a importância do sector, anunciou a criação, «em breve», de uma divisão de segurança rodoviária.

A Câmara Municipal de Lagoa vai encomendar um estudo do tráfego automóvel na zona baixa da vila – anunciou o vereador de obras públicas da autarquia.

Joaquim Piscarreta referiu que esse estudo permitirá avaliar a forma como o trânsito se processa actualmente e escolher eventuais modificações a introduzir.

Uma das modificações previstas, cujo impacte o estudo irá avaliar, é o desvio do trânsito de pesados vindo de Silves em direcção à Estrada Nacional 125, através da nova Rua dos Bombeiros Voluntários, actualmente em obras.

Esse desvio, esclarece o vereador, «poderá facilitar o escoamento do trânsito na Baixa de Lagoa, em geral dificultado pelos veículos pesados que são obrigados a atravessar a vila para chegar à Estrada Nacional 125».

A Rua dos Bombeiros Voluntários deverá ser aberta por completo ao tráfego em princípios de Maio após a conclusão das calçadas.

Também o encerramento ao trânsito da estrada Lagoa/Canadá, que serve uma das mais importantes zonas turísticas do concelho de Lagoa, tem estado a causar grandes transtornos a residentes e turistas.

A estrada está encerrada para obras há uma semana, mas a Câmara de Lagoa não colocou ainda as necessárias palavras com indicação dos percursos alternativos.

Alguns turistas chegados durante a noite ao Algarve e que se dirigiam para as casas alugadas nas zonas de Mata Serrão, Boavista e Sesmarias foram obrigados a pernoitar em hotéis devido à impossibilidade de encontrar o caminho.

O vereador das obras públicas da Câmara Municipal de Lagoa, Joaquim Piscarreta, disse que as obras na estrada Lagoa/Canadá irão durar dois meses.

As obras incluem pavimentação e alargamento daquela via e estão orçadas em 26 mil contos.

Um morto e um ferido grave é o balanço de uma colisão de um motociclo contra um comboio de mercadorias registada ontem na passagem de nível de Adémia, Coimbra, na Linha do Norte, informou a PSP.

Segundo a PSP de Coimbra, o acidente verificou-se cerca das 2.30 horas da madrugada, quando os motociclistas desrespeitaram inadvertidamente os sinais luminosos e a guarda da passagem de nível, chocando de seguida contra a última carruagem do comboio.

O morto e o ferido, cuja identificação não foi apurada, são ainda jovens, disse a mesma fonte policial.

Seis mortos e 47 feridos é o balanço dos 91 acidentes de viação registados pela Brigada de Trânsito da GNR nas 24 horas findas ao meio-dia de ontem.

Dos feridos, 17 ficaram em estado grave.

GALP
Lubrificantes

Afirma subdirector do Serviço Prisional

SISTEMA PRISIONAL TEM DE ULTRAPASSAR O CARÁCTER FECHADO

O sistema prisional português tem de ultrapassar o carácter fechado que historicamente tem assumido, considera o subdirector-geral dos Serviços Prisionais, António Luís Vicente, em artigo assinado na última edição da revista «Temas Prisionais».

Aquele responsavel assinala que um dos factores a influenciar tal objectivo é o interesse existente de o recluso dever ser preparado para a liberdade com a consequente reintegração social.

Para o subdirector António Lus Vicente, «é mister uma informação clara da sociedade sobre a maneira como se actua dentro do sistema prisional e por que razões».

Luís Vicente refere naquela publicação da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais que «os obstáculos, as dificuldades tradicionalmente, desde sempre, postas às visitas às cadeias, originam um desconhecimento do que se faz e do que se pretende com a acção penitenciária».

Desta atitude, prossegue, resulta um divórcio entre a comunidade e a cadeia, reagindo aquela mal, por vezes, a pequenos incidentes do quotidiano da população livre, mas não são empolados quando um recluso é neles interveniente.

«A falta de conhecimento, por parte de certas entidades, da política penitenciária e, algumas vezes, até, a ignorância dos mais elementares princípios que norteiam o funcionamento da prisão, tem levado a reacções injustificadas, a pedidos de esclarcimentos e de informações, tudo implicando uma desnecessária sobrecarga para os serviços», sublinha aquele responsável prisional.

A administração prisional, segundo aquele subdirector, parece não acreditar em si própria, fechando-se sobre si mesma.

«Limita-se a reagir, e quantas vezes nem isso, por exemplo, a perguntas ou a artigos de Imprensa. Muitos destes apenas politizados e/ou imbuídos de espírito crítico negativo, com intenções falsas», considera.

«Pode dar a ideia de auto-suficiência, de noção de honestidade funcional, de humildade na acção, mas a verdade é que tal política passiva em nada favorece a tranquilidade do funcionamento da prisão, nem proporciona a concretização do objectivo final da acção penitenciária – que é da reintegração social do deliquente», acentua.

Contrapõe: «Antes gera uma publicidade negativa, com sérios reflexos nos serviços (desmotivação, desânimo, frustração dos funcionários) e na reintegração social dos delinquentes (falta de receptividade da sociedade ao homem que sai da cadeia, quando, por exemplo se lhe nega emprego).»

É de admitir, segundo o subdirector-geral dos Serviços Prisionais, «com razoabilidade, que uma acção de esclarecimento, a vários níveis, mesmo no aparelho do Estado, poderia proporcionar à administração prisional os meios humanos e materiais de que ela tanto necessita para cumprir melhor a missão que lhe está confiada».

«A comunidade não devia permanecer no erro de considerar que são poucos os delinquentes que não voltam à cadeia, quando, afinal, os serviços podem afirmar ser elevada a percentagem de êxito das liberdades condicionais», ressalta.

Vicente assinala que «cerca de 60 por cento, que é significativo o êxito das saídas precárias (cerca de 96,8 por cento das concedidas), e que da totalidade dos reclusos existentes nos estabelecimentos, cerca de 47 por cento não averbam qualquer prisão, 14 por cento têm duas prisões e apenas 17 por cento têm três ou mais detenções (o que não significa condenações)».

A administração prisional «devia mostrar insofismavelmente, claramente a utilidade e a validade imensa da sua acção de regeneração dos deliquentes e da sua recuperação como homens válidos, homens cuja reintegração social como pessoas de parte inteira será mais efectiva e real», acrescenta.

Médicos e farmácias implicados em burlas com medicamentos

Cento e quarenta e cinco médicos e duzentas e dez farmácias estão implicados em eventuais crimes de burla pela utilização abusiva de nomes e números de 300 beneficiários do Serviço de Assistência Médico-Medicamentosa, anunciou a Polícia Judiciária.

Uma nota distribuída pela Polícia Judiciária refere ter concluído e remetido a tribunal um volumoso processo de mais de quatro mil páginas, relativo a crimes de burla de que terá sido vítima um serviço de assistência médico-medicamentosa, entre os anos de 1985 e 1986.

O montante da burla é superior a seis mil contos, segundo a PJ, de que terá sido vítima os SAMS do Sindicato dos Bancários.

O processo envolve clínicos e estabelecimentos farmacêuticos da Grande Lisboa, Torres Vedras, Setúbal e mesmo Algarve, e, segundo a PJ, teriam sido utilizadas mais de 1800 receitas, prescrevendo medicamentos dos mais diversos tipos, nas quais se fazia constar ilicitamente os elementos identificativos de beneficiários registados em fichas clínicas anteriores (ou foram simplesmente forjados).

Uma vez aviadas as receitas eram remetidas ao Serviço de Assistência para pagamento da comparticipação de 80 por cento do respectivo valor, assinala a Polícia.

A Polícia Judiciária acrescenta que no decurso das investigações foram detectadas situações de vários tipos: nuns casos os médicos terão prescrito em nome de beneficiários, adquirindo e utilizando os medicamentos em seu proveito ou no de familiares.

Noutros, a pedidos de farmácias, terão sido passadas receitas relativas a remédios anteriormente vendidos e pagos pelos respectivos compradores mas cujas etiquetas ficaram na posse do estabelecimento, obtendo-se assim um duplo recebimento (venda real mais comparticipação).

Ainda noutros casos, segundo a Judiciária, terceiras pessoas terão apresentado abusivamente elementos de identificação de beneficiários seus conhecidos, aproveitando indevidamente descontos de 80 por cento, também aqui a ser suportados pelo serviço lesado.

Português preso em Espanha por roubo e violação

Um português foi preso por ter roubado e violado, sob a ameaça de um navalha, uma jovem madrilena que se preparava para apanhar o metropolitano – informou hoje a polícia.

A ocorrência verificou-se em Dezembro do ano passado, na capital espanhola, mas o violador António Oswaldo Trinchete, de 29 anos, só foi preso há poucos dias, quando regressou ao bairro de lata onde vivia nos subúrbios de Madrid.

A vítima, de 23 anos, reconheceu-o como o homem que, sob a ameaça de uma navalha lhe roubou o casaco de peles, relógio e dinheiro, e a violou em seguida – de acordo com a denúncia feita na Polícia.

António Oswaldo Trinchete tem antecedentes criminais com delitos semelhantes aos que é acusado de ter praticado em Dezembro de 1988 – referiu a Polícia.

Via rápida aumenta mobilidade dos marginais

A nova via rápida que atravessa a serra do Marão está a alargar a Trás-os-Montes a actividade dos marginais portuenses, vários dos quais têm sido detectados e detidos em Vila Real, disse o comandante distrital da PSP desta cidade.

O comandante Celestino Fontes disse que os marginais aproveitam a abertura da via rápida para desferir os seus golpes e que, por isso, o momento é «de reflexão e de combate criminalidade».

O surto de desenvolvimento e expansão da cidade «tem um preço elevado» que a corporação combate «com dificuldades», disse o oficial ao dirigir-se a forças em parada e populares durante as comemorações do 106.º aniversário da PSP de Vila Real.

«Apesar das dificuldades, que sempre procuramos ultrapassar, podem as populações estar certas que estaremos vigilantes e atentos e que faremos tudo o que estiver no nosso alcance para que a segurança seja efectiva», acentuou.

Data de 21 de Abril de 1883 a primeira ordem de serviço assinada pelo primeiro-comissário de Polícia de Vila Real, Francisco Pereira Cabral, simultaneamente administrador do concelho.

Teve bom aproveitamento o simulacro de incêndio na escola de Benfica

Um simulacro de incêndio ontem na Escola Secundária de Benfica mostrou como se prestam socorros a eventuais cinco feridos graves, neste caso alunos do estabelecimento.

O simulacro de explosão ocorrida numa das salas do bloco C, foi seguida de uma simulação de incêndio, tendo cinco alunos sido considerados feridos com queimaduras graves, fracturas e politraumatismos.

A prestação de primeiros socorros e a evacuação dos edifícios realizada pelo piquete de socorro para a cidade de Lisboa da Cruz Vermelha Portuguesa mobilizou cerca de 20 pessoas e quatro viaturas, nomeadamente duas ambulâncias, um jipe «Rescue» para todo o terreno e uma viatura de comando.

Segundo a associação de estudantes, esta iniciativa pretende «dinamizar e alertar a população estudantil para os riscos inerentes na actividade da própria escola».

Para os elementos desta organização estudantil a Escola Secundária de Benfica apesar de possuir, «no aspecto estético, uma visão agradável carece de segurança.»

«Estamos bastante preocupados com a insuficiência dos exaustores instalados na sala de química do bloco A, e com os difíceis acessos a este ponto da escola», afirmaram.

Na opinião do comandante do piquete da Cruz Vermelha, capitão Mourilo, «a operação foi eficiente e contribuiu para ensinar tudo aquilo que se deve e o que não se deve fazer em acidentes deste género».

A Escola Secundária de Benfica foi construída há cerca de nove anos e actualmente possui 1150 alunos.

«Correios» de droga presos na Portela e Pedras Rubras

Um responsável de Dircção-Geral das Alfândegas revelou que nos últimos oito dias nos aeroportos de Lisboa e Porto foram apreendidos 20 quilogramas de cocaína, no valor de 430 mil contos.

As duas últimas apreensões registadas ocorreram nos aeroportos da Portela, em Lisboa, e Pedras Rubras, Porto, tendo sido detidos dois colombianos, um em cada aeroporto, com 2,060 quilogramas e 4 quilogramas, respectivamente.

Ambos os «correios» vinham de Caracas e transportavam a droga em escovas de sapatos, no interior de seis rodas de um carrinho de bebé e nos forros de duas malas.

A droga e os colombianos foram entregues à Polícia Judiciária.

POR ABNEGAÇÃO E HEROÍSMO JOVENS RECEBEM PRÉMIO VALE FLOR

Dois jovens, Nuno José dos Santos Mira Ganso, de 16 anos e Maria Júlia Veloso de Araújo, de 14, foram os vencedores dos Prémios Fundação Vale Flor-87 no valor de 190 mil escudos cada por actos de heroísmo, abnegação e coragem.

O Prémio Luís de Vale Flor, 2.º marquês de Vale Flor, foi atribuído a Nuno José dos Santos Mira Ganso, de 16 anos, natural do Estoril.

Também de assinalar o acto do seu amigo Fernando Manuel de Oliveira Gilberto, de 18 anos, natural do Estoril, que por ter mais de 17 anos – idade-limite estabelecida nos estatutos da fundação – não pode beneficiar daquele prémio.

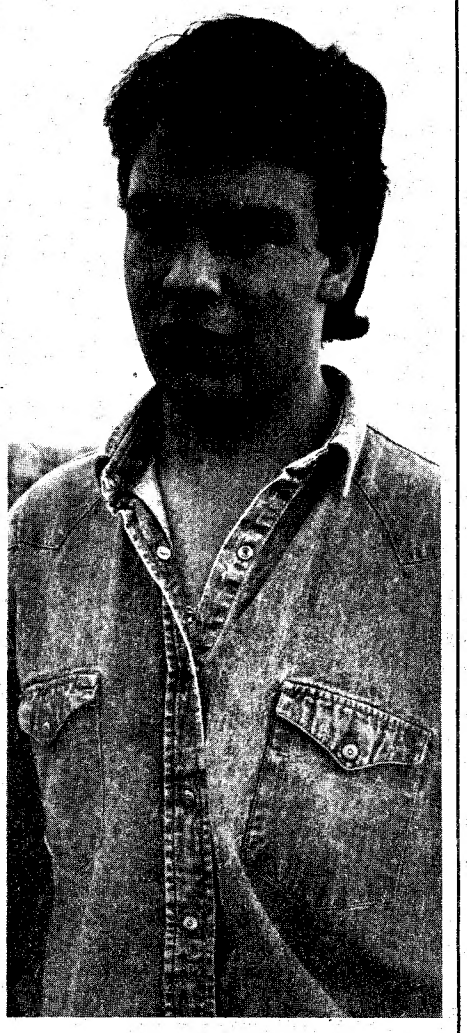
No entanto, o conselho de administração, ao assinalar que a sua valentia foi igualmente causa determinante do salvamento de dois pescadores, deliberou conferir-lhe público louvor e atribuir-lhe subsídio de 100 mil escudos.

Na manhã de 10 de Dezembro de 1987, ao largo da praia de S. Pedro, no sítio denominado Bico da Pedra do Sal, dois pescadores andavam na faina quotidiana quando o mar agitado voltou a embarcação.

O estado do mar, o encharcamento das vestes e o enliamento nos aparelhos de pesca, colocou aqueles dois homens em situação de grande perigo e aflição durante cerca de 30 minutos.

Perante a indecisão geral, o jovem Nuno Mira e o seu amigo Fernando Gilberto, de 18 anos, enfrentando forte rebentação, nadaram para os sinistrados e, com dificuldade acrescida, trouxeram o pescador Gomerzinho, inanimado, que foi confiado aos cuidados dos Bombeiros que o transportaram ao Hospital de Cascais

De imediato, os dois amigos embrenharam-se novamente no mar e trouxeram para terra o outro pescador.



Igualmente assistido naquele estabelecimento hospitalar recolheu combalido a casa, o que não aconteceu com o primeiro náufrago que veio a falecer sem sair do coma profundo.

O jovem Nuno Mira e o seu amigo demonstraram possuir grande generosidade, coragem e espírito de sacrifício e determinação.

O Prémio Júlia de Vale Flor, foi atribuído a Maria Júlia Veloso Araújo, de 14 anos, residente no lugar do Monte, freguesia de Rendufe, concelho de Amares.

No dia 20 de Outubro de 1987, por volta das 13 horas, quando o pequeno Miguel, de dois anos, brincava com uma irmã junto da sua casa, abeirou-se de um poço coberto, conseguindo trepar para a tampa de cimento que resvalou e arrastou na queda o pequeno para dentro do poço, com uma profundidade de 20 metros e uma grande altura de água.

Aos gritos da irmã Sofia, de quatro anos de idade, acorreu a jovem Maria Júlia que agarrou uma corda pendurada no engenho de tirar água (sarilho) e deixou-se escorregar mas, perante o insuficiente tamanho daquela, só conseguiu chegar um pouco abaixo do meio do poço onde existe uma plataforma.

Com a ajuda dos vizinhos, que lançaram outra corda, a Maria Júlia conseguiu chegar junto do irmão e assim içá-lo para a entrada do poço.

A data e local da entrega dos prémios será fixada oportunamente, em cerimónia pública que será presidida por Mário Soares.

Em Espanha

Quatro portugueses entre 28 traficantes de droga presos

A Polícia espanhola apreendeu 40 quilogramas de cocaína em diversas operações efectuadas nos últimos dias em Madrid e nas Canárias, em que prendeu 28 pessoas, nomeadamente quatro portugueses – disseram fontem policiais

A primeira operação decorreu em Madrid, na noite passada, e resultou na apreensão de 25 quilogramas de cocaína e na prisão de cinco pessoas.

A operação desarticulou, segundo a Polícia, uma rede internacional de tráfico de droga, com a prisão de dois portugueses, dois colombianos e um espanhol.

Segundo a versão policial, os chefes da rede eram um espanhol e um colombiano e a droga encontrava-se dentro de bolsas que seguiam no interior dos motores de dois automóveis guiados pelos dois portugueses.

A operação foi desenrolada na estrada Madrid-Lisboa, próximo da capital espanhola, e nela foi utilizado um helicóptero da Polícia.

Noutra operação em bairros de lata, a Polícia apreendeu 24 000 doses de cocaína e prendeu 15 pessoas.

Nesta operação, foram apreendidas duas pistolas de bala simulada, uma espingarda, jóias e pedras preciosas, vários aparelhos de som e imagem, bem como 3 milhões de pesetas (4000 contos) em dinheiro.

Um casal de portugueses e um colombiano foram presos pela Polícia noutra operação, acusados de pertencerem a uma rede de traficantes de droga.

No automóvel dos portugueses, a Polícia apreendeu 2 quilogramas de cocaína, escondidos num auto-rádio-leitor de cassetes, propriedade de portugueses.

Noutra operação, em Santa Cruz de Tenerife, no arquipélago atlântico espanhol das Canárias, a Polícia apreendeu 9 quilogramas de cocaína e prendeu cinco sul-americanos e um espanhol, que disse estarem ligados ao tráfico de drogas.

Utentes dos CTT e TLP têm gabinete para reclamar

Nos primeiros três meses de actividade do Gabinete do Provedor do Cliente de Telecomunicações, entraram nos serviços mil processos, revela o último número de o «Jornal CTT e TLP».

Estes números, segundo o provedor Melo Franco «ultrapassaram todas as expectativas, sendo manifesta importância da criação deste gabinete».

Instrumento de defesa do consumidor, praticando uma magistratura de persusão, contribui decisivamente para a resolução de alguns problemas que se colocam no relacionamento dos clientes com a empresa.

As principais queixas e reclamações apresentadas ao juiz-conselheiro Melo Franco, acrescenta a publicação, têm a ver com a facturação excessiva, seguindo-se a demora na instalação do posto telefónico.

Segundo o provedor do cliente de telecomunicações àquele jornal, «há de facto demoras exageradas que os senhores directores-gerais procuram averiguar, através dos respectivos serviços e que eu depois transmito aos interessados».

Todos os processos têm um encaminhamento no sentido da sua clarificação, seguindo os princípios da celeridade e da equidade. Ninguém fica sem resposta...

Segundo o provedor «o mau funcionamento da rede telefónica tem dado também aso a inúmeras reclamações, especialmente nas zonas de Esmoriz, Alandroal e do Barlavento Algarvio», acrescentou.

Os utentes queixam-se ainda da deficiente rede de cabines telefónicas actualmente existentes e que se encontram na maior parte do tempo avariadas.

Mas o gabinete do provedor não vive só de queixas e reclamações. Ao juiz-conselheiro Melo Franco são também dirigidas sugestões no sentido de melhorar aspectos de funcionamento dos serviços de telecomunicações.

Tal como consta no despacho de nomeação, o provedor está preocupado com a necessidade de imprimir maior rapidez de resposta aos processos entrados.

EMBAIXADA DO CANADÁ

Informa a quem para o efeito interessar que, a partir do dia 24 de Abril de 1989, os seus serviços administrativos, culturais, comerciais e consulares passarão a funcionar no edifício MCB, sito na Avenida da Liberdade números 144 a 156, 4.º andar, em Lisboa, podendo os contactos telefónicos ser feitos pelo número 347 48 92.

Finanças de Macau

INSTITUTO EMISSOR TEVE LUCRO RECORDE

O Instituto Emissor de Macau (IEM), que tem o estatuto de empresa pública, teve um lucro líquido de 100,6 milhões de patacas (cerca de dois milhões de contos) no seu exercício de 1988, segundo um documento ontem divulgado em conferência de imprensa.

Dessa verba, cinco milhões de patacas (cerca de 100 mil contos) foram afectados ao fundo de reserva e 4,5 milhões de patacas (cerca de 90 mil contos) a outras reservas e provisões. Dos lucros gerados no ano passado, o IEM retirou ainda cerca de 104 mil contos para o fundo de previdência dos seus 92 funcionários e cerca de 160 mil contos para um fundo especial não especificado.

No seu relatório anual, os administradores do IEM reconhecem o bom nível dos resultados - que passaram, em 1988, a assinalar um novo recorde na empresa - são, «na sua grande parte, o produto da gestão da reserva cambial», executada, no entanto, ao longo de um ano marcado por algumas condições adaversas nos mercados financeiros.

Para a acumulação de resrevas cambiais, de acordo com o relatório do IEM, contribuiram o crescimento da massa monetária (7,9 por fernto), o incremento dos depósitos das instituições bancárias (33,1por dfento) e, principalmente, o acréscimo verificado na emissão de bilhetes monetários (378,4 por cento).

Apesar dos depósitos do sector público no IEM terem dimimuido, durante 1988, cerca de 24,1 por cento, a reserva cambial do território cresceu 28 por cento.

Entretanto, os economistas Manuel Frasquilho e Vítor Bento, confirmaram que vão abandonar a curto prazo a administração do IEM. Manuel Frasquilho disse ter já informado a administração da sua indisponibilidade para renovar o contrato e se manter á frente do Instituto.

Durante a conferência de imprensa para apresentação do seu relatório da actividade de 1988, nenhum dos três administradores fez qualquer tipo de referência á extinção do IEM, anunciada á Agência Lusa, em Fevereiro, por fontes governamentais.

«Trata-se de uma questão da responsabilidade do território. O Instituto Emissor dfe Macau não foi, nem está envolvido no assunto, e não emite, portanto, qualquer opinião», disse o seu presidente quando instado a comentar a extinção do IEM.

Para substituir o Instituto Emissor será criada uma alta autoridade monetária e cambial, com o estatuto de instituto público, que passará a tratar de todas as questões relacionadas com a emisão monetária e a gestão da reserva cambial.

A alta autoridade monetária e cambial será dirigida por um conselho coordenador presidido pelo secretário adjunto para os assuntos económicos.

Todo o quadro de pessoal do Instituto Emissor, com cerca de 100 funcionários, transitará para o novo instituto público sem prejuízo de vencimentos, antiguidade e outras regalias.

Esta alteração no quadro da principal autoridade monetária cambial do território só foi possível depois de revisto o contrato que atribuiu, até 1995, ao Banco Nacional Ultramarino, o estatuto de agente do território na emissão de notas e lhe conceder a garantia de ser, até então, o caixa geral do tesouro de Macau.

Foi também revelado durante a conferência de imprensa que que durante este ano o IEM deverá concretizar um projecto sobre auditoria externa para operadores financeiros e lançar o estudo para a elaboração de uma lei-quadro para o sistema monetário-financeiro de Macau.

Outra inciativa é a revisão da lei bancária, adaptando-a á nova realidade do território, juntamente com o lançamento de um estudo tendo em vista a adequação dos capitais próprios da banca local face a directivas base.

O presidente do IEM anunciou ainda que está em estudo a possibilidade dos bancos a operar em Macau poderem passar a emitir cartões de crédito, ao contrário do que acontece actualmente, em que os cartões são emitidos a partir dos escritórios em Hong Kong dos bancos que trabalham na prara de Macau, e indicou que prosseguem as negociações com vista á circulação da pataca na vizinha colónia.

Manuel Frasquilho lembrou, no entanto, que a via a adoptar para a utilização da pataca em Hong Kong é de «cariz comercial», devendo a curto prazo um ou mais bancos comerciais que operam em Hong Kong assegurarar que o câmbio da unidade monetária de Macau se faça na vizinha colónia britânica «pela via correcta e não especulativa».

BNU adapta-se

O presidente do Banco Nacional Ultramarino, Costa Pinto, que se encontra em Macau para contactos com a administração, a banca e os agentes económicos locais, disse que considera «fora de causa um retorno da instituição ao estatuto de banco emissor de Macau».

Salientou porém que o BNU, que ao abrigo de um contrato firmado em 1980 com o território actua como agente do IEM para a emissão monetária, está, no entanto, «aberto a quaisquer ajustamentos institucionais que o Governo pretenda introduzir no sistema financeiro local».

«Desde que no esencial sejam salvaguardadas as características do actual contrato em vigor até 1995 e com o qual estamos integralmente satisfeitos, o BNU apresenta toda a disponibilidade para aceitar eventuais ajustamentos institucionais que o Governo, no gozo das suas prerrogativas, pretenda introduzir no sistema financeiro de Macau», salientou Costa Pinto.

Acrescentou que, se o Governo considerar necessário reestruturtar o actual sistema financeiro, criando novas instituições que assumam a função emissora da moeda, o BNU está disposto a actuar como agente desses novos organismos».

Costa Pinto lembrou que a evolução favorável da economia local e o lançamento de grandes empreendimentos para desenvolvimento de infra-estruturas oferecem grandes oportunidades para um novo salto qualitativo do sistema bancário.

«Já que 90 por cento do sistema financeiro de Macau consiste nas estruturas bancárias, a necessidade de mobilizar no exterior grandes massas de capitais para os projectos de empreendimentos deverá levar a banca local a articular-se crescentemente com os centros financeiros internacionais e estes a interessarem-se pelo território».

O presidente do BNU declarou que esta instituição está a preparar-se técnica, operacional e financeiramente para «servir de instrumento á mobilização de meios financeiros necessários á economia do território».

O BNU está actualmente a avaliar as possibilidades de lançamento de instrumentos financeiros - desde a formação de sindicatos bancárias até á concepção e lançamento de títulos negociáveis nos mercados internacionais - em colaboração com a banca local, designadamente chinesa, e com instituições internacionais, para encontrar soluções financeiras adequadas ás necessidades do território, adiantou Costa Pinto.

O presidente da BNU sublinhou que a presença portuguesa neste particular é «irrisória» e, ao que demonstra a experiência ««a herança cultural e histórica tende a esbater-se na ausência de laços de contacto económicos e financeiros pelo que o reforço da presença nacional em Macau é um imperativo a realizar nos próximos dez anos».

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125 ANOS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47$80	53$80
ALEMANHA FED. (marco)	81$82	83$20
ÁUSTRIA (xelim)	11$65	11$85
BÉLGICA (franco)	3$720	3$970
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127$80	130$30
(notas de 5 a 1000)	128$30	130$80
DINAMARCA (coroa)	21$05	21$45
ESPANHA (peseta)	1$286	1$406
ÉUA (dólar — notas de 1 e 2)	151$45	154$95
(notas de 5 a 1000)	151$95	155$45
FINLÂNDIA (marka)	36$60	37$20
FRANÇA (franco)	24$20	24$90
HOLANDA (florim)	72$65	73$75
IRLANDA (libra)	219$60	223$60
ITÁLIA (lira)	$101	$116
JAPÃO (iene)	1$112	1$167
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	260$70	265$20
SUÉCIA (coroa)	24$00	24$50
SUÍÇA (franco)	93$93	94$50
VENEZUELA (bolívar)	3$719	4$519

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Grupo Sonae

A dificuldade em jogar o jogo europeu com as regras portuguesas

A SONAE Investimentos SGPS SA, estará cotada na Bolsa de Londres até final de Junho, se até lá ficar concluído o complexo processo de admissão exigido pela City. A informação foi dada pelo presidente do grupo, eng. Belmiro de Azevedo, durante uma conferência de imprensa realizada em Lisboa. Explicou ao mesmo tempo a estrutura do grupo, que dispõe de uma «holding», em princípio sem responsabilidades na definição estratégica das áreas de negócios, que compete aos responsáveis de cada empresa.

Isto não exclui uma coordenação global e o aproveitamento de sinergias. «Não queremos que o grupo seja uma manta de retalhos, afirmou.

Queremos que seja muito descentralizado mas ao mesmo tempo temos de ter alguma maneira de coordenar essas acções».

A SONAE, constituída por 61 empresas, das quais oito têm sede no estrangeiro, teve um crescimento no último ano de cerca de 50 por cento, facturando na totalidade mais de 100 milhões de contos.

Aspira agora a ocupar um lugar na Europa porque, segundo os seus responsáveis, o que faz sentido não é liderar em Portugal, mas ter uma presença europeia.

O grupo, que considera os recursos humanos o elemento mais importante, porque «recursos como o dinheiro vão aparecendo sempre, mas recursos humanos competentes não é fácil», tem neste momento diversos projectos na área da indústria, distribuição, imobiliária, agro-indústria, comunica

ção e tecnologias de informação e turismo.

Belmiro de Azevedo, que estava acompanhado por Jaime Teixeira e Joaquim Reis, directores da Holding, sublinhou que a ambição correcta para um grupo como a SONAE é colocar-se no mercado internacional. «Acima de tudo queremos ser importantes no espaço europeu. O jogo que estamos a jogar é um jogo europeu».

A admissão da SONAE na Bolsa de Londres e noutras praças internacionais coloca no entanto alguns problemas ás autoridades portuguesas, uma vez que a nossa legislação não está adequada a este tipo de operações.

Um dos exemplos citado foi a fixação dos preços das acções. Na City é o mercado que os dita. Em Portugal, de acordo com a lei actual, é o auditor- geral do mercado de títulos que tem a palavra.

Outro aspecto é o da circulação de capitais. O facto de haver uma empreasa portuguesa cotada em Londres significa que qualquer cidadão português para poder dar uma ordem imediata de compra, tem que ter autorização imediata para a transferência dos capitais.

«Não sabemos quando teremos resposta para tudo isto, mas esperamos que possa ser em Junho. Se não for o processo será consideravelmente atrasado. Não sendo em Junho não nos interessa no fim do ano».

Interrogado sobre os problemas levantados pelas restrições recentemenmte impostas pelo ministro das Finanças, Belmiro de Azevedo disse que o grupo não aceita que os seus planos de expansão possam ser condicionados por restrições que lhes sejam impostas.

Recusou que essas medidas afectem o crescimento do grupo SONAE, salientando que elas vão no entanto obrigar a alterar a sua estratégia. Não deixou no entanto de as criticar. «Não percebo muito bem como se faz política macro-económica com decisões á vista».

Belmiro de Azevedo afirmou ainda que a SONAE não está interessada na compra do Diário de Notícias e que, quanto aos bancos, em Espanha «são melhores e mais baratos».

Também, não se mostrou muito interessado nas empresas públicas porque, afirmou, «privatizações a 49 por cento não me convencem».

Reitor da Universidade do Porto aposta na ligação à actividade empresarial

Uma maior ligação da Universidade à actividade empresarial e uma diversificação de cursos que permita a sua integração na sociedade, foram defendidas pelo Reitor da Universidade do Porto, Alberto Amaral, durante uma conferência dedicada ao tema «A Universidade do Porto e o Desenvolvimento da Região Norte», que decorreu no Ateneu Comercial do Porto, instituição que está a comemorar o seu 120º aniversário.

Durante a sua alocução, o Profº Alberto Amaral destacou a actuação da Universidade do Porto (composta por doze faculdades onde estudam cerca de 18 mil alunos) na «procura de um reforço das ligações à classe empresarial nortenha» e em especial «à criação conjunta de diversas entidades», entre as quais, sublinhou, a Fundação Gomes Teixeira e a Associação das Universidades da Região Norte.

Referindo-se aos sistemas educativos, o Reitor da Universidade do Porto considerou que a competitividade destes «é talvez tão importante quanto a das economias», justificando a sua opinião com exemplos do que se passa em alguns países e universidades estrangeiros.

3.º Congresso Nacional da FENPROF termina hoje

MAIORIA AFECTA AO SECRETARIADO APROVA GREVES PARA MAIO

Os delegados sindicais presentes no III Congresso Nacional da FENPROF (Federação Nacional dos Professores) elegeram ontem os elementos do Conselho Nacional desta organização, para o qual se candidataram duas listas opositoras, «A» e «B», representativas, respectivamente, da linha de António Teodoro e do grupo do «Manifesto» (liderado por Óscar Soares).

A lista «A», encabeçada pelo secretário-geral da FENPROP, obteve quarenta e oito lugares no Conselho Nacional (com mil e trezentos votos) e a lista alternativa a esta conseguiu eleger onze representantes, correspondentes, da acordo com o método de Hondt, a trezentos e doze votos.

A lista vencedora, proposta pela direcções dos Sindicato dos Professores do Norte, Sindicato dos Professores da Zona Centro, Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, Sindicato dos Professores da Zona Sul, Sindicato dos Professores dos Açores, Sindicato dos Professores da Madeira e Sindicato dos Professores da Europa, aposta na continuidade da actuação sindical da Direcção da FENPROF e a vitória obtida reflecte, igualmente, a maioria das vitórias das moções e propostas apresentadas pelo Secretariado Nacional ao plenário.

Na sessão de ontem dos trabalhos deste III Congresso Nacional, foram também aprovados o Programa de Acção para 1989-1992 e o Relatório de Actividades da organização (a mais representativa da classe docente). Em relação a este último há a registar a abstenção de cento e sete delegados e o voto contra de catorze.

Paralelamente às eleições mais esperadas do Congresso, foi igualmente aprovada, por uma clara maioria, a primeira de uma série de acções que os professores vão levar a cabo no âmbito das suas reivindicações junto do Ministério da Educação pela apresentação «imediata» do projecto de revisão do Estatuto da Carreira Docente - apresentação que o ME tem, sucessivamente, vindo a adiar não respeitando os prazos indicados - e da sua nova grelha salarial. Assim, os professores estarão em greve nos próximos dias 11, 16 e 17 de Maio, paralisação que poderá a vir a ser seguida por outras iniciativas até ao final do ano lectivo caso o impasse verificado, desde há meses, no processo negocial com o Ministério da Educação não seja ultrapassado.

Universidade de Lisboa tutela primeiro curso superior em Cabo Verde

O primeiro curso superior ministrado em Cabo Verde produzirá as suas licenciaturas em 1993, no âmbito de um acordo assinado esta semana entre a Escola de Formação de Professores de Cabo Verde e a Universidade de Lisboa.

Trata-se de uma licenciatura-piloto de estudos caboverdianos e portugueses, tutelada cientificamente pela Universidade de Lisboa e orientada por professores catedráticos designados por esta instituição académica.

A Universidade concederá igualmente apoio bibliográfico e documental ao curso e receberá, à luz do mesmo protocolo, os futuros licenciados para actividades de investigação, reciclagem e pós-graduação.

O acordo foi assinado na Cidade da Praia pela directora da Escola de Formação de Professores de Cabo Verde, Adriana de Carvalho, e pela professora e linguista Maria Helena Mira Mateus, em representação do Reitor da Universidade de Lisboa (Meira Soares).

Durante a sua estadia em Cabo Verde, Mº Helena Mateus proferiu uma conferência no Centro Cultural Português da Cidade da Praia, onde defendeu que «as línguas e as variedades de uma língua não podem hierarquizar-se do ponto de vista linguístico».

«Não há as "boas" e as "más" formas de falar, não há o "onde se fala bem" e o "onde se fala mal", sustentou a especialista, acrescentando que tais conceitos são exclusivamente de carácter social».

Segundo afirmou também, «as línguas primitivas e as adulteradas, as pobres e as ricas, correspondem a julgamentos estéticos, valorativos e para-morais que mais não são que o nosso olhar banhado preconceituosamente de uma cultura particular - a nossa - que reflecte a nossa construção do mundo».

ABRIL EM ODEMIRA

COMEMORAÇÕES DO XV ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL DE 1974

DIA 22 ABRIL

17.30 HORAS - GRUPOS CORAIS - MERCADO
- ODEMIRA
- MILFONTES
- CASTRO VERDE
- TORREDEITA/VISEU

24.00 HORAS - BAILE - MERCADO
- CONJUNTO - "SEMI BREVE"

II TORNEIO DE XADREZ PEDRO DAMIÃO

DIA 23 ABRIL

16.00 HORAS - CANOAGEM

20.00 HORAS - CONCERTO - PALCO Nº 1
- FAUSTO
- U H F
- BRIGADA VICTOR JARA

DIA 24 ABRIL

21.30 HORAS - CONCERTO - PALCO Nº 1
- RÃO KYAO
- MLER IFE DADA

23.30 HORAS - BAILE - MERCADO
- CONJUNTO EUROPA

24.00 HORAS FESTIVAL PIROTÉCNICO

DIA 25 ABRIL

14.00 HORAS - FOLCLORE - PALCO Nº 2
- PEGOS/ABRANTES
- PASSOS DE SILGUEIROS/VISEU
- AREOSA/VIANA DO CASTELO

16.00 HORAS - COMÍCIO - PALCO Nº 1

17.00 HORAS - CONCERTO - PALCO Nº 1
- HERÓIS DO MAR
- JOSÉ MÁRIO BRANCO
- DELFINS
- CARLOS DO CARMO

PLÁTANO EDITORA S.A.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO EXERCÍCIO DE 1988

Senhores Accionistas,

Nos termos da legislação em vigor, temos a honra de apresentar a V. Ex.as o Relatório do Conselho de Administração, o Balanço e a Demonstração de Resultados do exercício de 1988.

No ano anterior, a empresa desenvolveu uma apreciável actividade de promoção da função editorial do livro escolar, não se tendo poupado a esforços e a encargos. O sucesso comercial imediato, porém, não se traduziu na compensação esperada. É neste sentido que deve ser interpretada a evolução quer dos encargos técnicos, de divulgação e de pessoal quer do nível das existências. A Plátano espera, contudo, que a qualidade das suas edições acabe por se impor, embora se reconheça que o mercado esteja a passar por uma progressiva adaptação pedagógica a novas realidades programáticas, o que necessariamente implica alguma instabilidade no sector. A actividade distribuidora tem-se mantido normalmente, apesar de também se defrontar com forte regime concorrencial.

A empresa progrediu no domínio organizacional e do seu apetrechamento interno e manteve a sua solidez financeira, a qual lhe permite, porventura, encarar as expectativas do seu rendimento futuro ou a sua diversificação com alguma tranquilidade.

Os documentos anexos mostram, com suficiente clareza, a situação da empresa, que em termos globais evidencia uma evolução positiva em relação ao exercício anterior. Os resultados apurados permitem propor a V. Exas. a distribuição que se segue:

Reserva Legal	1 500 000$00	
Reservas Livres	22 398 826$90	
Accionistas c/dividendos	3 500 000$00	27 398 826$90

Expressamos o nosso reconhecimento a Organismos Oficiais, Instituições de Crédito, Clientes e Fornecedores, pelo apoio que nos proporcionaram. Ao Conselho Fiscal e ao nosso pessoal, agradecemos a colaboração prestada.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1989

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Francisco Prata Ginja — Presidente e Administrador-Delegado
Dr. José Carlos João Maria Amado — Administrador
Manuel Prata Ginja — Administrador

CERTIFICAÇÃO LEGAL DE CONTAS

Examinámos as contas de Plátano Editora, SA, o Balanço Analítico em 31 de Dezembro de 1988, a Demonstração de Resultados Líquidos do exercício de 1988 e o respectivo Anexo, elementos preparados a partir dos livros, registos contabilísticos e documentos de suporte, mantidos em conformidade com os preceitos legais. O exame foi efectuado de acordo com as normas técnicas de revisão estabelecidas, com a profundidade nas circunstâncias considerada necessária.

É nossa convicção que os citados documentos de prestação de contas apresentam de forma verdadeira e apropriada a situação financeira de Plátano Editora, SA, em 31 de Dezembro de 1988, bem como os resultados das operações referentes ao exercício findo naquela data, de acordo com os princípios contabilísticos geralmente aceites, aplicados de uma forma consistente em relação ao exercício anterior.

Lisboa, 6 de Março de 1989

Manuel João Preto de Matos Fazenda — ROC

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL relativos ao exercício de 1988

Senhores Accionistas,

Em conformidade com as disposições legais em vigor, cumpre-nos apresentar a apreciação ao Relatório, Balanço e Demonstração de Resultados de 1988 do Conselho de Administração, assim como nosso parecer.

Durante o ano anterior, acompanhámos regularmente a orientação imprimida à gestão, através de contactos com o Conselho de Administração, nomeadamente com o Senhor Administrador-Delegado, e com os serviços, que sempre nos dispensaram acolhimento adequado e de quem recebemos os esclarecimentos necessários e suficientes ao normal cumprimento da nossa missão.

Verificámos, ao longo do exercício e por amostragem, documentos, registos e livros contabilísticos e, no final, critérios de valorimetria das existências, amortizações, provisões, saldos de depósitos e de contas de terceiros e outros, assim como os mapas finais de balanço, demonstração de resultados e outros complementares, tendo-se concluído que se encontram de acordo com os princípios e regras técnicas normalmente aceites e disposições legais em vigor.

É nosso entendimento que o relatório, mapas das contas e demais elementos informativos colocados à disposição dos Senhores Accionistas permitem avaliar a gestão desenvolvida, os resultados conseguidos e a situação patrimonial existente, na linha de exercícios anteriores.

Assim, sujeitamos à ponderação de V. Ex.as o nosso parecer, do seguinte teor:

1.º Que sejam aprovados o Relatório, O Balanço e a Demonstração de Resultados e a proposta de aplicação destes.

2.º Que seja atribuído um voto de louvor ao Conselho de Administração, pela competência com que conduziu a gestão do exercício, e que seja manifestado o reconhecimento a trabalhadores, clientes e fornecedores, pela colaboração prestada.

Lisboa, 6 de Março de 1989

O CONSELHO FISCAL
Presidente: Dr. Manuel João Preto de Matos Fazenda — ROC
Vogais: Dr. José Manuel Lopes da Silva Martins
Dr. João Vigia Pombinha

ACTA N.º 25

Pelas dezanove horas do dia vinte e dois de Março de mil novecentos e oitenta e nove, previamente convocada nos termos legais, reuniu a Assembleia Geral Ordinária da Plátano Editora, Sociedade Anónima, na sede social, na Avenida de Berna, número trinta e um segundo andar esquerdo em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

Primeiro: — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas, bem como o Parecer do Conselho Fiscal relativo ao exercício findo.

Segundo: — Deliberar sobre quaisquer outros assuntos de interesse para a Sociedade.

O presidente da Mesa da Assembleia Geral, Senhor Pedro José Martins da Silva, secretariado pelas Senhoras Dr.ª D. Maria Amélia Figueiredo Valente-Prata Ginja e D. Maria de Lurdes Santos Miguel Prata Ginja certificou-se da presença dos senhores accionistas que representavam a totalidade do Capital Social e dos membros do Conselho Fiscal, pelo que deu início à sessão.

Após saudar os presentes, deu a palavra ao senhor Presidente do Conselho da Administração e Administrador-Delegado que, depois de ler o respectivo Relatório, deu as precisas explicações sobre o desenvolvimento das vendas, a evolução dos encargos, as dificuldades cada vez maiores do livro escolar e a respectiva concorrência, que apesar de tudo tem mantido, relativamente, à normalidade das vendas.

Sobre o aspecto organizacional e respectivo apetrechamento têm sido feitos os esforços possíveis sem pôr em causa a solidez financeira da empresa.

Posto isto foi proposto que os lucros ficassem assim distribuídos:

Reserva Legal	1 500 000$00	
Reservas Livres	22 398 826$90	
Accionistas c/dividendo	3 500 000$00	27 398 826$90

Aprovados o Balanço, Contas e Relatórios do Conselho da Administração e do Conselho Fiscal, por unanimidade, foi a sessão encerrada que vai ser assinada pela Mesa que a subscreve.

Pedro José Martins da Silva — Presidente
Dr.ª D. Maria Amélia Figueiredo Valente Prata Ginja — Secretária
D. Maria de Lurdes Santos Miguel Prata Ginja — Secretária

BALANÇO ANALÍTICO

ACTIVO

	Activo bruto	Provisões amortizações e reintegrações	Activo líquido
Disponibilidades:			
Caixa	975 189$80		975 189$80
Depósitos à ordem	110 773 727$90		110 773 727$90
Depósitos a prazo	44 079 583$00		44 079 583$00
Títulos negociáveis	93 885 000$00		93 885 000$00
	249 713 500$70		249 713 500$70
Créditos a curto prazo:			
Clientes, c/ gerais	80 939 240$40	10 000 000$00	70 939 240$40
Clientes, c/ letras e outros títulos a receber	110 000$00		110 000$00
Fornecedores, c/c	50 396 849$30		50 396 849$30
Sector público estatal	1 623 221$00		1 623 221$00
Outros devedores	3 607 789$80		3 607 789$80
	136 677 100$50	10 000 000$00	126 677 100$50
Existências:			
Mercadorias	40 540 780$00	6 000 000$00	34 540 780$00
	40 540 780$00	6 000 000$00	34 540 780$00
Imobilizações financeiras:			
Participações de capital noutras empresas	25 000$00	25 000$00	
Outras imobilizações financeiras	17 500$00	17 500$00	
	42 500$00	42 500$00	
Imobilizações corpóreas			
Terrenos e recursos naturais	7 573 801$00		7 573 801$00
Edifícios e outras construções	26 253 506$90	7 046 412$70	19 207 094$20
Equipamentos básicos e outras máquinas e instalações	958 664$00	285 808$00	672 856$00
Material de carga e transporte	5 956 720$00	4 255 753$00	1 700 967$00
Equipamento administrativo e social e mobiliário diverso	19 809 980$00	8 352 669$10	11 457 310$90
Outras imobilizações corpóreas	774 731$20	677 331$20	97 400$00
	61 327 403$10	20 617 974$00	40 709 429$10
Imobilizações incorpóreas:			
Propriedade industrial, outros direitos e contratos	726$00	726$00	
Gastos de instalação e expansão	73 527$10	73 527$10	
Outras imobilizações incorpóreas	157 000$00	157 000$00	
	231 253$10	231 253$10	
Custos antecipados:			
Outros custos plurienais	143 725$00		143 725$00
	143 725$00		143 725$00
Total de provisões		16 042 500$00	
Total de amortizações e reintegrações		20 849 227$10	
Total do activo	488 676 262$40	36 891 727$10	451 784 535$30

PASSIVO

	Passivo e situação líquida
Débitos a curto prazo:	
Clientes c/c	239 193$00
Fornecedores, c/ gerais	170 110 937$40
Sector público estatal	18 783 768$50
Sócios (ou Accionistas), c/ gerais	262 811$00
Outros credores, c/ gerais	9 304 876$60
Provisões para impostos sobre os lucros	13 000 000$00
Provisões para riscos e encargos	100 000$00
	211 801 586$50
Proveitos antecipados:	
Total do passivo	211 801 586$50

SITUAÇÃO LÍQUIDA

Capital e prestações suplementares:	
Capital social	3 500 000$00
	3 500 000$00
Reservas:	
Reserva legal	5 500 000$00
Reservas livres	203 584 121$90
	209 084 121$90
Resultados líquidos:	
Resultados correntes do exercício	42 940 593$20
Resultados extraordinários do exercício	551 231$20
Resultados de exercícios anteriores	— 3 092 997$50
Resultados antes dos impostos	40 398 826$90
Provisões para impostos sobre os lucros	— 13 000 000$00
Resultados líquidos depois dos impostos	27 398 826$90
Total da situação líquida	239 982 948$80
Total do passivo e da situação líquida	451 784 535$30

O Técnico de Contas
João Jorge Mendes Madeira

O Administrador-Delegado
Ilegível

PLÁTANO EDITORA SA

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS LÍQUIDOS

		Deduções em compras				Deduções em vendas		
Existências iniciais:					**Vendas de mercadorias e produtos:**			
Mercadorias			18 641 343$00		Mercadorias	450 980 906$50	27 778 110$30	423 202 796$20
Compras:					Subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos	450 980 906$50		423 202 796$20
Mercadorias	193 829 342$00	21 204 703$90	172 624 638$10		**Prestações de serviços**			4 166 579$50
Existências finais:					**Receitas suplementares**	2 713 096$10	27 778 110$30	2 713 096$10
Mercadorias			40 540 780$00		**Receitas financeiras correntes**			19 293 958$50
Custo das existências, vendidas e consumidas:					**Utilização de provisões**			
Mercadorias	150 725 201$10				B			
Matérias-primas, subsidiárias e de consumo			150 725 201$10		**Ganhos extraordinários do exercício**			2 585 040$40
Subcontratos	142 755 146$00				**Ganhos de exercícios anteriores**			20 007 502$50
Fornecimentos e serviços de terceiros	41 064 278$70							
Impostos — Indirectos	724 934$00		184 544 358$70	335 269 559$80				
Impostos — Directos	1 770 932$00							
Despesas com o pessoal	36 479 628$70							
Despesas financeiras	2 087 424$20							
Outras despesas e encargos	27 318 938$40		67 656 923$30					
Amortizações e reintegrações do exercício	3 504 554$00							
Provisões do exercício	4 800$00		3 509 354$00	71 166 277$30				
(A)				406 435 837$10				
Perdas extraordinárias do exercício			2 033 809$20					
Perdas de exercícios anteriores			23 100 500$00	25 134 309$20				
Provisões para impostos sobre os lucros				13 000 000$00				
Resultados líquidos				27 398 826$90				
				471 968 973$20				

B = 449 376 430$30

Resultados correntes do Exercício: (B-A) — A = 406 435 837$10

42 940 593$20

O Técnico de Contas,
João Jorge Mendes Madeira

VI—ANEXO AO BALANÇO E À DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS

		Débitos	Créditos
3 —			
	21 — Clientes	1 608 113$70	86 817$30
	22 — Fornecedores	1 853 845$90	523 811$00
	26 — Outros devedores e credores	105 800$00	9 101 726$60
4 —			
	61 — Compras	1 680 456$10	
	71 — Vendas	4 102 055$70	
8 —			
	Idênticos aos anos anteriores (valor das facturas de aquisição)		
9 —			
	21 — Clientes	197 855$60	
	22 — Fornecedores	43 640$00	
	26 — Outros devedores e credores	2 103 935$50	
11 —			
	2427 — IVA — A recuperar	751 802$00 — saldo	
	2428 — IVA — Reembolsos pedidos	871 419$00 — saldo	

— Movimento das contas no exercício —

	Débitos	Créditos	Saldos
2427 — IVA — A recuperar	14 083 729$00	13 331 927$00	751 802$00
2428 — Reemb. pedidos — IVA	7 052 964$00	6 180 545$00	871 419$00
12 —			
Corpos Gerentes			
651 — Remunerações	2 970 000$00		
6530 — Remunerações Adicionais	404 000$00	3 374 000$00	
Pessoal			
652 — Ordenados e salários	20 414 561$00		
653 — Remunerações adicion.	3 671 026$00	24 085 587$00	27 459 587$00
654 — Encargos s/remunerações e adicionais			6 335 331$00
			33 794 918$00
657 — Seg. acid. trab. doenç. prof.	452 311$00		2 684 710$70
658 — Outras despesas c/pessoal	2 232 399$00		36 479 628$70
17 —			
17.1 — Não há imobilizações em poder de terceiros			
17.2 — Imobilização afectas à actividade da empresa			62 200 853$90
17.3 — Imobilizações implantadas em propriedade alheia			126 549$20
18 —			
Foi realizado em anos anteriores			
21 —			
Francisco Prata Ginja	— 62,124%		
Manuel Prata Ginja	— 13,574%		
23 —			
Mapa anexo			
24 —			
Mapa anexo			
25 —			
Mapa anexo			
26 —			
960 — Clientes	5 739 702$50		

Lisboa, 31 de Dezembro de 1988

O Técnico de Contas
ilegível

23 — INVENTÁRIO DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1988

Designação	Quantidade	Valor Nominal	Preço médio de combra	Cotação em bolsa	Valor de Balanço Unitário Total	Valor total Aquisição	Flutuação Valores	Perdas levadas a resultados
Acções								
Opinião — Livreiros de Lisboa, SARL	250	100$00	100$00	-$-	100$00	25 000$00	-$-	25 000$00

24 — MOVIMENTO DAS CONTAS DA SITUAÇÃO LÍQUIDA

Contas	Saldo inicial	Movimento no Exercício	Saldo Final	Observações
52 — Capital Social	3 500 000$00	-$-	3 500 000$00	
55 — Reservas Legais e Estatutárias	4 000 000$00	1 500 000$00	5 500 000$00	
58 — Reservas Livres	177 553 062$90	26 031 059$00	203 584 121$90	
88 — Resultados Líquidos	31 031 059$00	58 429 885$90	27 398 826$90	

25 — MOVIMENTO DAS PROVISÕES OCORRIDAS NO EXERCÍCIO

Conta	Saldo Inicial	Constituição ou reforço	Utilização	Reposição e Anulação	Saldo final
28 — Provisões p/impostos s/lucros	20 007 168$00	13 000 000$00	20 007 168$00	-$-	13 000 000$00
29 — Provisões p/cred.duv.out.ris.enc.	10 100 000$00	-$-	-$-	-$-	10 100 000$00
39 — Prov. p/deprec. de existências	6 000 000$00	-$-	-$-	-$-	6 000 000$00
49 — Prov. p/imobiliz. financeiras	37 700$00	4 800$00	-$-	-$-	42 500$00

Lisboa, 31 de Dezembro de 1988

O TÉCNICO DE CONTAS,

(assinatura ilegível)

PLÁTANO EDITORA, SARL
O Administrador Delegado

(assinatura ilegível)

PLÁTANO EDITORA S.A.

Príncipe herdeiro confirma

Tumultos na Jordânia provocaram 8 mortos

Oito pessoas morreram e mais de 30 ficaram feridas na sequência dos três dias de motins, no Sul da Jordânia, causados pelo aumento dos preços — disse ontem o príncipe herdeiro Hassan.

«Houve perdas de vidas, oito vítimas, alguns observadores inocentes, e entre 25 a 30 feridos — afirmou numa entrevista à British Broadcasting Corporation (BBC).

O príncipe, que assumiu a regência enquanto o rei Hussein visita os Estados Unidos, afirmou que o governo faria uma conferência económica nacional para explicar as medidas de austeridade, propostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), que provocaram os motins.

Não referiu a data da conferência.

os motins começaram em Maan, a 216 quilómetros da capital, dois dias depois de os preços do petróleo, bebidas, cigarros, licenças de veículos, telefonemas, irrigações hidráulicas e outros produtos e serviços terem aumentado.

A entrevista do príncipe foi o primeiro relato oficial dos distúrbios. «A situação está sob controlo. Maan está totalmente calma» — acrescentou.

Autoridades norte-americanas informaram o rei Hussein que os Estados Unidos pensam aumentar o auxílio económico e militar à Jordânia de 25 milhões de dólares neste ano para 83 milhões em 1990.

A Polícia aumentou as medidas de segurança em Amã, mas as ruas estavam ontem muito calmas.

Agitação relacionada com aumentos

Jipes da Polícia equipados com metralhadoras controlavam algumas ruas principais e uma carrinha da Polícia estava parada no exterior de uma mesquita do centro da cidade antes das orações do meio-dia.

Uma fonte policial disse que medidas de segurança extra eram normais às sextas-feiras.

O príncipe Hassan referiu ainda que um agente das forças de segurança e um civil tinham sido mortos, durante o que descreveu como uma disputa tribal na aldeia de Mazaar, 124 quilómetros a Sul da capital.

«Penso que a situação não está relacionada com a agitação geral» — acrescentou.

Fontes oficiais locais disseram que um homem tinha morrido e quatro ficado feridos na mesma aldeia, durante o funeral de um rapaz de 13 anos morto na noite anterior.

Uma declaração difundida pela Rádio confirmava as mortes de cinco pessoas na quarta-feira incluindo um polícia, em Maan.

Acrescentava que a população «tinha começado a disparar contra os agentes de segurança pública, o que resultou na morte de um polícia e em 12 feridos».

«Quatro cidadãos foram também mortos e seis feridos devido aos disparos ao acaso dos agitadores» — esclarecia a declaração.

«As autoridades estão agora a tentar identificar as pessoas e os partidos por detrás dos incidentes.»

O príncipe Hassan ligou a inquietação vivida com o aumento dos preços anunciado no domingo pelo governo, como parte das reformas económicas acordadas com o FMI.

Adiantou que a ajuda árabe à Jordânia declinou acentuadamente e o governo decretou o pacote de reformas para desbloquear o crédito de 125 milhões de dólares concedido pelo FMI e um empréstimo do Banco Mundial de 150 milhões.

«A esperança é que nós possamos começar a reestruturação durante os poucos meses que nos restam» — disse, referindo-se aparentemente aos planos de conversações para a revisão da dívida externa da Jordânia de 6000 milhões de dólares (cerca de 900 milhões de contos).

Rei Hussein cancela visita

Entretanto, o rei Hussein cancelou uma visita à Grã-Bretanha que se deveria iniciar hoje, enquanto o Exército proibia as reuniões de orações muçulmanas no sul da Jordânia, tentando travar os tumultos desencadeados pelo aumento de preços.

O rei deveria visitar a Grã-Bretanha no regresso de uma visita aos Estados Unidos, onde se encontrava quando começaram os tumultos.

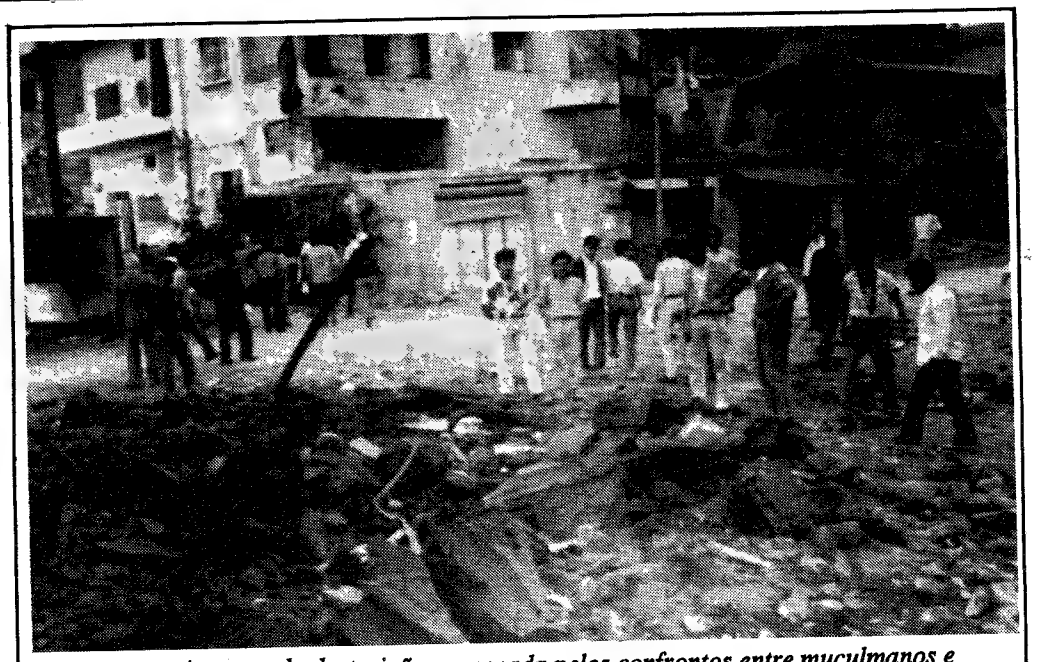
Entretanto, a Polícia confrontou-se também hoje com manifestantes que a apedrejavam em Salt, 29 quilómetros a leste de Amã.

Os manifestantes apedrejaram o Banco Refco, uma empresa estatal real e lançaram fogo a um autocarro para além de apedrejarem as viaturas da Polícia.

A Polícia lançou gases lacrimogéneos mas não interveio enquanto mulheres e crianças fugiam lacrimejantes e a esfregarem os olhos. Os tumultos iniciaram-se pouco depois das orações muçulmanas do meio-dia.

Os distúrbios chegaram quinta-feira à noite a Irbid, a primeira cidade nortenha a agitar-se.

«Eles disseram às pessoas que as orações da manhã deveriam ser feitas em casa» disse um morador de Mazar, 90 quilómetros a sul de Amã referindo-se às preces de sexta-feira, dia de descanso muçulmano consagrado à oração.



Beirute: uma imagem da destruição provocada pelos confrontos entre muçulmanos e cristãos, que já duram há mais de seis semanas.

Enquanto Perez de Cuellar lança apelo humanitário

COMBATES RECOMEÇAM NO LÍBANO

As tropas sírias voltaram ontem a bombardear o sector cristão de Beirute, aparentemente para tentar bloquear o porto de Jounieh, única via de ligação do enclave cristão ao exterior. Depois de uma trégua de cinco dias nos combates que devastaram a capital libanesa, a tropas sírias lançaram um novo ataque, provocando danos materiais num raio de 20 quilómetros em torno do porto de Jounieh. Segundo fontes policiais, as tropas cristãs, lideradas pelo general Aun, não ripostaram.

Os bombardeamentos levaram vários habitantes de Beirute a tomar a decisão de abandonar o país, o que se torna cada vez mais difícil, já que os ferry-boats de Chipre, que nas passadas semans transportaram mais de 12.000 refugiados, não poderão retomar as ligações após o bombardeamento, referiu um porta-voz da Polícia.

Entretanto, o general Aun afirmou que está disposto a negociar uma solução de paz com os líder muçulmanos, entre eles o Primeiro-Ministro do Governo muçulmano, Salim El-Hoss, mas só depois da retirada das tropas sírias.

"Se iniciarmos negociações antes de os sírios terem abandonado o país, será com eles mesmos que estaremos a negociar. Salim El-Hoss não pode expressar livremente as suas opiniões", afirmou.

O chefe das tropas cristãs disse ainda que as forças muçulmanas, chefiadas pelo general Sami El-Jatib, não participam nos combates actuais, "apesar das fortes pressões exercidas pelas tropas sírias nesse sentido".

Um recado à comunidade internacional

Referindo-se à internacionalização do conflito libanês, o general Aun salientou que o problema diz respeito não só aos árabes mas também à comunidade internacional.

"O único apelo que fazemos, e que já não é novo, é a aplicação das resoluções da ONU que pedem a retirada das forças estrangeiras do país", referiu.

O general libanês é de opinião que a comunidade internacional deve pedir às partes envolvidas no conflito, entre elas a Síria, que ponham termo aos combates.

Para Aun, a "guerra de libertação" levada a cabo pelas forças cristãs não pode fracassar e conta com o apoio do povo libanês.

Neste contexto, o general fez alusão às manifestações de cerca de 1.500 cristãos frente à embaixada norte-americana, exignido a intervenção do Presidente George Bush e apoiando a "guerra da libertação", contra a Síria.

O general Aun pediu a Yasser Arafat que ajude a resolver o conflito libanês, e o líder palestiniano empreendeu junto da Liga Árabe "uma iniciativa palestiniana de paz para fazer face à situação perigosa no Líbano".

Apelo humanitário

Por seu lado, o secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, lançou um apelo à comunidade internacional para que conceda uma ajuda humanitária urgente ao povo libnanês, cujas necessidades imediatas totalizam 92 milhões de dólares (mais de 14 milhões de contos).

O Governo da Alemanha Federal concedeu ao comité internacional da Cruz Vermelha um milhão de marcos (82 mil contos) de ajuda de emergência para as vítimas dos últimos conflitos no Líbano, informou uma fonte do Governo.

Pelo menos 231 pessoas morreram em duelos que surgiram em meados de Março, devido à decisão do comandante do exército cristão, general Aun, de bloquear os portos a sul de Beirute, controlados pelas milícias muçulmanas.

Fusão nuclear a frio continua a provocar controvérsia

Cientistas de nomeada continuam a levantar as mais sérias dúvidas quanto à fusão nuclear a frio anunciada no mês passado pela Universidade de Utah, ao passo que outros dizem ter repetido a experiência.

Robert Aymar, director das experiências de fusão da agência francesa de energia atómica, é um dos que se mostra cépito quanto à natureza do fenómeno descoberto por Fleischman e Pons."Eles descobriram qualquer coisa - admite - mas não é de modo algum certo que se trate de fusão nuclear. Os resultados obtidos com a experiência levantam mais questões do que respostas, sendo necessário muito mais trabalho de investigação antes de termos uma certeza".

Outro especialista em fusão nuclear, o físico americano Kenneth Fowler, do laboratório Livermoore, de visita a Paris, comentou: "Se tivesse havido um caso de fusão clássica qualquer pessoa que se encontrasse perto teria adoecido devido à emissão de radiações. A libertação de neutrões numa fusão nuclear seria milhões de vezes superior à que foi registada.

Muitos dos laboratórios que anunciaram ter reproduzido a experiência de Felishmann e Pons registaram uma certa libertação de calor - que pode ser atribuída a uma reacção química - mas escassa libertação de neutrões, o que constituiria a prova decisiva da fusão de átomos.Alguns cientistas como o professor Ian Fells, da Univeridade de Norwich, admitem que o fenómeno registado por Fleischmann e Pons possa ser um misto de reacção química e fusão parcial, o que explicaria a libertação de calor e a fraca emissão de neutrões. David Willians, especialista na medição de radiações que trabalha no laboratório nuclear de Harwell, disse aos jornalistas que a medição de neutrões "é um processo extremamente difícil, que exige muito equipamento altamente sofisticado e grande experiência. Willianms admite que algumas equipas de investigação possam ter-se enganado nas leituras efectuadas."É que o que equipamento de detecção de neutrões - explica - é sensível ao calor e ao vapor de água, os quais estão ambos presentes na experiência de Fleischmann e Pons". O especialista salientou que nos bem equipados laboratórios nucleares de Harwell não foi possível obter resultados semelhantes aos que têm sido anunciados noutros países.

«Perestroika é irreversível», diz Moscovo

TROPAS SOVIÉTICAS INICIAM 3.ª-FEIRA RETIRADA PARCIAL DA HUNGRIA

A União Soviética inicia terça-feira a retirada de 10 000 dos cerca de 62 000 soldados estacionados na Hungria, anunciou hoje o comandante das forças soviéticas neste país, general Matvei Burlakov.
A retirada abrange 22 unidades com mais de 10 000 homens, cerca de 450 tanques, 2000 peças de artilharia e 3000 viaturas.

Da Alemanha Democrática e da Checoslováquia as tropas soviéticas começarão a sair em Maio, anunciou ainda Burlakov.

No caso da Hungria, a retirada começará com a saída da artilharia e dos mísseis da décima terceira divisão de blindados, aquartelada no Ocidente do território.

As tropas começarão a sair no dia 15, seguindo-se, a 5 de Junho, um regimento de tanques de treino e, a 20 de Junho, um regimento da defesa aérea.

De acordo com números divulgados na Hungria, estão actualmente estacionados na Hungria 62 000 soldados soviéticos.

Burlakov escusou-se a revelar os números oficiais soviéticos, limitando-se a indicar que sairá da Hungria um quarto de todas as unidades instaladas no país.

A retirada será acompanhada pela transferência das tropas soviéticas estacionadas junto da fronteira com a Áustria para outros pontos da Hungria. «Esta transferência é uma demonstração da nossa doutrina de paz. Pretendemos com ela criar uma zona de paz».

O comandante das forças soviéticas observou que não é de prever uma retirada total das forças soviéticas da Hungria, a menos que a NATO tome idêntica iniciativa.

Nas conversações Leste-Oeste realizadas em Viena sobre redução das armas convencionais, Moscovo anunciou o propósito de reduzir as suas forças para um nível puramente defensivo até ao ano 2001, desde que a NATO proceda de igual forma.

«Perestroika» é irreversível

Um secretário do Comité Central do Partido Comunista soviético afirmou hoje que a «perestroika» é irreversível e que «não há nem haverá regresso ao passado». Vadim Medvedev, membro do Bureau Político e secretário do CC do PCUS que falava durante uma reunião comemorativa do 119.º aniversário de Lenine, salientou ainda que «o povo exige que o partido aja mais corajosamente e, decididamente, com maior eficácia».

Medvedev acrescentou que a União Soviética já conseguiu superar a estagnação registada na sociedade e conferir-lhe movimento.

As recentes eleições dos deputados do povo constituíram um «poderoso referendo a favor da «perestroika», disse Medvedev.

O secretário do CC do Partido Comunista fez notar, contudo, que o apoio do povo implica também a crítica aos diversos aspectos da realidade, nomeadamente o ritmo do processo de reformas e o seu rendimento material e social.

Para Medvedev, a esfera mais difícil da «perestroika» continua a ser a economia, onde «por motivo de diversos factores desfavoráveis se verifica um agravamento da situação». Medvedev acrescentou que neste capítulo são necessárias reformas mais profundas e de maior envergadura.

Referindo-se à situação política, Medvedev criticou os «actos extremistas e irresponsáveis que podem empurrar o país para uma zona perigosa de instabilidade social e política, criando assim um sério perigo para a «perestroika». Medvedev evocava os últimos incidentes ocorridos na República da Geórgia e que causaram 20 mortos e centenas de feridos.

Moscovo investiga incidentes da Geórgia

Promotores públicos de Moscovo vão liderar uma equipa de investigação aos incidentes nacionalistas que, há duas semanas, causaram a morte de 20 pessoas na República Soviética da Geórgia — informou a agência noticiosa TASS.

O anúncio foi feito sexta-feira, durante uma reunião do Politburo do Partido Comunista soviético, e após acusações de que as autoridades soviéticas tentaram abafar a actuação das tropas, especialmente o uso de gases tóxicos contra os manifestantes. «Representantes do Ministério Público da União Soviética irão liderar as investigações do caso criminal originado pelos incidentes em Tbilissi», informou a TASS.

Segundo a agência, esta decisão foi tomada «para assegurar a objectividade e cumprimento da investigação dentro dos parâmetros da lei e providenciar uma informação completa à população.»

O Politburo igualmente pediu ao Comité Central do partido Comunista da Geórgia para investigar as causas dos tumultos de 9 de Abril.

Caso Irão-contras

Júri já reuniu para decidir sentença de Oliver North

O júri do julgamento do antigo adjunto da Casa Branca, Oliver North, reuniu-se ontem para deliberar sobre o destino do principal implicado no caso Irão-contras.

As acusações criminais que pesam sobre North, um assessor-chave do Conselho Nacional de Segurança da administração Reagan, vão desde participação na venda de armas ao Irão em 1985-86 e desvio dos fundos para os rebeldes da Nicarágua até à destruição das provas do seu envolvimento no caso.

O júri, composto por nove mulheres e três homens, entrou no Tribunal Federal cerca das 8 e 30 (13 e 30 de Lisboa), iniciando as deliberações pouco tempo depois. Antes de se pronunciarem sobre a inocência ou culpabilidade de Oliver North, os 12 membros do júri terão que considerar mais de 300 elementos de provas e os depoimentos de 48 testemunhas que depuseram ao longo de oito semanas.

O juiz que preside ao julgamento de North, Gerhard Gessell, pediu quinta-feira aos membros do júri para no seu veredicto terem em consideração o comportamento de North no tribunal e no banco das testemunhas.

Gessell salientou que dois dos principais argumentos da defesa, nomeadamente que North actuou debaixo de ordens superiores da administração Reagan e que o fez sem intenção criminal, não tinham validade.

O juiz acrescentou que ninguém, incluindo o presidente, deve dar uma ordem considerada ilegal.

«Nem o presideente nem nenhum dos superiores do réu tinham autoridade legal para ordenar a alguém a violação da lei», afirmou Gessell.

Oliver North, que está a ser julgado por 12 crimes, incluindo o de ter destruído documentos governamentais e de ter mentido ao Congresso, poderá ser condenado a um total de 60 anos de prisão e ao pagamento de três milhões de dólares (450 mil contos), caso seja considerado totalmente culpado.

ONU analisa o problema afegão

O Conselho de Segurança das Nações Unidas ouviu ontem mais alguns depoimentos sobre a questão afegã e marcou para segunda-feira outra sessão sem ter ainda delineado uma resolução a ser considerada.

O presidente do Conselho de Segurança, o soviétivo Aleksandre Belonogov, disse que não pode adiantar qual será a resolução a tomar na sequência das reuniões do Conselho, que começaram no dia 11 do corrente mês, por iniciativa do governo de Cabul, apoiado pela União Soviética.

O Afeganistão acusa o Paquistão de violar os acordos assinados em Abril do ano passado em Genebra, que tiveram como resultado a retirada das tropas soviéticas do território afegão.

O Paquistão nega as acusações de que os seus militares ajudam os rebeldes afegãos.

O Conselho ouviu ontem os depoimentos dos delegados da Etiópia, Laos, Nicarágua, Vietname, Comores, Iraque, Bulgária e Angola.

O representante do Iraque, Ali Mahmoud Sumaida, apelou á comunidade internacional para que participe na tentativa de reconciliação no Afeganistão, onde os «mujahedins» continuam a tentar tomar pela força a cidade de Jalalabad, para ali instalar o seu governo provisório.

Polónia na hora da mudança

Jaruzelski vai a Londres para conversações sobre a dívida externa

O líder comunista polaco Wojciech Jaruzelski, desloca-se brevemente à Grã-Bretanha para conversações sobre ajuda económica e o problema da dívida externa – anunciou o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, «sir» Geoffrey Howe.

Acreditamos que a Polónia deu decididamente um passo em frente e, portanto, se esse caminho se mantiver, se continuar nessa direcção, nós e os nossos aliados internacionais procuraremos meios positivos de a ajudar – afirmou Howe.

O ministro britânico referiu ainda ter sido com satisfação que o governo britânico recebeu a notícia da próxima visita de Jaruzelski a Londres para conversações sobre a situação económica e o problema da dívida externa polaca.

Fontes do governo britânico acrescentaram que a visita deverá ocorrer no mês de Junho.

Em Varsóvia, fontes próximas do governo afirmaram ontem que a Polónia pediu uma reunião com os bancos comerciais credores em Viena, no mês de Maio, para examinarem uma possível redução da dívida externa.

Os Estados Unidos anunciaram esta semana um pacote de medidas destinadas a ajudar a economia polaca, após ter sido divulgada a relegalização da Central Sindical Solidariedade.

A dívida externa polaca atinge cerca de 39 mil milhões de dólares, uma das mais altas da Europa.

Walesa em Roma

Por outro lado, o líder sindical polaco Lech Walesa disse ontem que a Polónia precisa com urgência do auxílio ocidental para levar a cabo com êxito reformas económicas, políticas e sociais.

Walesa avistou-se no terceiro dos quatro dias da sua visita à Itália, com o primeiro-ministro Ciriaco de Mita.

Não estamos aqui para pedir esmolas mas investimentos e cooperação, disse a De Mita o líder do Solidariedade.

Não temos administradores, não temos tecnologia, acrescentou.

Nesta sequência, frisou que, mais do que de auxílio directo para a compra de bens de consumo, a Polónia precisa da ajuda externa para criar empresas e um mercado.

Apontou depois como um dos principais objectivos do Solidariedade o desmantelamento do absoluto controlo que o Partido Comunista detém sobre todos os sectores da vida económica do País.

Tanto De Mita como o ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, Giulio Andreotti, com quem conferenciou anteriormente, asseguraram a Walesa a disposição de Roma de conceder todo o auxílio possível.

Andreotti precisou que o seu governo está a examinar várias formas de auxílio e continuará a apoiar, no quadro do Clube de Paris, as iniciativas no sentido de reescalonar o pagamento da dívida externa da Polónia.

Ainda segundo Andreotti, será provavelmente assinado em Maio, durante a visita do presidente italaino, Francesco Cossiga, à Polónia, um acordo entre os dois países para a protecção recíproca de investimentos.

Além de De Mita e Andreotti, Walesa avistou-se também com os líderes dos partidos democrata-cristão, socialista e comunista e tem em agenda contactos com dirigentes sindicais e empresários.

JUNTA DE FREGUESIA de ODIVELAS

ANÚNCIO

ARREMATAÇÃO DE BANCAS

No dia 28 de Abril de 1989, pelas 15.00 horas, na Sala da Assembleia de Freguesia, vão ser atribuídas bancas, dos Mercados Novo e Velho de Odivelas, por arrematação em hasta pública e licitação verbal.

Mais informações podem ser pedidas nos Serviços de Licenciamentos da Junta de Freguesia de Odivelas — Rua D. Dinis, n.º 74, r/chão esquerdo, Odivelas.

O Presidente
António Eduardo dos Santos Gonçalves

ESPECIAL FÉRIAS/89 no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 89» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incl.

ABRIL, MAIO, JUNHO E OUT.

Programa 1: **13 950$00** — 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SÁBADO.
Programa 2: **16 975$00** — 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia.

JULHO, AGOSTO, SETEMBRO

16 500$00— Programa 1 **19 950$00** — Programa 2

- Peq. Suplemento p/ocupação single
- 1 a 31 de Agosto supl: **1100$00**/dia/quarto em qualquer modalidade

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 89», por escrito para CP 4900 ou telef. (058)24151/5, Telex 32511 HOPARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS

Estudantes da escola de jornalismo de Pequim empunhando fotografias do ex-líder do Partido Comunista chinês, Hu Yaobang.

Durante as cerimónias fúnebres de Hu Yaobang, em Pequim

ESTUDANTES VOLTARAM À RUA PARA EXIGIR DEMOCRACIA

Os estudantes chineses "ocuparam" hoje a praça de Tienamnen para exigir liberdade e democracia.Os protestos estudantis duram há 6 dias, tendo começado depois do falecimento do antigo líder comunista Hu Yaobang, um liberal reformista. Os estudantes retiraram depois de terminadas as cerimónias fúnebres oficiais em honra de Yaobang, mas deixaram no ar uma promessa: "a luta continua".

Cerca de 100.000 estudantes chineses deixaram hoje a praça de Tianamnen tão pacificamente como 15 horas antes ali chegaram para reclamar reformas radicais no sistema político da China.

A concentração de estudantes, acompanhados por intelectuais e trabalhadores, desafiou as autoridades chinesas que tinham proibido a realização de manifestações durante esta manhã. Empunhando cartazes reivindicando democracia e gritando "avante cidadãos" e "diálogo, diálogo", os estudantes abandoram a praça depois de terminadas as cerimónia fúnebres de Hu Yaobang.

A saída dos estudantes coincidiu com a abertura da praça ao público e com a chegada de uma enorme multidão que veio complicar ainda mais a circulação. A passagem dos estudantes, de regresso às faculdades, obrigou ao corte do trânsito na principal avenida de Pequim. O desfile estudantil despertou um grande interesse por parte do resto da população, tendo muitos transeuntes subido às árvores para melhor observar o desfile.

De salientar que as forças de segurança chinesas têm acompanhado e vigiado todas as manifestações sem intervir, limitando-se a observar e a controlar os cortes de trânsito durante os desfiles dos estudantes. Cerca de 8.000 soldados e vários milhares de polícias foram hoje posicionados em torno da praça de Tianamnem durante as cerimónias fúnebres em honra de Hu Yaobang, mas não se verificaram confrontos graves com os estudantes.

Autoridades não aceitam pedidos dos estudantes

Os protestos dos estudantes começaram há 6 dias, mas até ao momento as autoridades chinesas não aceitaram nenhuma das reivindicações apresentadas. Os estudantes reivindicam maior liberdade de expressão e informação, mais verbas para a educação, a divulgação dos salários das entidades superiores e a revisão do papel histórico desempenhado por Hu Yaobang.

Dois estudantes foram hoje autorizados a entrar no edifício e a conferenciar com o Primeiro-Ministro chinês, Li Peng, a quem apresentaram as suas reivindicações. À saída desta curta "reunião" os dois estudantes afirmaram aos milhares de pessoas concentradas na praça: "Estamos à espera da sua resposta".

Mas o fim das manifestações, que hoje teve lugar, não significa o fim dos protestos estudantis. Os estudantes, que apelaram à realização de greves, disseram que vão regressar às universidades mas que vão boicotar as aulas.

Hu Yaobang, antigo líder do PC que faleceu de ataque cardíaco no dia 15 deste mês, foi afastado dos orgãos de liderança do partido há dois anos devido às suas posições liberais. Depois da sua morte, ele tornou-se numa referência para os milhares de estudantes que exigem resposta do governo às suas reivindicações.

Líderes do PC assistiram às cerimónias fúnebres

Foi ao som da "Internacional" e de palavras de ordem a favor da liberdade e da democracia que os dirigentes do PC chinês e do Estado entraram no Palácio do Povo, por uma porta lateral, a fim de iniciarem as cerimónias fúnebres em honra de Yaobang.

Estiveram presentes nas cerimónias fúnebres, o líder máximo chinês, Deng Xiaoping, o Presidente da República, Yang Shankun, o Secretário Geral do PC chinês, Zhao Ziyang, e outros altos dirigentes.

Zao Ziyang referiu-se ao seu antecessor como "um grande marxista", salientando os 60 anos que dedicou à defesa dos ideáis do partido. Depois do elogio fúnebre foi tocada a "Internacional" e cerca de 4.000 dignatários do partido e do Estado desfilaram perante a urna de Hu Yaobang.

A retirada dos guerrilheiros da Swapo

Tropas de Pretória acantonadas deixam livre saída da Namíbia

As tropas sul-africanas na Namíbia serão acantonadas nas suas bases por 60 horas na próxima semana, para dar aos guerrilheiros da Swapo tempo para saírem do território sem interferências, anunciou o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros.

Roelof Pik Botha disse que «a África do Sul garante que os infiltrados da Swapo poderão regressar sem interferência a Angola durante o período em questão».

A decisão seguiu-se a conversações na quinta-feira com representantes de Angola e Cuba sobre a maneira de apressar a retirada de guerrilheiros da Organização do Povo do Sudoeste Africano (Swapo) da Namíbia para as suas bases em Angola.

Botha disse que o período de cessar-fogo seria a partir das 18 horas (17 de Lisboa) de quarta-feira, altura em que os seis batalhões comandados por sul-africanos serão acantonados no Norte da Namíbia.

Essas unidade, com cerca de quatro mil homens, receberam autorização para deixarem as suas bases a 1 de Abril, quando começaram os combates com guerrilheiros da Swapo infiltrados a partir de Angola, em violação do plano internacional para a independência da Namíbia depois de 73 anos de domínio sul-africano.

Pelos menos 281 guerrilheiros e 27 elementos das forças de segurança morreram nos confrontos desde que o secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, autorizou a saída das forças sul-africanas dos seus quartéis.

O porta-voz do governo sul-africano, Roland Darroll, disse que o acantonamento de forças não abrangerá a Polícia do Sudoeste Africano (Swapol).

Na sexta-feira, as Nações Unidas colocaram os primeiros 72 monitores policiais – irlandeses, suecos e holandeses – em posições no Norte da Namíbia, para supervisão do trabalho da Swapol nos termos do acordo para a independência da Namíbia.

Segundo Darroll, o acantonamento das forças sul-africanas passará a definitivo caso o último dos 1600 guerrilheiros da Namíbia tenha saído no termo do período de cessar-fogo anunciado sexta-feira.

«Se toda a gente da Swapo deixar a Namíbia, então o plano de independência será retomado e a África do Sul será obrigada a fazer de novo o acantonamento das forças de segurança nas suas bases», disse.

África do Sul continua a apoiar a UNITA?

O embaixador angolano nas Nações Unidas disse ontem que os apoiantes da UNITA estão a prolongar a guerra civil em Angola e a retardar a recuperação da economia do país.

«Pretendemos desenvolver os nossos potenciais, mas como é que podemos obter resultados positivos com uma guerra civil a desenrolar-se?» – salientou o embaixador Manuel Pacavira, referindo-se ao conflito entre as tropas governamentais angolanas e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

Segundo a mesma fonte, a África do Sul continua a apoiar a UNITA, desrespeitando os acordos de paz para a região assinados em Dezembro último.

«A UNITA continua a receber ajuda da África do Sul, não nas mesmas proporções, mas o suficiente para poder sobreviver e lutar contra as tropas governamentais», disse Pacavira.

O embaixador referiu que Angola lamenta que os Estados Unidos tenham decidido continuar a apoiar a UNITA, acrescentando que «chegará o momento em que a administração Bush compreenderá que Angola precisa de paz e a paz não se consegue sob a pressão das armas».

Desde a independência de Angola, em 1975, que a UNITA luta pela partilha do poder.

Moçambique: subida de preços e baixa produtividade

O ministro moçambicano das Finanças, Magid Osman, anunciou em Maputo uma subida de oito por cento nos preços ao consumidor, a partir da próxima semana, e atribuiu à fraca produtividade da população os baixos salários auferidos.

«Os nossos salários são baixos por uma razão muito simples», sublinhou o titular da pasta das Finanças: «porque a nossa produtividade é extremamente baixa».

O responsável moçambicano, que procurava esclarecer as sucessivas medidas fiscais, salariais, aduaneiras e outras, na área da economia, defendeu que os aumentos de vencimentos anunciados no início da semana são proporcionais à inflação prevista até Maio.

«Calculamos que a inflação de Janeiro a Maio deste ano seja da ordem dos 22 por cento, daí que a correcção do salário seja em média 22,5 por cento», afirmou Magid Osman durante um encontro com jornalistas.

A.M.A Auto Monumental do Areeiro S.A. ®
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Banco Nacional Ultramarino, S.A.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

I. ENQUADRAMENTO MACROECONÓMICO DA ACTIVIDADE DO BANCO
— Algumas Notas —

1 Observações Gerais

Factores que condicionaram a actividade do Banco

A actividade do Banco, ao longo de 1988, foi naturalmente afectada e condicionada por dois tipos de factores de natureza distinta. Factores inerentes à própria Instituição, particularmente os que decorreram do processo de reorganização financeira, acelerado nos finais de 1988 com os aumentos de recursos próprios e factores exógenos, que reflectiram o contexto doméstico e internacional em que o BNU, como qualquer outro Banco, teve de conduzir a sua actividade.

Os primeiros, decorrentes de uma orientação de gestão que favorece sobretudo as decisões dirigidas ao fortalecimento e ao aumento de eficiência dos serviços do Banco, levam, nesta fase, a dirigir recursos e energias sobretudo para áreas susceptíveis de, a mais curto-prazo, se reflectirem positivamente nas condições de exploração da Instituição.

Os segundos pressionaram de forma complexa o Banco e resultavam, quer da evolução da conjuntura económica doméstica e internacional, quer da orientação que as autoridades monetárias imprimiram à política monetária.

Utilizando esta de forma privilegiada o sistema bancário como mecanismo transmissor dos seus impulsos sobre os objectivos intermédios e através destes sobre a actividade económica global, a margem de manobra de que dispõe a gestão para introduzir alterações estruturais na situação patrimonial dos Bancos é necessariamente condicionada.

A partir do ponto II, apresentar-se-á de forma detalhada a orientação imprimida internamente à gestão do Banco e proceder-se-á à análise dos resultados desta.

Neste momento importa sobretudo deixar algumas notas sobre os factores exógenos que incidiram sobre o Banco e a actividade deste.

De forma sintética, poder-se-á referir que decorreram essencialmente:

- da orientação imprimida à política monetária, com a manutenção da técnica de controlo directo da liquidez do sistema;
- da intensificação das pressões da concorrência no interior do sistema bancário doméstico, em articulação e como resultado do processo de inovação financeira e de desintermediação;
- dos novos e importantes passos dados na direcção da desregulamentação do sistema financeiro, principalmente a nível das taxas de juro e da organização e funcionamento dos mercados monetário-cambiais;
- dos reflexos sobre o mercado bancário do arrefecimento súbito experimentado pelo mercado de capitais nos finais de 1987;
- do comportamento da economia doméstica, sobretudo da manutenção de um ritmo elevado de crescimento, acompanhado de uma certa derrapagem das pressões inflacionistas, mais visíveis no final do ano e que naturalmente tiveram a sua contrapartida no comportamento dos agentes económicos a nível da procura de activos monetários.

A seguir deixar-se-ão breves referências à evolução, ao longo de 1988, de algumas variáveis macroeconómicas. Neste ponto tocar-se-ão apenas aspectos considerados mais relevantes do complexo conjunto de factores que estão a incidir sobre o sistema bancário doméstico.

Limites ao Crédito

Antes de mais e pela importância decisiva que cabe à política monetária, dir-se-á que esta continuou, em 1988, a condicionar a estrutura patrimonial das Instituições Monetárias, ao mesmo tempo que potenciou o movimento de inovação financeira e de desintermediação.

Novos produtos e técnicas de financiamento — tais como o «leasing» e o «factoring» — ganharam peso, enquanto aumentava o número de instituições financeiras não monetárias.

O alargamento da abertura ao exterior, decorrente da desregulamentação cambial, apenas veio acentuar as pressões que se exercem sobre a própria política monetária e intensificar a complexidade crescente do contexto em que esta está a actuar.

Pressão da Concorrência

Com a capacidade dos Bancos limitada no que respeita à gestão da estrutura dos respectivos activos, intensificou-se a concorrência sobre a captação dos recursos de conta alheia, procurando os depósitos menos remunerados.

Processo de Desregulamentação

A decisão de desregulamentar as taxas de juro activas praticadas pelos Bancos — concretizada por etapas sucessivas ao longo do ano — veio dar um novo e importante impulso ao processo de organização dos mercados monetários, ao mesmo tempo que introduzia uma alteração estrutural nas condições de funcionamento do mercado bancário.

O impacto definitivo desta decisão sobre o funcionamento do sistema está aliás longe de se ter verificado, porquanto está a obrigar os Bancos a introduzir novas técnicas operacionais e de gestão de tesouraria, ao mesmo tempo que aumenta as responsabilidades próprias da gestão em áreas importantes, como a da avaliação do risco comercial.

Mercados Monetário-Cambiais

Em paralelo, continuou a verificar-se um desenvolvimento e alargamento dos mercados monetário-cambiais, enquanto as instituições monetárias prosseguiam o esforço de modernização e reapetrechamento das áreas ligadas à gestão, no dia a dia, das respectivas tesourarias — quer em moeda estrangeira quer em escudos.

Evolução da Situação Macroeconómica

Todo este processo se desenvolveu num contexto macroeconómico marcado pela manutenção de ritmos elevados da actividade económica interna, com uma procura de crédito elevada e uma tendência para uma certa subida das taxas de juro activas, principalmente a partir do final de 1988.

2. Alguns Indicadores da Evolução da Situação Macroeconómica em 1988

Ainda não é possível — dada a indisponibilidade de valores seguros sobre o comportamento de algumas variáveis macroeconómicas «chave» — proceder a um diagnóstico definitivo da conjuntura ao longo de todo o ano de 1988.

Os indicadores disponíveis apontam, no entanto, para:

- uma manutenção da expansão económica, com um ligeiro abrandamento no segundo semestre;
- um comportamento muito favorável do emprego, reflectindo o importante esforço de investimento, que continuou a evoluir a taxas elevadas em 1988;
- um agravamento da balança comercial, essencialmente como reflexo dos níveis elevados mantidos pela procura agregada interna;
- um comportamento globalmente favorável da Balança de Transacções Correntes que deverá manter um saldo excedentário; (*)
- uma certa derrapagem dos preços, decerto como reflexo dos níveis elevados em que se manteve a procura global, quer o consumo, quer o investimento.

No ponto seguinte, detalha-se um pouco a apresentação de alguns indicadores macroeconómicos disponíveis.

2.1. Procura Global e Produto

Manutenção de um crescimento elevado

Embora se disponha apenas de elementos estimados para o ano de 1988, estes, em articulação com outros indicadores parcelares, apontam para a manutenção de um elevado nível da procura interna, embora se tenha verificado uma certa desaceleração em relação ao ano anterior.

Assim, o consumo privado e o Investimento — F.B.C.F. — terão crescido às taxas de, respectivamente, 5 e 10% em termos reais.

(*) Posteriormente à elaboração deste texto o INE-Instituto Nacional de Estatística publicou uma versão corrigida dos valores do comércio externo que agravou fortemente a Balança Comercial e, como reflexo, a Balança de Transacções Correntes que deverá apresentar um «deficit».

Banco Nacional Ultramarino, S.A.

ALGUNS INDICADORES MACROECONÓMICOS (1987-1988) — Variações em Volume — (%)

	1987	1988 Estimativas	1989 Prev. GOP's
Consumo Privado	7.0	5.0	3.0
Consumo Público	1.7	—	—
Investimento	23.1	10.0	9.5
PROCURA INTERNA	10.0	6.5	4.8
Exportações	10.5	6.0	6.0
Importações	25.9	12.0	7.8
PIB p.m.	4.5	4.0	4.0

Fontes: 1987 — Banco de Portugal
1988 — Estimativas
1989 — GOP's

2.2. Relações com o Exterior

Como reflexo da forte procura interna, manteve-se, ao longo de 1988, um crescimento rápido das importações que, apesar do comportamento claramente favorável das vendas ao exterior, provocou um novo agravamento da Balança Comercial e uma baixa acentuada da taxa de cobertura.

Esta evolução das importações é em boa parte explicada pelo esforço de investimento realizado, o que, no futuro, se repercutirá favoravelmente na produtividade e nível de competitividade da economia doméstica.

Este agravamento deve ainda ser analisado à luz do esforço de modernização mantido por sectores importantes, a par da circunstância de o cabal aproveitamento dos fundos comunitários, disponíveis para impulsionar ajustamentos estruturais, implicar uma pressão inevitável sobre as importações, sem que tal, no entanto, tenha provocado um saldo negativo a nível da Balança de Transacções Correntes. (*)

De facto e embora se encontrem apenas disponíveis valores para o terceiro trimestre de 1988, as estimativas apontam para a manutenção, no ano, de um excedente corrente.

EVOLUÇÃO DA BALANÇA DE PAGAMENTOS(*) (Principais rubricas)

(10^6 US$)

	1987		1988	
	Jan-Set. (1)	Ano (2)	Jan-Set. (3)	(Δ = 3-1)
Bens e Serviços	- 1771	- 2373	- 2392	- 621
Transf. Unilaterais	2831	3775	3205	+ 374
Rend. Capitais	- 674	- 927	- 689	- 15
Bal. Transacções Corr.	386	475	124	- 262
Bal. Básica	1119	614	429	- 690
Bal. Op. não Monet.	2082	1911	659	- 1423

Fonte: Banco de Portugal — Síntese Mensal da Conjuntura

(*)Ver nota da página anterior.

Evolução dos Agregados Monetários e do Crédito

2.3. Situação Monetária e Cambial

Ao longo de 1988, a generalidade dos agregados monetários teve um comportamento marcado pelo facto de o controlo do crédito sujeito a limites imperativos se processar bimensalmente.

As taxas de crescimento, quer do L quer do M_1 estabilizaram a níveis substancialmente inferiores aos verificados em 1987.

Dado, no entanto, o facto de se ter acentuado em 1988 o processo de desintermediação, com o crescimento de novas formas de financiamento, é de admitir que se tenha verificado uma certa aceleração da velocidade de circulação dos meios de pagamento.

O crédito interno ao Sector Público evoluiu, por sua vez, a taxas relativamente elevadas, enquanto desacelerava o recurso a fontes externas de financiamento.

EVOLUÇÃO DA SITUAÇÃO MONETÁRIA (Alguns agregados — T. crescim. — tvh)

	1988			
	I	II	III	IV
Agregados Monetários				
• L	13.8	14.1	14.2	13.8
M_1-	12.4	15.5	13.2	12.7
Crédito				
• Total	11.2	10.3	12.1	10.7
• CLSP (*)	21.8	19.3	18.6	15.1
• CS Privado	12.5	10.5	16.6	15.7

Fonte: Banco de Portugal — Síntese Mensal da Conjuntura

(*) CLSP: Crédito Líquido ao Sector Público.

Diferenciais de Taxas de Juro

Como reflexo da evolução da situação monetária-cambial externa e do comportamento, ao longo do ano, das taxas de juro nos mercados monetários domésticos, verificou-se, para o final de 1988, uma certa deterioração dos diferenciais de taxas em relação ao exterior, mais acentuada em relação à moeda americana, dado o comportamento instável desta nos mercados cambiais internacionais.

Apesar desta evolução, manteve-se, ao longo de 1988, um comportamento favorável da balança cambial do Banco de Portugal, o que permitiu preservar o nível das reservas oficiais em meios de pagamento sobre o exterior e revela a manutenção de níveis elevados de confiança na moeda doméstica.

EVOLUÇÃO DOS DIFERENCIAIS DE TAXAS DE JURO — Portugal/Exterior —

	Esc/Exterior	Esc/US$	Esc/Marco
1986	+ 3.27	+ 22.94	-5.08
1987	-0.44	+ 11.58	-1.37
1988	-0.34	- 1.27	+ 4.27

Fonte: Banco de Portugal — Síntese Mensal da Conjuntura

A nível interno verificou-se, no final do ano, uma tendência para uma subida, ainda que ligeira, das taxas de juro activas praticadas pelo sistema bancário, reflectida pelo novo indicador que, a partir de Novembro, passou a ser divulgado pela Associação de Bancos.

TAXA INDICATIVA DE OPERAÇÕES ACTIVAS

1988

	Novembro					Dezembro					
	Mês*	7	14	21	28	Mês*	2	5	12	19	26
Taxas	17.61	17.54	17.64	17.64	17.64	18.19	17.73	18.04	18.25	18.27	18.31

* Taxas médias do mês

II A ACTIVIDADE DO BANCO EM 1988 E AS ÁREAS DE ACTUAÇÃO PRIORITÁRIAS

1. A actividade do Banco

1.1. Aspectos Gerais

Alteração do Estatuto do Banco

O ano de 1988 ficará a marcar um ponto importante de viragem na história recente do Banco Nacional Ultramarino:

- Em Julho, através do Decreto-Lei 232/88, foi alterada a natureza jurídica do Banco, que passou a ser uma sociedade anónima de capitais públicos, medida que criou as condições para que a Caixa Geral de Depósitos passasse a deter 60% do capital do BNU;
- O Estado, enquanto accionista ainda maioritário, assumiu a assunção dos prejuízos de exercícios transitados de 1986 e 1987, como reconhecimento das condições em que o Banco absorveu no seu património pressões decorrentes do processo de descolonização;
- O capital social do Banco passou, por deliberações do Conselho de Administração de 2 de Novembro de 1988, ao abrigo dos estatutos e da Assembleia Geral, reunida em 29 de Dezembro de 1988, sucessivamente de 7 para 14 e deste montante para 20 milhões de contos, tendo 60%, correspondente a 12 milhões de contos, sido subscrito e realizado pela Caixa Geral de Depósitos, enquanto o Estado passava a deter os restantes 40%.

Este conjunto de medidas visou contribuir para o acentuar da melhoria da situção financeira do Banco, criando uma base mais sólida para o processo de relançamento e reorganização que o BNU está a atravessar.

Continuando a política monetária a condicionar fortemente a margem de manobra da gestão no que diz respeito à orientação adoptada para a política comercial, foi preocupação fundamental desta a intensificação das acções de recuperação financeira e económica.

Embora o resultado do exercício em termos consolidados tenha sido negativo em cerca de 1119 milhares de contos, a verdade é que em relação ao ano anterior tal significou uma apreciável melhoria de 1116 milhares de contos, apesar de se ter verificado em 1988 um contexto macroeconómico menos favorável.

Esta evolução, que em termos de «cash flow» de exploração representou um acréscimo de cerca de 2305 milhares de contos, em relação a 1987, constitui já, pela sua natureza e dimensão, um sinal seguro de que as condições de exploração do Banco melhoraram em 1988.

Acresce que as oportunidades abertas de explorar comercialmente segmentos do mercado bancário em que se verificam possibilidades de articulação de esforços e complementaridades de actuação com a Caixa Geral de Depósitos e com a Companhia de Seguros Fidelidade, não deixarão de aumentar a capacidade concorrencial, com reflexos na eficiência comercial dos serviços do Banco e decerto nas condições de exploração deste.

Banco Nacional Ultramarino, S.A.

1.2. Política de Crédito e de Captação de Recursos

Muito embora a orientação imprimida à política monetária tenha continuado, ao longo de 1988, a condicionar fortemente a estrutura das aplicações do Banco — pelo impacto dos limites estabelecidos para a carteira de crédito — procurou a gestão adoptar uma política comercial capaz de, em simultâneo:

- preservar e, mesmo, melhorar a estrutura de recursos do Banco;
- procurar aumentar o volume de operações de crédito susceptíveis de desenquadramento, de acordo com os critérios adoptados pelo Banco Central.

Neste contexto, a evolução dos recursos e da carteira comercial caracterizou-se por uma certa estabilização da estrutura dos recursos de conta alheia e um crescimento das operações de crédito não sujeitas ao limite estabelecido pela autoridade monetária.

Captação de Depósitos

Com o objectivo de preservar a estrutura dos depósitos face às pressões cada vez mais intensas da concorrência, os serviços comerciais do Banco procuraram, através da introdução de novos produtos, intensificar a captação de depósitos de mais baixo custo.

Muito embora a procura deste tipo de recursos se tenha intensificado fortemente com a consequente subida dos níveis de remuneração praticados pelo mercado, o Banco, mercê da sua vasta rede de balcões, conseguiu um significativo acréscimo dos depósitos à ordem.

Estes cresceram, de facto, 13,2% em termos de saldo médio anual, enquando os depósitos totais aumentaram cerca de 12%.

De notar que na segunda metade do ano a captação de depósitos à ordem acelerou, apresentando taxas substancialmente superiores às evidenciadas pelo crescimento destes recursos a nível de todo o sistema.

EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA*
DOS DEPÓSITOS E TAXAS DE CRESCIMENTO
(Continente e ilhas)

	1987	1988	Estrutura em %		Taxas de crescimento
	10^3 contos	10^3 contos	1987	1988	1988/87
Dep. à Ordem	81 012	91 700	28,4	28,7	+13,2%
Dep. a Prazo	204 267	229 299	71,6	71,3	+12,3%
Tot. Depósitos	285 279	320 999	100,0	100,0	+12,5%

* valores médios anuais

Actividade Comercial

Dado o quadro em que a actividade comercial do Banco tem de se desenvolver — fortemente condicionada pelos limites imperativos ao crédito — a política comercial adoptada procurou actuar ao longo de duas vertentes principais:

- por um lado, procurou dirigir um volume crescente de recursos para operações desenquadradas;
- por outro, acentuou o saneamento da carteira através de renegociações ou outras formas de recuperação de créditos vencidos e não regularizados.

Embora também neste segmento de mercado se tenha verificado uma intensificação da concorrência, aumentou de forma significativa a carteira de aplicações em operações desenquadradas. Os financiamentos na modalidade de desconto sobre o estrangeiro, por exemplo, cresceram à elevada taxa de 42%, evidenciando o esforço comercial feito.

Já o crédito global, reflectindo os limites de crescimento impostos pelo controlo directo da liquidez do sistema mantido pela política monetária, apenas cresceu a uma taxa próxima da inflação, estabilizando o respectivo valor em termos reais. Deste modo as aplicações em crédito continuaram a reduzir o peso respectivo em relação ao valor global dos activos do Banco.

EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA GLOBAL DOS ACTIVOS
(1987 - 1988)
(Continente e Ilhas)

	Estrutura em %	
	1987	1988
Disponível	24	29
Crédito Concedido	39	38
Outros Activos	37	33
Activo	100	100

1.3. Actuação nos Mercados Monetário e de Capitais

Em 1988 o Banco prosseguiu o esforço de reorganização interna, dirigido à criação de condições técnicas e operacionais adequadas ao aproveitamento integral das novas possibilidades abertas pelo processso de desregulamentação dos mercados monetários e cambiais.

Com tal objectivo, acelerou-se o treino de pessoal e a instalação de sistemas capazes de apoiar uma crescente participação do Banco nestes mercados.

As potencialidades da Instituição nesta área apresentam-se aliás como importantes, pois apenas no que diz respeito à participação nos mercados cambiais, o Banco adquiriu em 1988 cerca de 157 milhões de contos de moeda estrangeira, mais 14% do que no ano anterior. Em parelelo, o volume de moeda estrangeira transaccionado pelo «dealing room» do Banco cresceu rapidamente — + 169,5% - reflectindo uma maior capacidade técnica e operacional.

Dado o já referido condicionalismo imposto pela política monetária, a tesouraria do Banco teve ao longo de 1988 que proceder a aplicações nos mercados monetários de um volume crescente de recursos. As aplicações nos mercados interbancários, por exemplo, cresceram cerca de 19%, em termos de taxa média homóloga referida a Dezembro.

No que respeita à intervenção no mercado de títulos e apesar dos efeitos depressivos gerados pelo «crash» de Outubro de 1987, o BNU conseguiu melhorar a sua quota de mercado, intensificando a sua participação na organização, montagem e tomada firme de operações — empréstimos obrigacionistas, aumentos de capital, O.P.V. (s), etc. — tendo registado um aumento superior a 100% no número de operações e de 50% no volume de fundos movimentados.

Acompanhando o processo de crescente inovação financeira que atravessa o sistema financeiro doméstico, o BNU diversificou a sua actividade, estendendo-a a novos segmentos do mercado. Assim, participou na criação e no capital social de diversas instituições parabancárias e reforçou a sua posição accionista, quer nestas, quer no Bank of Lisbon International e na Sociedade Portuguesa de Leasing. De igual modo lançou o certificado de depósito «Multi-Renda» e iniciou a comercialização de produtos financeiros em articulação com a Companhia de Seguros Fidelidade.

APLICAÇÕES NOS MERCADOS MONETÁRIOS
E OUTRAS DISPONIBILIDADES
(Continente e Ilhas)

DISPONÍVEL	1987	1988	t.c. (%)
Caixa e Dep. no B. Central	20 465	27 984	36,7
Aplicações nos Merc. Monet. (*)	53 838	62 954	16,9
Outras Disponibilidades (**)	25 598	45 267	76,9
Total Disponível	99 901	136 205	36,3

(*) Integra aplicações: MMI; MIT; D. Prazo; TIM's; B. Tesouro; CLIP's
(**) Inclui Disponibilidades em Moeda Estrangeira

O forte crescimento dos activos disponíveis em 1988, reflectiu, por um lado, o comportamento globalmente favorável dos recursos de conta alheia — depósitos à ordem e a prazo — que apesar da forte concorrência mantiveram e consolidaram a posição do Banco neste importante sector do mercado bancário e, por outro, as fortes limitações impostas pelos limites ao crédito que naturalmente obrigam à canalização de recursos para aplicações alternativas.

A este respeito considera-se insdispensável deixar uma nota em relação à impossibilidade de fazer repercutir para crédito os efeitos decorrentes do aumento de capital.

Não se colocando naturalmente em causa os argumentos de natureza técnica que estiveram na origem desta decisão, atendendo à circunstância de se tratar de investimentos cruzados entre instituições monetárias, esta teve como efeito um acréscimo de aplicações nos mercados monetários, com taxas de remuneração média menos favoráveis. Circunstância que contribuiu para o forte crescimento dos activos disponíveis — mais 36,3%.

Evolução dos Agregados Monetários e do Crédito

2. Áreas de Actuação Prioritária

No âmbito do esforço dirigido à reorganização do Banco, com o objectivo de o transformar numa instituição mais eficiente e apetrechada para enfrentar os desafios crescentes da concorrência, foi dada particular atenção a áreas instrumentais consideradas prioritárias.

Política de Recursos Humanos, Organização e Informática e Instalações, mereceram, ao longo de 1988, a particular atenção da gestão que procurou para o efeito mobilizar os recursos e as energias disponíveis.

Ainda no final de 1988 foi mesmo lançado um trabalho de preparação de um programa especial de actuação, dirigido ao estabelecimento, quer de objectivos operacionais, quer de prioridades no âmbito destas áreas.

2.1. Área dos Recursos Humanos

A elevada idade média dos efectivos do Banco, resultado da absorção de significativo número de empregados que exerciam funções em África, cria problemas particulares que exigem a adopção de uma política cuidadosa.

A orientação adoptada procurou, em simultâneo, incentivar a reforma de empregados próximo do limite de idade e lançar um processo de formação e treino de elementos com perfil adequado para o exercício de funções de chefia, enquadramento e especiais, ligadas sobretudo à prestação de serviços de qualidade mais elevada — caso dos gestores de conta.

Banco Nacional Ultramarino, S.A.

Dado o processo de saneamento em curso e apesar de algumas dificuldades provocadas pela passagem à reforma de um número elevado de activos, optou-se por apenas proceder à admissão de novos empregados para o exercício de funções especiais — nomeadamente quadros técnicos e de direcção — procurando ao mesmo tempo criar condições para um aumento de produtividade dos rercursos disponíveis.

Neste contexto, foram em 1988 reduzidos em 469 os efectivos em pessoal activo do Banco, essencialmente por efeito de passagens antecipadas à situação de reforma.

Mereceu ainda particular atenção a necessidade de formar um grande número de empregados destinados a integrar as equipas da Gerência dos balcões do Banco, esforço que envolveu mais de uma centena de elementos que estão já na sua maioria a exercer funções de chefia.

Este processo revestiu-se de um relevo que deve ser sublinhado, pois as equipas de Gerência do Banco que se encontravam fortemente enfraquecidas e envelhecidas começaram deste modo a ser revitalizadas. Sendo a vasta rede de balcões uma das mais importantes vantagens que o Banco apresenta, reveste-se de facto de extrema importância este programa que se considera ter sido bem desenhado e executado.

2.2. Organização e Informática

Em articulação com as medidas executadas na área dos Recursos Humanos, foi continuado o esforço dirigido à reorganização de serviços e à implantação de novos sistemas informáticos.

Em particular, no que respeita a Departamentos considerados de importância estratégica — Departamento Financeiro, Internacional, de Títulos e Operacionais — intensificou-se o esforço de reorganização, com o objectivo de dar ao Banco maior capacidade técnica e operacional, com o objectivo de aumentar a eficiência e através desta a capacidade competitiva.

Pela sua importância, destacam-se algumas medidas que foi possível concretizar ou iniciar em 1988:

- aperfeiçoamento do sistema «Videobanco» com novas funcionalidades que a curto prazo permitirão alargar substancialmente o leque de serviços que este poderá prestar;
- continuação do processo de instalação do teleprocessamento num número crescente de balcões, prevendo-se que em meados de 1989 toda a rede de agências disporá deste sistema;
- aumentou-se o número de caixas automáticas — ATM's — instaladas no Banco e de terminais de pontos de vendas — POS — no domicílio de clientes, o que está a melhorar a qualidade dos serviços prestados à clientela pelos balcões;
- prosseguiu a implantação de novos sistemas informáticos em alguns Departamentos, destacando-se o sistema Kapiti no Departamento Internacional e o lançamento de um processo de reorganização da Tesouraria do Banco — Departamento Financeiro.

Todo este esforço, que se considera indispensável para modernizar o Banco, está naturalmente a envolver um número crescente de recursos na área da Organização e Informática, o que levou, por sua vez, a adoptar e lançar um processo de recrutamento e formação de pessoal especializado que se espera permita aumentar a breve prazo a capacidade do Departamento que nesta área tem a responsabilidade de executar as orientações adoptadas.

2.3. Instalações

Os trabalhos finais de construção da nova Sede do Banco ocuparam grande parte dos esforços desenvolvidos, em 1988, no que respeita a instalações.

O Edifício BNU, que deverá ser inaugurado no final do primeiro semestre de 1989, irá permitir concentrar num único imóvel — com uma área bruta de cerca de 45 000 m^2 e 21 pisos, 16 dos quais acima do solo — todos os Departamentos Centrais do Banco.

Este imóvel, sito na confluência das Avenidas 5 de Outubro e de Berna, ficará equipado com as mais avançadas soluções tecnológicas, nomeadamente no que respeita aos sistemas de gestão de energia e segurança. Permitirá igualmente instalar convenientemente os serviços que integram os Departamentos Centrais, o que será devidamente aproveitado para impulsionar a reorganização destes. Em particular no que diz respeito à chamada Agência Central, esta será organizada de modo a constituir um balcão modelo, capaz de oferecer um serviço eficiente e de elevada qualidade.

Para além, no entanto, dos trabalhos ligados à construção da nova Sede, prosseguiram em 1988 projectos destinados a melhorar as condições de instalação de algumas Agências e Dependências consideradas suficientemente importantes para serem dotadas de condições de funcionamento adequadas. Assim, foram remodeladas as instalações da Agência de Algés e iniciados projectos de remodelação dos balcões localizados em Leiria, Régua, Santarém, Nelas, Vila Real de Santo António e Barcelos.

Em paralelo, prosseguiu o esforço de alienação de instalações que a nova Sede tornará excedentárias na área de Lisboa, assim como aliás de imóveis recebidos como dação em pagamento.

3. Sucursal de Macau

A actividade do Banco em Macau continuou, em 1988, a pautar-se por critérios que em grande parte reflectem as funções especiais que decorrem das ligações existentes entre o BNU e a Administração do Território.

A Sucursal e a rede de balcões que controla em Macau continuaram a dirigir a respectiva actividade para três tipos distintos de funções:

- operaram, no âmbito do contrato que mantêm com o Território, como Agente, para a emissão monetária e Caixa do Tesouro local.

Funções que exerceu em articulação e cooperação com o Instituto Emissor de Macau, entidade em quem o Território delegou as funções de supervisão do sistema financeiro local e de executor da política monetário-cambial do Governo local;

- actuaram, no mercado bancário a retalho local, captando depósitos e canalizando aplicações e investimentos para a actividade económica doméstica;
- mantiveram, em articulação com a Sede, uma actividade tipicamente «offshore», quer obtendo linhas de «funding» nos mercados financeiros internacionais quer procedendo a aplicações nestes.

Evolução financeira favorável

A evolução financeira global da Sucursal em Macau continuou largamente favorável ao longo de 1988. O «cash-flow» operacional cresceu cerca de 76% em escudos, ultrapassando o meio milhão de contos, enquanto os resultados do exercício depois das amortizações e provisões se situaram em cerca de 396 000 contos.

No que diz respeito à actividade desenvolvida sobre o segmento de retalho do mercado bancário local, assistiu-se, ao longo de 1988, a uma consolidação da posição da Sucursal, pois enquanto os depósitos globais cresciam 5% o crédito manteve-se próximo dos níveis atingidos no ano precedente.

Esta evolução reflecte naturalmente a da própria economia do Território no que diz respeito aos depósitos e o comportamento cambial da moeda local. Como, de facto, os depósitos da comunidade portuguesa pesam substancialmente na carteira de recursos de conta alheia da Sucursal, sempre que a pataca se valoriza em relação ao escudo, tende a verificar-se um incremento substancial de transferências de depósitos para Portugal, o que naturalmente afecta o nível local destes.

Com o objectivo de melhorar a capacidade técnica e operacional da Sucursal e aumentar a sua eficiência nos diferentes segmentos de mercado e funções que exerce no Território, estão a ser dados passos no sentido da reorganização dos respectivos serviços, o que não deixará de se reflectir no futuro imediato da sua presença nos mercados monetário e de capitais da área.

Entretanto prosseguiu o esforço de reequipamento do Banco em Macau, com a implantação de novos serviços informáticos, de que se destaca a instalação de um novo computador central e de novas ATM's, distribuídas pela rede de balcões locais.

ACTIVIDADE DA SUCURSAL
(Alguns indicadores) (*)

	Estrutura em %		
	1987	1988	Tax.Cresc. em %
• Activo Total			
do qual:	100.0	100.0	+9.1%
• • Aplicação em m.est.	16.1	13.7	— 7.0%
• • Crédito Total	39.5	36.2	0.0%
• Passivo Total			
do qual:	100.0	100.0	+9.1%
• • Depósit. Totais	47.7	45.9	+5.0%

(*) Valores referidos a patacas

Em 1988 a Sucursal prosseguiu um esforço dirigido à diversificação do risco País da respectiva carteira «offshore».

CARTEIRA «OFFSHORE»
(Diversificação) (*)

	em %		
	1986	1987	1988
• Portugal	99.6	85.3	72.1
• Europa	—	2.1	11.6
• Hong Kong	0.4	2.5	2.4
• Ásia/Pacífico	—	6.4	10.7
• Outros	—	3.7	3.2

(*)Valores referidos a patacas e ao final do terceiro trimestre de cada ano

As aplicações da Sucursal nos mercados financeiros mantiveram, em 1988, o forte crescimento já manifestado no ano anterior, embora com uma certa desaceleração, explicada pela quebra verificada no final de 1987, na generalidade dos mercados de capitais internacionais.

Banco Nacional Ultramarino, S.A.

III. APRECIAÇÃO DO BALANÇO E CONTAS DO EXERCÍCIO

Como é conhecido, o património do Banco Nacional Ultramarino, S.A., absorveu o impacto do processo de descolonização que naturalmente se reflectiu em diferentes rubricas do Balanço da Instituição.

Em 1988 e em articulação com o processo lançado de reorganização e fortalecimento financeiro do Banco, prosseguiu-se o esforço de clarificação da sua situação patrimonial. Neste sentido continuou-se o processo de análise sistemática das posições activas e passivas relevadas pela contabilidade e particularmente afectadas pelo referido processo. Neste contexto, foi possível proceder à regularização de algumas sub-rubricas das Contas Diversas que permaneciam em suspenso, o que se reflectiu globalmente nos Proveitos por Natureza no montante de cerca de 1,4 milhões de contos.

1. Critérios utilizados no encerramento das contas

- Na valorimetria dos valores activos e passivos foram utilizados os critérios estabelecidos para o efeito pelas Autoridades Monetárias.
- Particularmente no que respeita à reavaliação dos imóveis de serviço próprio do Banco, esta foi feita de acordo com o determinado pelo Decreto-Lei n.º 111/88, de 2 de Abril, tendo sido apurada uma reserva de 1831 milhares de contos.
- Nas amortizações do imobilizado foram aplicadas as taxas máximas fiscalmente admitidas.
- Na imputação dos custos e proveitos foi aplicado o princípio da especialização dos exercícios.

2. Evolução do Balanço Consolidado

Aumento de Capitais Próprios

O aspecto mais significativo da evolução global do Balanço refere-se ao forte aumento dos capitais próprios e equiparados que mais do que duplicaram.

Este comportamento reflecte os aumentos de capital decididos em Conselho de Administração e Assembleia Geral na sequência da mudança de estatuto já referida no ponto II, alínea 1.1. e que elevaram o capital social de 7 para 20 milhões de contos.

Deste modo foram, no final de 1988, dados passos de extrema importância e que contribuirão para a consolidação da situação financeira do Banco.

A assunção, por parte do Estado, dos prejuízos transitados de 1986 e 1987 — no montante de 4241 milhares de contos — feita no âmbito do referido processo de reorganização e fortalecimento financeiro do Banco, contribuiu igualmente para o aumento dos capitais próprios e equiparados.

Evolução do Activo

Para além deste aumento, do confronto entre os Balanços consolidados de 1987 e 1988 é de salientar os aspectos seguintes:

- os Activos Globais do Banco cresceram fortemente — + 15% — evidenciando, para além do acréscimo de capitais próprios, uma apreciável expansão da actividade operacional;
- o aumento substancial dos recursos mantidos sob a forma de Activos Disponíveis — + 36,8% — reflecte a contínua acumulação de liquidez que os limites impostos à carteira de crédito obriga a canalizar para aplicações nos mercados interbancários;
- pelas mesmas razões acabadas de referir, o crédito global concedido apenas aumentou 11,2%;
- o aumento de 20% do Imobilizado Bruto — + 4905 milhares de contos — é essencialmente explicado, quer pelos investimentos feitos em 1988 na nova Sede e em algumas Agências, quer em novos equipamentos, quer ainda pelo acréscimo de 2372 milhares de contos proveniente das reavaliações feitas ao abrigo do referido Decreto-lei n.º 111/88;

Evolução do Passivo

- a moderada taxa de crescimento observada pelos Depósitos à Ordem — + 9% — subavalia fortemente o aumento destes ao longo de 1988, na medida em que os valores pontuais de fim de ano se apresentaram — quando comparados com os homólogos do ano anterior — muito baixos.
- de facto, basta considerarmos a taxa de crescimento referida aos valores médios de Dezembro para obtermos a elevada taxa de crescimento no Continente e Ilhas de cerca de 16%, que reflecte melhor o comportamento favorável desta variável, principalmente durante o segundo semestre de 1988;
- em contrapartida os Depósitos a Prazo apresentam, mesmo no final do ano, uma elevada taxa de crescimento — + 14% — reflectindo uma forte captação destes recursos;
- a diminuição de cerca de 3208 milhares de contos — 25,7% — observada nas rubricas de Regularização do Activo é explicada pela conjugação de vários movimentos de que se destacam:
  - aumentos verificados nas amortizações do imobilizado;
  - redução das provisões para créditos de cobrança duvidosa, por virtude da anulação de cerca de 6072 milhares de contos de créditos incobráveis, apurados no âmbito dos esforços dirigidos ao saneamento da carteira do Banco.

EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DO BALANÇO CONSOLIDADO (Principais Rubricas) — (1987-1988)

	Estrutura em % 1987	1988
• **Disponível**	**23.2**	**27.6**
• • Cx. e Depósitos no B. Central	4.1	4.9
• • Outras aplic. em m. nacional	14.6	18.5
• • Disp. em m. estrangeira	4.5	4.2
• **Crédito Concedido**	**38.8**	**37.5**
• **Outros Activos**	**38.0**	**34.9**
• • Carteira de títulos e p.fin.	7.6	6.8
• • Imobilizado	4.9	5.1
• • Outras Contas	25.5	23.0
Total do activo	**100.0**	**100.0**
• **Exigível**	**78.0**	**78.0**
• • Depósitos totais	73.0	71.0
• • • Dep. à Ordem	24.1	22.8
• • • Dep. a Prazo	48.9	48.2
• • Outras	5.0	7.0
• **Não exigível**	18.6	16.0
• **Capitais Próprios e Equip.**	3.4	6.0

COMPARAÇÃO DOS BALANÇOS CONSOLIDADOS 1987 E 1988

(Em milhares de contos)

Rubricas	1987	1988	Variação 1987 — 1988 Absoluta	R.per.
Activo	**503 092**	**578 400**	**75 308**	**15,0**
Disponível	116 680	159 643	42 963	36,8
Caixa e dep. em B. Centrais	20 467	27 987	7 520	36,7
Outras disp. em moeda nacional	73 735	106 686	32 951	44,7
Dispon. em moeda estrang.	22 478	24 970	2 492	11,1
Crédito Concedido	195 008	216 748	21 740	11,2
Outros activos	191 404	202 009	10 605	5,5
Carteira de tit. e part. financ.	38 353	39 127	774	2,0
Imobilizado	24 513	29 418	4 905	20,0
Outras Contas	128 538	133 464	4 926	3,8
Passivo	**503 092**	**578 400**	**75 308**	**15,0**
Exigível	392 475	451 242	58 767	15,0
Depósitos totais	367 170	411 096	43 926	12,0
Depósitos à ordem	121 263	132 078	10 815	8,9
Depósitos a Prazo	245 907	279 018	33 111	13,5
Outras exigibilidades	25 305	40 146	14 841	58,7
Não exigível	93 602	92 359	-1 243	-1,3
Contas diversas	77 438	79 542	2 104	2,7
Regularização do activo (*)	12 468	9 260	-3 208	-25,7
Provisões para Riscos Diver.	3 696	3 557	-139	-3,8
Capitais próprios e equip.	17 015	34 799	17 784	104,5
Capital e reservas	11 106	25 768	14 662	132,0
Títulos de Participação	10 150	10 150	—	—
Res. trans. do Exerc. de 1986	-2 006	—	2 006	—
Resultado do Exercício	-2 235	-1 119	1 116	+49,9

(*) — Inclui Provisões para Créditos Cobrança Duvidosa, Amortizações e Menos-Valias

3. Contas de Resultados do Exercício

Aplicação dos Resultados

Muito embora no exercício de 1988 se tenha apurado um resultado negativo no Continente e Ilhas, de 1 514 772 312$76 que se propõe transite para o exercício seguinte — em termos consolidados este cifrou-se após consideração das dotações para amortizações e provisões em 1119 milhares de contos — foi visível uma melhoria das condições de exploração do Banco.

Assim, o «cash-flow» que nos exercícios anteriores havia apresentado valores sistematicamente negativos, melhorou substancialmente em 1988 — passando de um valor negativo de - 1381 em 1987, para um positivo de 924 mil contos.

A margem financeira, reflectindo a melhoria acima referenciada, cresceu fortemente, passando de 3284 milhares de contos em 1987, para 6024 milhares de contos — um acréscimo de cerca de 84%.

Este comportamento extremamente favorável ficou a dever-se a um acréscimo substancial dos proveitos de operações activas — + 15,8% — contra um aumento de apenas 9% dos custos.

Os rendimentos de aplicações em títulos e outras participações financeiras, apesar da evolução do mercado de capitais que se seguiu à «queda» de Outubro de 1987, tiveram igualmente uma evolução que se considera favorável — + 27% —.

Banco Nacional Ultramarino, S.A.

RESULTADOS CONSOLIDADOS
(Comparação entre 1987 e 1988)

(10^3 contos)

DISCRIMINAÇÃO	1987	1988	Variação 1987-1988	
			Absoluta	Relativa (percent.)
Proveitos de operações activas	35 796	41 459	5 663	15,8
Custos de operações passivas	32 512	35 435	2 923	9,0
Margem financeira	3 284	6 024	2 740	83,4
Rendimento de tít. de créd. e part. fin.	2 594	3 286	692	26,7
Margem financeira alargada	5 878	9 310	3 432	58,4
Outros proveitos por natureza	6 051	6 271	220	3,6
Outros custos por natureza	13 310	14 657	1 347	10,1
Cash-flow de exploração	-1 381	924	2 305	+166,9
Dotações para amortizações	729	823	94	12,9
Dotações para provisões	1 245	1 735	490	39,4
Resultado de exploração	-3 355	-1 634	1 721	+51,3
Outros proveitos (de lucros e perdas)	1 872	7 899	6 027	322,0
Outros custos (de lucros e perdas)	752	7 384	6 632	881,9
Resultado do exercício	-2 235	-1 119	1 116	+49,9

IV. NOTAS FINAIS

Por deliberação de 31 de Outubro de 1988, da Assembleia Geral do Banco Nacional Ultramarino S.A., convocada nos termos e ao abrigo do disposto no n.º 1 do Artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 232/88, de 7 de Julho, foram eleitos os novos Órgãos Sociais do Banco, a seguir indicados:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Presidente — O Estado, representado pelo Dr. Luís António Gomes Moreno
Vice-Presidente — O Estado, representado pelo Dr. Hernâni da Costa Loureiro
Secretário — O Estado, representado pelo Dr. João José Lobato Moreira da Silva

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Presidente — Dr. João António Morais da Costa Pinto
Vogais — Dr. Carlos Prieto Traguelho
Dr. Vítor Manuel Carvalho Madureira
Dr. Rui Manuel Silva Gomes do Amaral
Dr. Carlos Alberto Fernandes Alcobia

CONSELHO FISCAL
Presidente — Dr. Manuel Henrique Freitas Pereira
Vogais — Dr. Joaquim António Rodrigues Bagorro
«Albuquerque, Aragão e Associados» Sociedade de Revisores Oficiais de Contas
Dr. Manuel Aragão Salgado, Revisor Oficial de Contas, Suplente.

Em consequência, deixaram de pertencer aos Órgãos Sociais do Banco os seguintes membros do anterior Conselho de Gestão:

- Dr.ª Maria Manuela Matos Morgado Santiago Baptista, que ocupava o cargo de Presidente
- Dr. Abel Pinto Repolho Correia, vogal
- Dr. José Maria da Cunha Rego de Amorim, vogal.

A referida Assembleia Geral, que elegeu o novo Conselho de Administração, manifestou o maior apreço e agradecimento pela acção desenvolvida pelo Conselho cessante, sublinhando, em especial, a actuação da sua Presidente, Dr.ª Maria Manuela Morgado, palavras que este Conselho de Administração subscreve inteiramente.

A concluir, o Conselho de Administração expressa o seu agradecimento a todas as entidades que apoiaram os esforços desenvolvidos e deste modo contribuíram para os resultados que foi possível alcançar:

- ao Ministério das Finanças e ao Banco de Portugal, pelo apoio e compreensão que sempre dispensaram e muito particularmente ao Senhor Ministro das Finanças e ao Senhor Secretário de Estado do Tesouro;
- aos accionistas — Estado e Caixa Geral de Depósitos — pela sua colaboração activa na procura de soluções capazes de potenciar o processo de reorganização e fortalecimento da situação financeira do Banco Nacional Ultramarino, S.A.;
- às Autoridades de Macau, pelo apoio e colaboração que continuaram a prestar à Sucursal do Banco em Macau, principalmente no exercício das funções que exerce no âmbito do contrato que o BNU mantém com a Administração do Território;
- ao Conselho Fiscal, pela sua prestimosa assistência;
- aos trabalhadores do Banco, que a todos os níveis de responsabilidade souberam compreender e participar com empenho e dedicação no esforço de reorganização e fortalecimento da Instituição;
- por último e muito especialmente, a todos os clientes — razão de ser do Banco Nacional Ultramarino, S.A. — que continuaram a demonstrar confiança pelos serviços do Banco e perante quem reafirmamos a intenção de continuar a melhorar a qualidade dos serviços que lhes oferecemos.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1989

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

- *JOÃO ANTÓNIO MORAIS DA COSTA PINTO (PRESIDENTE)*
- *CARLOS PRIETO TRAGUELHO (VOGAL)*
- *VÍTOR MANUEL CARVALHO MADUREIRA (VOGAL)*
- *RUI MANUEL SILVA GOMES DO AMARAL (VOGAL)*
- *CARLOS ALBERTO FERNANDES ALCOBIA (VOGAL)*

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas,

Em cumprimento do disposto no Código das Sociedades Comerciais e nos estatutos do Banco Nacional Ultramarino, S.A., vem o Conselho Fiscal apresentar-vos o relatório da actividade desenvolvida, bem como o parecer sobre o Relatório do Conselho de Administração, o Balanço e as Contas e respectivos Anexos, relativos ao exercício de 1988.

1. Introdução

O ano de 1988 representa o início de uma nova fase na vida mais que centenária do Banco Nacional Ultramarino.

Com efeito, pelo Decreto-Lei n.º 232/88, de 5 de Julho, foi alterado o seu estatuto jurídico, que passou de empresa pública para sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos. Em consequência, foram eleitos em Assembleia Geral de 21 de Outubro de 1988, continuada em 31 do mesmo mês, os membros dos seus órgãos sociais, de que resultou a composição do Conselho Fiscal que subscreve o presente Relatório e Parecer. Por outro lado, o capital social do Banco foi aumentado por duas vezes durante o ano de 1988: primeiro, em conformidade com o disposto no n.º 1 do art.º 6.º dos Estatutos do Banco, aprovados pelo referido Decreto-Lei n.º 232/88, de 7 milhões de contos para 14 milhões de contos; posteriormente, de acordo com a deliberação tomada em Assembleia Geral de 29 de Dezembro de 1988, para 20 milhões de contos.

Verificou-se, assim, um significativo reforço dos capitais próprios da Instituição, que passou a estar integrada num grande grupo financeiro, o que, em conjunto com outras medidas já tomadas ou em estudo, lhe permitirá por certo, sem perda da sua identidade, assumir uma posição de destaque na banca comercial portuguesa, na perspectiva do grande mercado interno de 1992.

2. Actividade do órgão de fiscalização

No decurso do exercício, o órgão de fiscalização do Banco, no desempenho das suas funções, acompanhou a actividade e o funcionamento deste, em especial no Continente, Açores e Madeira, para o que manteve contactos regulares com o órgão de gestão e com os serviços, principalmente de Contabilidade e Inspecção e Auditoria, solicitando os esclarecimentos que se mostraram necessários. Por outro lado, através dos indicadores de gestão e outra documentação recebida, designadamente as situações analíticas e os controlos de execução orçamental e da situação do crédito e do imobilizado, verificou-se a evolução dos resultados e dos desvios relativamente ao Orçamento de Exploração para 1988, que foi também objecto de apreciação.

Para este efeito, o órgão de fiscalização, além de sessões de trabalho em regra com periodicidade semanal, reuniu pelo menos uma vez por mês, lavrando em acta todas as matérias tratadas nessas reuniões, em que igualmente se pronunciou sobre todos os assuntos que lhe foram submetidos.

Cumpre ainda referir que apenas em reunião de 88/10/19 foram aprovadas pelo Conselho de Gestão as contas relativas ao exercício de 1987, tendo a Comissão de Fiscalização emitido parecer sobre as mesmas em 88/10/21.

Deve anotar-se, por último, que se encontra presentemente em curso uma auditoria externa ao Banco, com uma finalidade específica, mas que se espera venha a ter continuidade em termos de rotina normal, o que é da maior importância para apoio da actividade do Conselho Fiscal.

3. Actividade interna do Banco

O exercício de 1988 foi marcante para o Banco, como antes se referiu, pela transformação da sua natureza jurídica, pela eleição dos novos corpos sociais e pelo aumento do capital social de 7 para 20 milhões de contos.

Aquele aumento de capital, por força das condições desfavoráveis verificadas — em particular a intensificação das restrições à expansão do crédito — não influenciou, na oportunidade e na medida esperadas, o volume de actividade e a rentabilidade que realmente propiciava.

Das linhas de actuação orientadas para a melhoria das condições de exploração, e, em termos mais globais, para a reposição da estrutura financeira do Banco ao nível das suas intrínsecas potencialidades, destacam-se:

— O recurso a operações de desconto sobre o exterior, bem como a outras não sujeitas aos limites de crédito.
— O reforço das acções tendentes à completa clarificação, do grau de cobrabilidade de parte do crédito mal parado, com aceleração das providências destinadas à sua regularização.
— A desmobilização de activos não afectos à exploração.
— As medidas destinadas a prosseguir o adequado redimensionamento dos recursos humanos, bem como o seu reajustamento qualitativo, designadamente através de um acentuado esforço de formação profissional.
— A dinamização de novos produtos e serviços financeiros.

O exercício de 1988 encerrou com um resultado negativo, ainda que mostrando sensível recuperação.

De salientar, por último, que no âmbito das transformações inicialmente referidas, foram anulados os resultados negativos respeitantes a 1986 e a 1987.

4. Apreciação do Relatório, Balanço e Contas

Da análise do Balanço e da Demonstração de Resultados do exercício de 1988, destaca-se o resultado negativo, em termos consolidados, de 1 119 285 539$57, sendo:

— Para o Continente, Açores e Madeira um resulado negativo de 1 514 772 312$76; e
— Para a Sucursal de Macau um resultado positivo de 395 486 773$19.

O resultado negativo apurado neste exercício é cerca de 50,07% do resultado também negativo do exercício anterior.

Pelas verificações a que se procedeu e pelas informações colhidas, o Conselho Fiscal pode concluir que as peças financeiras sujeitas à sua apreciação e exame se encontram elaboradas em subordinação às regras e aos princípios contabilísticos constantes do Plano de Contas para o Sistema Bancário e outras instruções e orientações complementares aplicáveis.

Banco Nacional Ultramarino, S.A.

As análises feitas tiveram a sua particular incidência na actividade do Banco Nacional Ultramarino, desenvolvida no Continente, Açores e Madeira, conforme já referido. Para as contas da Sucursal de Macau houve apenas uma apreciação com base em simples análises dos documentos que foram apresentados ao Conselho.

Em consequência das análises referidas, são de destacar os seguintes aspectos:

— Foi efectuado o aumento do capital social de 7 milhões para 20 milhões de contos, ficando a Caixa Geral de Depósitos com uma posição de 60% e o Estado Português com 40%.
— Foram anuladas reservas de reavaliação no montante de cerca de 169 000 contos, e efectuada uma nova reavaliação ao abrigo do Decreto-Lei n.º 111/88, no montante de cerca de 1831 mil contos.
— Foram regularizadas situações do passado com reflexos nos resultados do exercício, conforme referido no Relatório do Conselho de Administração.
— Estão pendentes em contas de Activo e de Passivo verbas relacionadas com a descolonização e prejuízos de exercícios anteriores.
— São insuficientes as provisões existentes para cobertura de créditos de cobrança duvidosa e para cobertura de riscos diversos.
— São inexistentes as provisões necessárias para cobertura de encargos com pensões de reforma e de sobrevivência.
— Os custos relativos a férias e subsídios de férias são apenas contabilizados quando pagos.
— Apesar do esforço já feito em matéria de regularização continuam ainda por ultimar situações incluídas nas contas de «Devedores», «Credores» e «Contas Diversas» com valores significativos.

O Relatório do Conselho de Administração encontra-se em conformidade com as contas apresentadas.

5. Parecer

Em face do exposto, com as ressalvas dele decorrentes e tendo em conta o conteúdo da Certificação Legal das Contas, subscrita pela Sociedade Revisora de Contas, com a qual concorda, o Conselho Fiscal emite parecer favorável à aprovação do Relatório, Balanço e Contas do Banco Nacional Ultramarino, S.A., relativos ao exercício de 1988.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1989.

O CONSELHO FISCAL
MANUEL HENRIQUE DE FREITAS PEREIRA — PRESIDENTE

JOAQUIM ANTÓNIO RODRIGUES BAGORRO — VOGAL

ALBUQUERQUE, ARAGÃO E ASSOCIADOS, S.R.O.C., representada por JOÃO FLORÊNCIO VICENTE DE CARVALHO

CERTIFICAÇÃO LEGAL DAS CONTAS

1. Examinámos as contas do Banco Nacional Ultramarino, SA que compreendem o Balanço em 31 de Dezembro de 1988, a Demonstração de Resultados — Contas de Exploração e de Perdas e Lucros — e os respectivos anexos, relativos à actividade exercida no Continente, Açores e Madeira, elaborados em conformidade com o Plano de Contas para o Sistema Bancário, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 455/78, de 30 de Dezembro, com a legislação complementar aplicável e com as instruções e orientações das Autoridades Monetárias.
O exame em referência fez-se com a profundidade e a extensão que foi possível nas circunstâncias;

2. Para as contas da Sucursal de Macau do Banco Nacional Ultramarino, adicionadas às contas referidas acima, o exame feito limitou-se à simples análise dos documentos financeiros que foram facultados ao Conselho Fiscal;

3. Em 1988 prosseguiu-se no Banco Nacional Ultramarino com a reapreciação do seu património e dos seus meios humanos, dentro da óptica de preocupações tendentes à sua reestruturação financeira e administrativa;

4. A análise das situações do passado, já iniciada, deverá continuar com vista a uma melhor reclassificação de verbas evidenciadas em balanço, nomeadamente nas contas de «Devedores», «Credores» e «Contas Diversas», e a eventuais regularizações que possam e devam ser de operar em termos de saneamento contabilístico e financeiro;

5. Continuam pendentes em contas activas e passivas verbas relacionadas com a descolonização e com os prejuízos de exercícios anteriores.

6. Anota-se a referência feita no Relatório quanto à anulação de 169 000 contos de Reserva de Reavaliação em consequência da política de desinvestimento que está a ser seguida pelo Banco.

7. As provisões para créditos de cobrança duvidosa são manifestamente insuficientes. Igualmente são insuficientes as provisões para cobertura de riscos diversos e não foi observado o princípio de especialização de exercícios, no que se refere a encargos com férias e subsídios de férias.

8. As contas da Sucursal de Macau requerem verificações feitas localmente e a sua consolidação com os demais elementos contabilísticos do Banco Nacional Ultramarino exige um tratamento mais ajustado;

9. Finalmente, é nossa convicção que os documentos de prestação de contas apresentados reflectem, de forma verdadeira e apropriada, a situação financeira do Banco, bem como os resultados das suas operações referentes ao exercício de 1988, de acordo com os princípios contabilísticos geralmente aceites na actividade bancária, aplicados de uma forma consistente em relação ao exercício anterior;

10. O Relatório do Conselho de Administração está elaborado de acordo com as contas apresentadas.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1989

Albuquerque, Aragão e Associados, S.R.O.C.
representada por João Florêncio Vicente de Carvalho

Banco Nacional Ultramarino, S.A.

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1988

CONSOLIDADO

CONTAS	ACTIVO BRUTO	PROVISÕES AMORTIZAÇÕES E MENOS-VALIAS	ACTIVO LÍQUIDO
Caixa e Depósitos em Bancos Centrais	27 986 635 516$92		27 986 635 516$92
Valores Cobrar	36 240 389 377$66		36 240 389 377$66
Depósitos e Aplicações noutras Inst. Crédito no País	60 491 278 251$37		60 491 278 251$37
Depósitos no Estrangeiro	23 852 616 422$53		23 852 616 422$53
Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro	1 117 237 079$42		1 117 237 079$42
Crédito Concedido	216 748 371 419$65	2 025 422 747$36	214 722 948 672$29
Acções, Obrigações e Quotas	31 842 338 211$59	151 888 969$64	31 690 449 241$95
Bilhetes de Tesouro	4 125 890 000$00		4 125 890 000$00
Obrigações do Tesouro Médio Prazo	5 993 560 000$00		5 993 560 000$00
Aplicações de Recursos Consignados	3 439 646 950$84		3 439 646 950$84
Devedores	32 943 576 545$42		32 943 576 545$42
Outras Aplicações	5 847 923 915$00		5 847 923 915$00
Participações Financeiras	1 291 231 154$00		1 291 231 154$00
Imóveis	18 164 080 763$02	3 546 288 020$70	14 617 792 742$32
Equipamento	4 746 772 824$62	2 757 295 558$06	1 989 477 266$56
Outras Imobilizações	6 506 849 240$30	779 218 037$21	5 727 631 203$09
Contas Diversas	97 061 294 761$90		97 061 294 761$90
TOTAIS	578 399 692 434$24	9 260 113 332$97	569 139 579 101$27

CONTAS	PASSIVO	
Depósitos à Ordem	132 077 703 724$36	
Depósitos com Pré-Aviso	35 488 957$80	
Depósitos a Prazo	244 276 872 997$08	
Depósitos de Poupança	30 108 523 509$70	
Depósitos a Prazo representados por Certificados	4 597 000 000$00	411 095 589 188$94
Cheques e Ord. a Pagar	3 135 583 326$90	
Recursos Consignados	3 439 933 179$24	
Outros Recursos	25 942 436 378$48	
Credores	7 628 211 529$50	
Contas Diversas	79 542 270 197$63	119 688 434 611$75
Provisões para Riscos Diversos		3 556 951 076$71
Títulos de Participação	10 150 000 000$00	
Capital	20 000 000 000$00	
Reservas	5 767 889 763$44	35 917 889 763$44
Resultado do Exercício		(1 119 285 539$57)
		569 139 579 101$27

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
O DIRECTOR
VÍTOR JOSÉ DA COSTA

CONTAS EXTRA-PATRIMONIAIS	
Valores Recebidos em Depósitos	36 435 593 775$92
Valores Recebidos para Cobrança	17 680 837 160$85
Valores Recebidos em Caução	247 176 872 098$09
Garantias a Avales Prestados	19 027 217 442$65
Créditos Abertos	26 618 188 566$54
Aceites em Circulação	1 270 633 766$87
Valores Dados em Caução	303 995 680$00
Operações Cambiais	
A Prazo	
Compras	10 038 712 674$20
Vendas	10 174 654 867$30
Outras Contas Extra-Patrimoniais	158 245 073 976$82

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
JOÃO ANTÓNIO MORAIS DA COSTA PINTO — PRESIDENTE
CARLOS PRIETO TRAGUELHO
VÍTOR MANUEL CARVALHO MADUREIRA
RUI GOMES DO AMARAL
CARLOS ALBERTO FERNANDES ALCOBIA

CONSOLIDADO

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1988

CONTA DE EXPLORAÇÃO

DÉBITO	MONTANTE	CRÉDITO	MONTANTE
Custo de Operações Passivas	35 435 001 679$12	Proveitos de Operações Activas	41 459 246 389$15
		Proveitos de Serviços Bancários	1 724 692 936$72
		Proveitos de Outras Operações Bancárias	3 239 019 041$52
Custos com o Pessoal		Rendimento de Títulos de Crédito e de Participações Financeiras	3 286 477 830$81
Remunerações dos Órgãos de Gestão e Fiscalização	29 264 614$00	Outros Proveitos Bancários	1 266 281 778$46
Remunerações de Empregados	8 063 000 591$67	Proveitos Inorgânicos	41 083 578$54
Encargos Sociais Obrigatórios	3 101 500 110$29		
Outros Custos com o Pessoal	80 497 734$21		
Fornecimentos de Terceiros	528 982 591$92	Prejuízo de Exploração	1 633 579 442$17
Serviços de Terceiros	2 220 577 028$63		
Outros Custos Bancários	541 032 770$07		
Impostos	25 133 831$28		
Custos Inorgânicos	67 741 300$62		
Dotações para Amortizações	822 699 504$42		
Dotações para Provisões	1 734 949 241$14		
TOTAL	52 650 380 997$37	TOTAL	52 650 380 997$37

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO	MONTANTE	CRÉDITO	MONTANTE
Prejuízo de Exploração	1 633 579 442$17	Lucros Relativos a Exercícios Anteriores	939 554 604$20
Perdas Relativas a Exercícios Anteriores	7 179 243 482$62	Lucros Excepcionais	886 764 068$95
Perdas Excepcionais	135 831 454$04	Provisões Utilizadas	6 072 497 766$11
Dotações para Impostos sobre Lucros do Exercício	69 447 600$00	Resultado do Exercício	1 119 285 539$57
TOTAL	9 018 101 978$83	TOTAL	9 018 101 978$83

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
O DIRECTOR
VÍTOR JOSÉ DA COSTA

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
JOÃO ANTÓNIO MORAIS DA COSTA PINTO — PRESIDENTE
CARLOS PRIETO TRAGUELHO
VÍTOR MANUEL CARVALHO MADUREIRA
RUI GOMES DO AMARAL
CARLOS ALBERTO FERNANDES ALCOBIA

Banco Nacional Ultramarino, S.A.

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1988

CONTINENTE, AÇORES E MADEIRA

CONTAS	ACTIVO BRUTO	PROVISÕES AMORTIZAÇÕES E MENOS-VALIAS	ACTIVO LÍQUIDO
Caixa e Depósitos em Bancos Centrais	27 983 760 245$38		27 983 760 245$38
Valores a Cobrar	36 099 279 914$74		36 099 279 914$74
Depósitos e Aplicações noutras Inst. Crédito no País	53 403 909 595$30		53 403 909 595$30
Depósitos no Estrangeiro	7 787 620 755$13		7 787 620 755$13
Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro	976 328 582$59		976 328 582$59
Crédito Concedido	174 448 333 182$87	1 955 884 247$36	172 492 448 935$51
Acções, Obrigações e Quotas	25 346 251 639$75	102 144 588$21	25 244 107 051$54
Bilhetes de Tesouro	4 125 890 000$00		4 125 890 000$00
Obrigações do Tesouro Médio Prazo	5 993 560 000$00		5 993 560 000$00
Aplicações de Recursos Consignados	328 143 237$60		328 143 237$60
Devedores	32 616 353 686$07		32 616 353 686$07
Outras Aplicações	5 847 923 915$00		5 847 923 915$00
Participações Financeiras	1 200 331 154$00		1 200 331 154$00
Imóveis	17 523 513 623$24	3 470 647 622$41	14 052 866 000$83
Equipamento	4 277 469 352$38	2 417 284 198$96	1 860 185 153$42
Outras Imobilizações	6 318 871 336$33	642 702 859$18	5 676 168 477$15
Contas Diversas	56 747 992 186$05		56 747 992 186$05
TOTAIS	461 025 532 406$43	8 588 663 516$12	452 436 868 890$31

CONTAS	PASSIVO	
Depósitos à Ordem	118 121 802 228$25	
Depósitos com Pré-Aviso	35 488 957$80	
Depósitos a Prazo	204 666 569 689$01	
Depósitos de Poupança	30 108 523 509$70	
Depósitos a Prazo representados por Certificados	4 597 000 000$00	357 529 384 384$76
Cheques e Ord. a Pagar	3 135 583 326$90	
Recursos Consignados	328 429 466$00	
Outros Recursos	15 527 645 700$80	
Credores	7 276 464 342$64	
Contas Diversas	30 980 802 407$15	57 248 925 243$49
Provisões para Riscos Diversos		3 255 441 811$38
Títulos de Participação	10 150 000 000$00	
Capital	20 000 000 000$00	
Reservas	5 767 889 763$44	35 917 889 763$44
Resultados do Exercício		(1 514 772 312$76)
		452 436 868 890$31

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
O DIRECTOR
VÍTOR JOSÉ DA COSTA

CONTAS EXTRA-PATRIMONIAIS	
Valores Recebidos em Depósitos	35 863 479 403$99
Valores Recebidos para Cobrança	17 203 636 234$26
Valores Recebidos em Caução	208 179 160 219$48
Garantias a Avales Prestados	18 286 995 778$22
Créditos Abertos	25 329 109 226$09
Aceites em Circulação	1 270 633 766$87
Valores Dados em Caução	303 995 680$00
Operações Cambiais	
A Prazo	
Compras	5 875 596 340$20
Vendas	6 011 098 537$30
Outras Contas Extra-Patrimoniais	150 738 473 521$03

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
JOÃO ANTÓNIO MORAIS DA COSTA PINTO — PRESIDENTE
CARLOS PRIETO TRAGUELHO
VÍTOR MANUEL CARVALHO MADUREIRA
RUI GOMES DO AMARAL
CARLOS ALBERTO FERNANDES ALCOBIA

CONTINENTE, AÇORES E MADEIRA

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1988

CONTA DE EXPLORAÇÃO

DÉBITO	MONTANTE
Custo de Operações Passivas	31 605 042 520$25
Custos com o Pessoal	
Remunerações dos Órgãos de Gestão e Fiscalização	29 264 614$00
Remunerações de Empregados	7 649 837 501$20
Encargos Sociais Obrigatórios	3 076 445 712$35
Outros Custos com o Pessoal	22 603 099$70
Fornecimentos de Terceiros	480 615 107$70
Serviços de Terceiros	2 070 452 561$85
Outros Custos Bancários	505 963 548$80
Impostos	17 905 314$20
Custos Inorgânicos	62 455 625$60
Dotações para Amortizações	730 721 105$00
Dotações para Provisões	1 728 586 241$14
TOTAL	47 979 892 951$79

CRÉDITO	MONTANTE
Proveitos de Operações Activas	37 112 339 774$73
Proveitos de Serviços Bancários	1 695 446 854$35
Proveitos de Outras Operações Bancárias	2 872 400 506$86
Rendimento de Títulos de Crédito e de Participações Financeiras	2 964 385 796$33
Outros Proveitos Bancários	1 221 033 844$43
Proveitos Inorgânicos	39 807 333$45
Prejuízo de Exploração	2 074 478 841$64
TOTAL	47 979 892 951$79

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO	MONTANTE
Prejuízo de Exploração	2 074 478 841$64
Perdas Relativas a Exercícios Anteriores	7 140 904 418$19
Perdas Excepcionais	135 658 734$95
TOTAL	9 351 041 994$78

CRÉDITO	MONTANTE
Lucros Relativos a Exercícios Anteriores	919 374 618$76
Lucros Excepcionais	877 170 541$86
Provisões Utilizadas	6 039 724 521$40
Resultado do Exercício	1 514 772 312$76
TOTAL	9 351 041 994$78

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
O DIRECTOR
VÍTOR JOSÉ DA COSTA

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
JOÃO ANTÓNIO MORAIS DA COSTA PINTO — PRESIDENTE
CARLOS PRIETO TRAGUELHO
VÍTOR MANUEL CARVALHO MADUREIRA
RUI GOMES DO AMARAL
CARLOS ALBERTO FERNANDES ALCOBIA

Aprovado em Assembleia Geral de 30 de Março de 1989.

TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
Avenida Defensores de Chaves, 31-1.º Esq.

Certifico:

— Que a fotocòpia, contendo quatro folhas foi extraída da escritura lavrada de folhas cinquenta e cinco verso e folhas cinquenta e sete, do livro cento e três D de escrituras diversas, deste cartório, e vai conforme o respectivo original.

Lisboa, vinte de Abril de mil novecentos e oita e nove

O Ajudante

(Assinatura ilegível)

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

No dia dezanove de Abril de mil novecentos e oitenta e nove, no Terceiro Cartório Notarial de Lisboa, perante mim Francisco Roldão Pinheiro, notário do Cartório, compareceu como outorgante:

Dr. JÚLIO CARDOSO DA VEIGA, casado, natural de Angola, advogado com escritório na Rua C, lote 18, Casal Chapim, 1.º andar-D, em Odivelas, concelho de Loures, que outorga em representação de BELIZÁRIO DOS ANJOS GONÇALVES, natural da freguesia de Gostei, concelho de Bragança e mulher, MARIA ZITA DE CARVALHO ASSUNÇÃO, natural da freguesia e concelho de Tarouca, casados segundo o regime da comunhão de adquiridos, residentes habitualmente em França, cinquenta e três, Avenue Kleber, setenta e cinco mil e dezasseis, Paris, no exercício do mandato que lhe foi conferido por procuração, que arquivo.

E DISSE:

— Que entre os seus representantes constitui uma sociedade comercial por quotas, cujo contrato social se regerá pelos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de «O PALMEIRIM — RESTAURANTE E CERVEJARIA, LDA» e tem a sua sede na Rua Luís Augusto Palmeirim, número quatro-C, em Lisboa.

2.º

A sociedade tem por objecto a actividade comercial de restaurante e cervejaria.

3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de seiscentos mil escudos e corresponde à soma de duas quotas, uma, de quatrocentos mil escudos, do sócio Belizário dos Anjos Gonçalves e outra, de duzentos mil escudos, da sócia Maria Zita de Carvalho Assunção.

4.º

1 — A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele activa e passivamente, pertencem a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral.

2 — Para que a sociedade se considere obrigada nos seus actos e contratos é suficiente a assinatura de um gerente, mesmo na compra de quaisquer imóveis ou veículos automóveis.

5.º

No caso de morte, inabilitação ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os herdeiros do falecido ou com o representante do inábil ou interdito, se nisso acordarem os sócios sobreviventes ou capazes, podendo estes, se assim o desejarem, proceder à liquidação dos respectivos direitos sociais daqueles, dentro do prazo de seis meses a contar da morte, inabilitação ou interdição.

6.º

A sociedade poderá amortizar as quotas nos casos de arresto, penhora, apreensão judicial, falência ou insolvência do titular.

7.º

As assembleias gerais, quando a lei não exigir outras formalidades ou prazo, serão convocadas por carta registada, dirigida aos sócios com a antecedência mínima de quinze dias.

8.º

Os balanços dar-se-ão em trinta e um de Dezembro de cada ano e os lucros líquidos apurados, deduzida a percentagem de cinco por cento para o fundo de reserva legal, bem como a criação de outros fundos de reserva que se entendem necessários, ou os prejuízos, havendo-os, serão distribuídos ou suportados pelos sócios na proporção das suas quotas.

ASSIM O OUTORGOU, POR MINUTA.

Arquivo ainda uma declaração do Banco de Portugal segundo a qual não há lugar à emissão de Boletim de Autorização de Importação de Capitais Privados para este contrato.

EXIBIU:

a) o certificado de admissibilidade da denominação expedido em 19 de Janeiro último, pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas; e,

b) a guia de depósito do capital social emitida em 28 de Março findo, pela Caixa Geral de Depósitos.

Preveni o outorgante da obrigação legal de requerer o registo deste acto, no prazo de noventa dias, a contar de hoje.

Verifiquei a identidade do outorgante pelo bilhete de identidade de número 8 334 399, emitido em 5 de Maio de 1986, pelo Centro de Identificação Civil e Criminal.

Li esta escritura, em voz alta, ao outorgante e expliquei-lhe o seu conteúdo.

O Notário

Francisco Roldão Pinheiro

«MEDIOTO — CENTRO DE OTORRINOLARINGOLOGIA SERVIÇOS MÉDICOS E CIRÚRGICOS DO DR. ALBERTO JANEIRO, LIMITADA»

TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

•••

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 21 de Fevereiro corrente, lavrada de fls. 80 a 81 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 59-F, deste Cartório, a cargo do Notário Francisco Roldão Pinheiro — Alberto Artur Janeiro, Edna Isaura Cavalcanti Cardoso Janeiro, Amélia Nair Cardoso Janeiro e Alberto Augusto Cardoso Janeiro, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas, com a denomnação em epígrafe, cujo contrato social é o constante dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de «MEDIOTO — CENTRO DE OTORRINOLARINGOLOGIA SERVIÇOS MÉDICOS E CIRÚRGICOS DO DR. ALBERTO JANEIRO, LDA.» e tem a sua sede na Rua Carlos Vieira Ramos, número sete, em Paço d'Arcos, concelho de Oeiras.

2.º

O seu objecto social consiste na prestação de serviços médico-cirúgicos de otorrinolaringologia, assistência médica e cirúrgica e quaisquer outras actividades relacionadas com o exercício da medicina.

3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de quatrocentos mil escudos e corresponde à soma de quatro quotas, uma, de trezentos mil escudos, do sócio Alberto Artur Janeiro, outra, de cinquenta mil escudos, da sócia Edna Isaura Cavalcanti Cardoso Janeiro e duas de vinte e cinco mil escudos, cada, uma da sócia Amélia Nair Cardoso Janeiro e outra do sócio Alberto Augusto Cardoso Janeiro.

4.º

A gerência da sociedade fica a cargo do sócio Alberto Artur Janeiro, desde já nomeado gerente, que a exercerá com a maior amplitude e só por si representará a sociedade, incluisive em actos de disposição e oneração de bens.

Poderão ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital desde que assim seja deliberado em assembleia geral, até ao montante de dois mil contos.

6.º

Depende do consentimento da sociedade a cessão de quotas a estranhos.

7.º

As assembleias gerais serão convocadas por carta registada dirigida aos sócios, com a antecedência mínima de quinze dias.

Está conforme.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1989.

A Ajudante,
(assinatura ilegível)

NOTARIADO PORTUGUÊS
OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
RUA DA HORTA SECA, NÚMERO SETE, SEGUNDO
NOTÁRIO
Lic. Eduardo António Correia de Azevedo

CERTIFICO, para efeito de publicação, que, por escritura de 4 de Outubro de 1988, lavrada de folhas 46 verso a folhas 48 do livro de notas 113-D, deste Cartório, foi alterado parcialmente o contrato social da sociedade comercial anónima «E.F. — PORTUGUESA-PROPRIEDADES, S.A.», com sede na Rua Cavaleiro de Oliveira, n.º 32, 1.º andar direito em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 68436, com o capital social de 200 000 000$00 mudada a sede social para a Avenida do Forte, n.º 3, em Carnaxide, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, e em consequência destas alterações, dada nova redacção ao n.º 1 do artigo 1.º, ao n.º 1 do artigo 15.º e ao n.º 1 do artigo 31.º, os quais passaram a ter a redacção constante da fotocópia anexa, que com esta se compõe de duas folhas e vai conforme com o original.

PRIMEIRO
Denominação e sede

UM: — A sociedade continua a adoptar a firma E.F. PORTUGUESA-PROPRIEDADES, S.A. e tem a sua sede na Avenida do Forte. número três, em Carnaxide, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras.

DÉCIMO QUINTO
Composição do conselho de administração

UM: — A adminsitração da sociedade é confiada a um conselho de administração, constituído por três membros, um dos quais será o presidente, eleitos em assembleia geral por um período de três anos, podendo ser reeleitos.

ARTIGO TRIGÉSIMO PRIMEIRO
Nomeação e eleição dos corpos sociais

UM: — O conselho de administração para o triénio de mil novecentos e oitenta e oito a mil novecentos e noventa fica assim constituído: Per Erik Syvertsen, presidente: Lars Albert Ingmar Carlsson e Miguel Tavares Cruz de Oliveira

Lisboa, treze de Abril de mil novecentos e oitenta e nove.

o 2.º Ajudante
(ass. ilegível)

Atletismo

AURORA FAVORITA NA MARATONA DE LONDRES

Os atletas africanos são os grandes favoritos na maratona de Londres, a disputar amanhã e onde Portugal vai estar representado por Manuel Matias, do Benfica, Aurora Cunha, do FC Porto, e Conceição Ferreira, do Braga.

O lote de «estrelas» no escalão masculino é liderado pelo campeão mundial Douglas Wakiihuri, um queniano de 25 anos radicado desde 1983 no Japão, que joga na simbiose do talento africano com a ciência oriental.

Wakiihuri, que no último ano juntou ao título mundial a medalha de prata olímpica, vai ter ao lado o seu grande rival Ahmed Salah, do Djibouti, vencedor das primeiras duas Taças do Mundo da maratona e vice-campeão do mundo da especialidade.

Entre os favoritos, conta-se ainda o soldado etíope Wodajo Bulti, esperançado em repetir os êxitos obtidos recentemente por compatriotas seus na maratona de Roterdão (Belayaneh Dinsamo), Taça do Mundo, em MIlão (Metaferia Zeleke) e maratona de Boston (Abebe Mekoknnen).

O principal adversário dos africanos deverá ser Rob de Castella, da Austrália, o único atleta a correr por cinco vezes os 42,195 metros em menos de duas horas e nove minutos.

De Castella, campeão do mundo em 1983, vai correr pela primeira vez a prova londrina, está confiante em obter um bom resultado, embora atribua o favoritismo a Bulti.

No sector feminino, Aurora Cunha figura entre as favoritas e ela própria confessa o seu optimismo alegando encontrar-se em excelentes condições físicas e psicológicas: **«Sinto-me muito bem preparada. E posso dizer que nunca tive uma preparação tão específica... Seria hipócrita se afirmasse que não estou optimista»** (in «A Bola», de hoje).

Quanto à bracarense Conceição Ferreira, depois de Los Angeles, Seul e Paris, Londres poderá proporcionar-lhe o grande salto.

Castros e a Kelme

Joaquian Villar, director-técnico da equipa de atletismo espanhola da Kelme, admitiu poder vir a negociar com os sportinguistas Domingos e Dionísio Castro em fins de Maio ou princípios de Junho, no sentido de «contratrá-los rapidamente».

No entanto, em declarações à agência noticiosa espanhola EFE, Villar afirmou não ter ainda estabelecido qualquer contacto com os gémeos Castro e negou que Paulo Futre, o futebolista português do Atlético de Madrid, servisse de intermediário na contratação dos atletas do Sporting.

«Durante os mundiais de Roma, em 1987, informaram-me no hotel da existência de contactos entre a minha equipa e os dois atletas portugueses« – referiu Villar, considerando que **«o que se disse é de uma imaginação que me deixa alucinado«**

No entanto, segundo o director técnico da equipa espanhola, um representante dos gémeos Castro, os atletas que dominaram a temporada espanhola de crosse, propôs à Kelme em Setembro passado a contratação dos dois «leões», **«pedindo seis milhões de pesetas (cerca de sete mil contos) por cada um«**.

«Porém, na altura já tínhamos encerrado o orçamento e não irei encetar conversações com Domingos e Dionísio Castro enquanto não souber de quanto dinheiro posso dispor» – acrescentou Villar.

Para o director-técnico da Kelme, equipa da cidade de Alicante, uma eventual contratação dos irmãos Castro «seria interessante desde que por um preço razoável, mas tudo depende do nosso orçamento para a próxima época».

Entretanto, segundo a mesma agência, também o clube madrileno da Larios está interessado em conseguir o concurso dos dois portugueses, estando os seus responsáveis técnicos a estudar a possibilidade de criar uma forte equipa de crosse para a próxima temporada.

Mário Silva: 6.º em Gerona

O inglês Steve Crabs venceu ontem a milha urbana de Gerona, em que o português Mário Silva foi 6.º classificado, a cinco segundos do primeiro.

Crabs percorreu a distância, três voltas a um circuito, em quatro minutos e 11,19 segundos, seguido do francês Herve Phelippeau com 4.14,08. Mário Silva foi 6.º classificado, com 4.16,22 minutos.

Na prova feminina as atletas espanholas dominaram, com Montse Pujol a ficar na 1.ª posição com 5.02,57 minutos, seguida de Maria Dolores Borrego com 5.05,86 e Cristina Nogue com 5.07,53.

Comité Olímpico convida federações

O Comité Olímpico Português convidou os presidentes das federações desportivas, para uma reunião destinada a «esclarecer o processo eleitoral» do Comité.

Queremos pôr uma pedra no assunto, e esperamos que os contestários apareçam, disse o presidente do COP, Lima Bello, acrescentando que a reunião será à porta fechada.

O encontro, que poderá realizar-se em 3 de Maio, foi decidido pela Comissão Executiva do Comité Olímpico, depois de na sua primeira reunião ter repudiado o que considerou serem «as afirmações falsas e tendenciosas de dirigentes de algumas federações» sobre o recente processo eleitoral do COP.

Fórmula Um

Berger: mais rápido nos treinos

O austríaco Gerhard Berger, em Ferrari, foi o piloto mais rápido nos primeiros treinos oficiais para o Grande Prémio de Fórmula 1, de S. Marino, conseguindo percorrer os 5.04 quilómetros do circuito de Imola em 1.42,781 minutos, a uma média de 176,531 quilómetros/hora.

O brasileiro Ayrton Senna, da McLaren, foi o segundo mais rápido, com o tempo de 1.42,939 minutos, seguido do francês Alain Prost, também da McLaren.

O brasileiro Nelson Piquet, em Lotus Judd, está no 16.º lugar, a 5,34 segundos de Berger e o piloto britânico da Ferrari, Nigel Mansel, vencedor do Grande Prémio do Brasil, há um mês, foi 22.º com mais sete segundos.

Um dos quatro pilotos que passaram a pré-qualificação, o britânico Martin Brundle, da Brabham, conseguiu o 6.º melhor tempo do primeiro dia de treinos oficiais para o Grande Prémio de S. Marino.

Tempos dos treinos:

Gerhard Berger (Ferrari 640), 1.42,781; Ayrton Senna (McLaren MP4/5-Honda), 1.42.939; Alain Prost (McLaren MP4/5-Honda), 1.44,558; Eddie Cheever (Arrows All-Ford), 1.45,375; Alessandro Nannini (Benetton B189-Ford), 1.45,536; Martin Brundle (Brabham BT58-Judd), 1.46,279; Satoru Nakajima (Lotus 101-Judd), 1.46,483; Luis Perez Sala (Minardi M188-Ford), 1.46,800; Pierluigi Martini (Minardi M188-Ford), 1.47,321; Olivier Grouillard (Ligier JS33-Ford), 1.47,371; Olivier Grouillard (Ligier JS33-Ford), 1.47,371; Riccardo Patrese (Williams FW12C-Renault), 1.47,486; Nicola Larini (Osella FA1H-Cosworth), 1.47,577; Derek Warwick (Arrows All-Ford), 1.47,859; Christian Danner (Rial-Ford), 1.47,967; René Arnoux (Ligier JS33-Ford), 1.48,091; Nelson Piquet (Lotus 101-Judd), 1.48,124; Ivan Capelli (March 881-Judd), 1.48,178); Stefan Modena (Brabham BT58-Judd), 1.48,415; Gabriele Tarquini (AGS-Ford), 1.48,795; Alex Caffi (Dallara B189-Ford), 1.48,868; Thierry Boutsen (Williams FW12 C-Renault), 1.49,451; Nigel Mansell (Ferrari 640), 1.49,665; Roberto Moreno (Coloni-Ford), 1.50,947; Jonathan Palmer (Tyrrel 017-Ford), 1.51,229; Michele Alboreto (Tyrrel 017-Ford), 1.51,329; Mauricio Gugelmin (March 881-Judd), 1.52,119; Andrea de Cesaris (Dallara B189-Ford), 1.53,681; Yannick Dalmas (Lola LC89-Lamborghini), 1.58,083; Philipe Alliot (Lola LC89-Lamborghini), 2.00,293; Johnny Herbert (Benetton B189-Ford), 2.05,126.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SETÚBAL

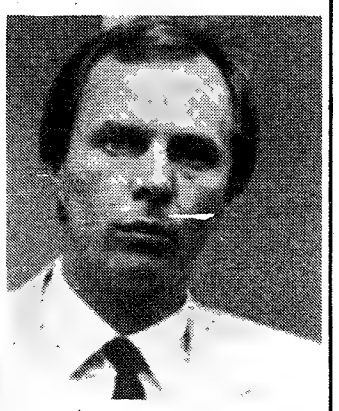
ANÚNCIO

Faço saber que nos autos de Execução Sumária n.º 41/88 que corre seus termos pelo 2.º Juízo — 1.ª Secção deste Tribunal, em que são Exequente — UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES, S.A. e Executados — MARIA OLGA MARTA DO ESPÍRITO SANTO, residente na Praça do Brasil n.º 25 — 2.º Fte. em Setúbal e OUTRO, correm éditos de vinte dias, contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquela executada, para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, reclamarem, querendo, o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens móveis penhorados, sobre que tenham garantia real.

Setúbal, 14 de Abril de 1989

O Juiz de Direito
a) Germano António Reis da Fonseca
A Escriturária
a) Lídia dos Anjos Barreiras Curto

«DL» 22/4/89 — 2.ª pub.



Dois casos

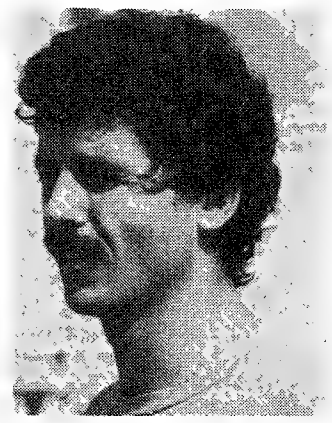
Dois casos: Fernando Gomes e Eriksson. O bibota de ouro entregou a resposta à nota de culpa que lhe foi remetida pela direcção portista num documento com 52 páginas onde interferiu o dr. Gregório Rocha. O técnico sueco, uma vez mais depois de garantir o regresso à Luz, parece querer novamente ficar pela Itália, rendido pelas liras do Fiorentina.

Escolha de «Eles e elas»

Norton de Matos e Duílio entre os mais elegantes

Aconteceu na sede da Cruz Vermelha Portuguesa. O Palácio do Conde de Óbidos (um dos mais belos de Lisboa) abriu os seus salões para elegante jantar de gala, no fim do qual foram eleitos os «Eles e Elas Mais Elegantes». Esta iniciativa anual da «Eles e Elas» (a revista, já em 5.ª edição) distinguiu Maria Amélia Val-Flor, Sybille Galvão de Melo, Branquinha Pinto Magalhães, Mary Norton dos Reis, Margarida Prieto Damásio, Lily Caneças, Ana Matos e Silva, Rusa Sousa Machado, Maria João Cunha e Lima e Picucha Freitas, entre «Elas». Os «Eles» foram Pedro Caldeira, Rui Pinto Baptista, Carlos Pereira Dias, Luís Norton de Matos, Luís de Sousa Lara, José Manuel Trigo, Sílvio Stephan, António Andrade, marquês Val-Flor e Raul Durão. Finalmente, dois casais foram considerados pelo júri de selecção muito elengantes: Manuela e Luís Feist e Nice e Duílio Dias.

Após o jantar (e antes da nomeação dos «elegantes») os cerca de 300 convidados puderam apreciar três passagens de moda que foram, afinal, a proposta de Primavera/Verão dos estilistas Jorge Villani, Luís Barbieri e Rosa & Teixeira, sob a coordenação coreográfica de José Manuel Trindade. A apresentação esteve a cargo de Alice Bonjour e António Pinto Basto. O produto líquido desta «Noite de Elegância» reverteu a favor da Cruz Vermelha Portuguesa.



Norton de Matos: internacional de futebol, treinador do Atlético Clube de Portugal, jornalista (director da «Foot»), professor de Educação Física, modelo e actor cinematográfico. Duílio: o brasileiro que, depois de ter deixado o Sporting, se sente realizado ao serviço do Estrela da Amadora.

UEFA aguarda relatório de Sheffield

A União Europeia de Futebol só retomará os contactos com as autoridades inglesas quando terminar o inquérito oficial britânico à tragédia do Estádio de Sheffield — foi anunciado em Berna.

A decisão foi tomada após Glen Kirton, dirigente da Federação Inglesa, ter dado ao presidente da UEFA, Jacques Georges, uma «versão pessoal» sobre os trágicos acontecimentos, testemunhados por Kirton.

A tragédia de Sheffield, ocorrida durante uma meia-final da Taça de Inglaterra, provocou a morte de 95 pessoas, quando uma secção do estádio foi invadida por cerca de 3000 mil adeptos do Liverpool.

O desastre levou alguns sectores a pôr em causa a readmissão condicionada dos clubes ingleses nas competições europeias na época de 1990/91, autorizada cinco dias antes pelo Comité Executivo da UEFA, em Palmela (Setúbal).

A União Europeia de Futebol reafirmou posteriormente a sua decisão, desde que o governo britânico incremente o combate aos fenómenos de hooliganismo nos estádios de futebol.

Jacques Georges revelou entretanto que gostaria de travar conversações com o ministro britânico dos Desportos, Colin Moynihan, uma vez conhecidos os resultados do inquérito de Sheffield.

Selecções de futebol em estágio

CHEGA JORGE SILVA, SAI RUI ÁGUAS, SOBE CÉSAR

Uma vez mais, quando chega a hora da convocação para a selecção nacional, Rui Águas está lesionado: isso volta a acontecer pela 3.ª vez, agora que o Portugal-Suíça está marcado para a noite da próxima 4.ª feira, no Estádio da Luz, palco onde o filho de José Águas actuou antes de se mudar para as Antas.

Assim, não havia outra saída para o seleccionador nacional: Juca chamou para o estágio Jorge Silva (do Marítimo) dispensando Rui Águas.

A selecção nacional defronta a Suíça em partida a contar para o grupo sete europeu de apuramento para o Mundial de Itália-90, e a chamada de Jorge Silva foi a grande novidade do 4.º dia de preparação. Segundo disse Juca, havia poucas perspectivas quanto à recuperação de Rui Águas e, apesar de a equipa técnica da selecção ter decidido há dois dias dar um prazo de 48 horas para o jogador ficar apto a alinhar frente à Suíça, o avançado do FC Porto foi dispensado mais cedo por continuar a sentir dores:

«Está em risco a integridade física do atleta, o FC Porto e a responsabilidade dos nossos médicos» – afirmou o seleccionador nacional, após recordar **«a infelicidade de Rui Águas que já não esteve em condições de alinhar em Atenas (em jogo particular) e em Lisboa frente à Bélgica (para o Mundial).**

A chamada de Jorge Silva à selecção nacional tem por objectivo (segundo Juca) **«completar o lote de 17 jogadores seleccionados, pois temos de estar prevenidos contra uma eventual lesão de outro jogador».**

Entretanto, o portista Rui Águas afirma ter sentido algumas melhoras, **«mas os responsáveis clínicos e técnicos não acharam que elas fossem suficientes». O que é que eu hei-de fazer e dizer?** – pergunta, (desalentado) o avançado dos «dragões», referindo-se à sua 3.ª ausência consecutiva da equipa das quinas:

«Sinto-me um bocadinho contrariado com a situação, mas não me quero alongar mais sobre o assunto.»

Rui Barros, que milita na formação italiana da Juventus (de Turim) considera ser essencial vencer a Suíça e lamentou a ausência (por lesão) de Paulo Futre: **«Não há dúvidas que o Futre faz muita falta à selecção mas temos de estar preparados para, mesmo sem ele, ganharmos aos suíços, pois a vitória neste jogo é essencial»** – diz o «italiano» da selecção portuguesa. No seu ponto de vista, o grupo de apuramento para o Mundial, onde Portugal está integrado, **«é difícil e, por isso, temos de vencer a Suíça, apesar de ultimamente eles terem conseguido bons resultados quando nos defrontam».**

Referindo-se aos golos por si falhados nas duas últimas partidas da equipa das quinas, Rui Barros afirma: **«O importante é criar as oportunidades, mas tenho de ter cabeça fria para fazer os golos, pois falho-os por querer fazer tudo depressa.»**

A selecção «A» de Portugal realizou mais um ligeiro treino no campo número um do Estádio do Jamor, tendo sido efectuado um pequeno jogo em meio campo. Com coletes alaranjados alinharam Neno, João Pinto, Frederico, Veloso, Nunes, André, Rui Barros e César Brito, enquanto a equipa de azul foi formada por Silvino, Jaime, Sobrinho, Oliveira, Vítor Paneira, Sousa, Domingos e Lima.

Após os cinco dias de treinos, prevê-se que o «onze» inicial para 4.ª feira será: Silvino, João Pinto, Sobrinho, Oliveira e Veloso; Nunes, Vítor Paneira, Sousa, Domingos e Rui Barros; César Brito.

Entretanto, uma hora antes do treino da equipa «A» a selecção de esperanças (que defronta na 3.ª feira o Luxemburgo em Almeirim) também realizou um treino no relvado número cinco, sob orientação dos técnicos José Costa e João Barnabé.

Ambas as selecções continuarão a treinar diariamente realizando amanhã, a partir das 16h, um jogo de conjunto no relvado principal daquele complexo desportivo.

Hoje a selecção de «esperanças» foi até Almeirim, testar o novo relvado do estádio e, simultaneamente (segundo disse Juca), escolher local para o almoço de 3.ª feira.

Rui Barros nega contactos com o Benfica

Rui Barros nega a existência de contactos com dirigentes do Benfica para um eventual ingresso nos «encarnados» de Lisboa na próxima época. O avançado da Juventus foi recentemente dado como provável reforço do Benfica, através de uma operação que implicaria a cedência por parte dos rubros do defesa brasileiro Mozer ao Roma, também de Itália.

«Até agora não sei de nada acerca do que se tem dito em Lisboa« – afirmou Rui Barros, recordando que tem um contrato de quatro anos com a Juventus, pelo que **«não me cabe a mim tomar a decisão de uma eventual transferência«**

Porém, Rui Barros não pôs de parte um possível regresso a Portugal e a eventualidade de ingressar no Benfica, admitindo que **«em futebol tudo é possível». «Sei que em Lisboa se fala da minha vinda para o Benfica, mas comigo ninguém falou nesse sentido«** – garante o nosso «Maradonazinho».

Suíços com problemas

O «libero» Bickel foi afastado da selecção suíça, que estagia em Lucarno para o jogo de 4.ª-feira em Lisboa. O técnico Daniel Jeandupeux foi obrigado a dispensar o jogador, depois de este se ter queixado de dores num pé e ter sido examinado pelo médico da selecção. Jeandupeux chamou já à selecção Piffaretti (do Sion) e admite-se que ainda venha a convocar um médio.

Outro problema é o defesa Alain Geiger, em recuperação de um longo período de afastamento por lesão num calcanhar e que ainda se mantém em dúvida para o duelo com os portugueses. Mas as preocupações de Jeandupeux não ficam por aqui: a Imprensa helvética tem sido agressiva com o técnico e classificou de surpreendente a formação-base esperada para o jogo do estádio da Luz. A ideia é que será uma equipa defensiva, com cinco elementos no sector recuado. Para os comentaristas locais, é incompreensível o previsto afastamento do «onze» inicial de Favre e Turkyilmaz. Da selecção provável (segundo a Imprensa suíça) falta apenas o nome de um médio. Os restantes deverão ser: o guarda-redes Brunner, na defesa Geiger (se puder alinhar), Mottiez, Weber, Marini e Birrer, no meio-campo Koller, Hermann e um elemento a designar, e à frente Beat Sutter e Zuffi.

MODALIDADES

Basquetebol: «Esperanças» em Faro

A selecção portuguesa masculina de basquetebol sub-23 venceu, em Faro, o Lathy, da Finlândia, por 89-72, depois de estar em desvantagem ao intervalo, 41-47.

Este foi o segundo encontro de preparação da equipa portuguesa, em rodagem para o torneio internacional de Faro, que vai decorrer entre 1 e 3 de Maio, com a participação das selecções da Polónia e de Inglaterra.

Pela selecção de «esperanças» portuguesas alinharam e marcaram: Gil Seabra (12), Rui Vinagre (4), Paulo Agostinho (12), António Moreira (13), Alexandre Dias (10), David Silva, José Cardoso (5), José Soares (6), Armando Mota, Miguel Resende (2), Paulo Sérgio (11) e Lee (14).

Do grupo de 15 jogadores em estágio, foram entetanto escolhidos os 12 para o torneio de Faro: Gil Seabra, Paulo Agostinho, António Moreira, Alexandre Dias, Rui Vinagre, José Cardoso, José Soares, Armando Mota, Paulo Sérgio, Lee, Nuno Silva e José Carlos.

Voleibol: «Spring Cup»

Portugal «A» foi derrotado pela equipa da Turquia, por 3-1, em encontro do grupo um da fase final da «Spring Cup» em voleibol, que decorre em Braga.

A equipa nacional foi derrotado pelos parciais de 15-8, 15-5, 11-15 e 15-10, numa partida bastante longa que demorou uma hora e 50 minutos e que teve como juízes os árbitros Mulhiems, do Luxemburgo, e Kroger, da RFA.

Portugal perdeu os dois primeiros «sets» mas viria a triunfar no terceiro «set» do encontro por 15-11.

No entanto, a Turquia viria a triunfar no terceiro «set» e conseguiria assim fixar o resultado final em 3-1.

A equipa nacional actuou com: Nelson Puga, Carlos Vilarinho, Miguel Xisto, Miguel Soares, Paulo Borges, Carlos Dias, Filipe Vito, Carlos Filipe, Pedro Cardoso, Luís Quelhas, Luís Maia e João Brenha.

Nos outros resultados da jornada a Grécia venceu a Finlândia por 3-1 com os parciais de 15-5, 5-15, 15-13 e 15-3, enquanto que a Áustria bateu Israel pela expressiva marca de 3-0, com os parciais de 15-9, 15-8 e 15-10.

Ténis: portugueses fora

Os espanhóis Javier Sanchez e Sérgio Bruguera, o checoslovaco Marian Vajda e o soviético Andrei Cherkasov qualificaram-se para as meias-finais da Oporto Cup em ténis, enquanto o português Cunha e Silva foi eliminado em pares.

Nas meias-finais, Javier Sanchez, que afastou facilmente o argentino Gabriel Marcus, por 6-2 e 6-1, vai defrontar Sérgio Bruguera, que derrotou o holandês Michiel Schapers, por 6-4 e 6-2.

Por seu lado, Marian Vajda garantiu um lugar nas meias-finais ao vencer o alemão federal Hans Schwaier, por 6-4 e 6-2, e vai jogar agora com o soviético Cherkasov, que afastou o holandês Paul Dogger, por 6-2 e 6-0.

Entretanto, a dupla formada pelo português Cunha e Silva e pelo holandês Michiel Schapers foi derrotada pelo par formado pelo belga Denis Langaskens e o holandês Paul Harrhuis, em apenas dois «sets», pelos parciais de 7-5 e 6-3.

O ténis português estará assim ausente das meias-finais da Oporto Cup, que termina domingo e está dotada com 75 000 dólares (cerca de 11 500 contos) para prémios.

FIFA e COI em diálogo

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) e o Comité Olímpico Internacional (COI) discutem na próxima semana a possível admissão de futebolistas profissionais nos Jogos Olímpicos de 1992, em Barcelona.

O COI pretende abrir o torneio olímpico a todos os profissionais, mas a FIFA defende que a medida deve ser limitada a jogadores com menos de 23 anos.

O presidente do COI, o espanhol José António Samaranch, defende a abertura dos Jogos aos melhores atletas do mundo, mas a FIFA receia que a qualidade do torneio olímpico rivalize com as suas competições.

Segundo fontes ligadas ao futebol, a FIFA poderá mesmo retirar a modalidade do torneio olímpico se o COI não ceder.

A exclusão do torneio de futebol das próximas olimpíadas, a realizar num país tão apaixonado pelo futebol como a Espanha, seria um grande reves para os jogos, comentou o secretário-geral da FIFA, Sepp Blatter.

PONTA ESQUERDA

«Briosa» mantém a tradição

Mais de 300 sócios e simpatizantes da Associação Académica de Coimbra participaram no jantar comemorativo do Dia da Briosa, realizado na Figueira da Foz.

Durante este jantar, em que cada participante pagou 20 contos, foram entregues os prémios Briosa que se destinam a galardoar a dedicação de sócios, funcionários e atletas ao clube.

Fernando Avidago foi distinguido como dirigente do ano. Marcelo o futebolista do ano e José Crispim o treinador galardoado.

Guilherme Luís recebeu a distinção de funcionário do ano e dois sócios foram galardoados pela sua dedicação.

Na ocasião, discursaram, entre outros, o presidente da AAC-DAf Jorge Anjinho e o presidente da assembleia geral, António Almeida Santos.

Ambos destacaram a necessidade de recolocar o clube **no lugar que lhe pertence de direito entre os grandes do futebol nacional.**

AF Braga com mão pesada

O Conselho de Disciplina da Associação de Futebol de Braga voltou a aplicar pesadas penas após a conclusão de alguns processos disciplinares anteriormente levantados.

Assim, e por agressão à equipa de arbitragem, decidiu punir com dois anos de suspensão dois futebolistas juniores do Marinhas (Esposende). Enquanto isto, o clube era punido com derrota, multa de 4000 escudos e terá o seu campo interditado por quatro jogos.

Ainda com dois anos, foi castigado o delegado do Lagense, João Manuel Silva.

O Conselho puniu também com dois anos de suspensão o futebolista do Lomarense, Lino Gomes da Cunha, por agressão à equipa de arbitragem no jogo com o Amares, da I Divisão Distrital.

EM)Igual pena foi aplicada ao futebolista Alfredo Teixeira Gonçalves, do Outeiro (II Divisão), por agressão a um elemento da equipa de arbitragem no jogo com o Ventosa.

Estes são os castigos mais pesados de uma extensa lista divulgada pelo Conselho de Disciplina, onde são punidos com alguns jogos quatro dezenas de futebolistas, para além de um ou outro director, treinador ou massagista.

Ténis: renovação na Associação de Lisboa

Uma maior interligação dos clubes com a Associação e uma colaboração mais estreita com a Federação foram algumas das promessas feitas na tomada de posse dos novos corpos gerentes da Associação de Ténis de Lisboa (ATL), realizada no Centro de Ténis de Monsanto.

A nova direcção foi eleita em 31 de Março deste ano e é liderada por Marques da Silva, que aponta como principais objectivos uma maior interligação dos clubes com a Associação, colaborar com a Federação Portuguesa de Ténis e gerir o património do Centro de Monsanto de maneira a transformá-lo num ponto obrigatório de visita e de prática de ténis.

Hóquei em patins

Clubes «patinam» na Europa

Sporting, FC Porto, Benfica e Paço de Arcos são as equipas portuguesas que hoje vão participar nos encontros da segunda mão da segunda eliminatória das três provas europeias de clubes.

O Sporting desloca-se à Bélgica para disputar com o Kurink um lugar na próxima eliminatória da Taça dos Campeões Europeus e apresenta-se como grande favorito já que venceu em Lisboa por 12-2, uma vantagem confortável.

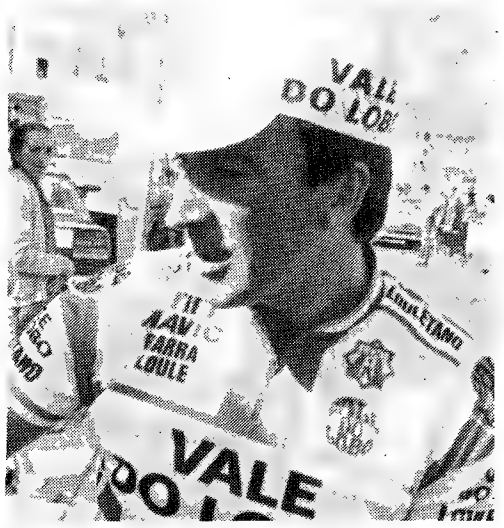
Na Taça das Taças, o FC Porto desloca-se também à Bélgica, para jogar com o Rolta Leuven, sobre quem também possui uma boa vantagem alcançada no pavilhão das Antas (9-2).

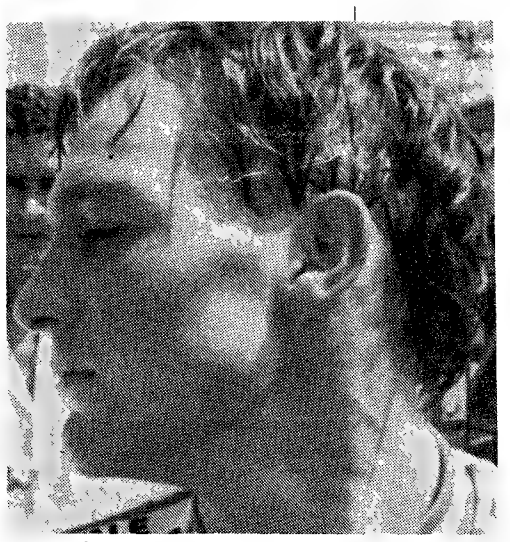
Na Taça CERS, Benfica e Paço de Arcos deslocam-se a Espanha, mas ambos viajam com preocupações bastante diferentes. O Benfica joga com o Igualada e bastar-lhe-á defender a vantagem de 4-0 alcançada no pavilhão da Luz, enquanto a turma da linha de Cascais surge no rinque do Reus com tarefa mais difícil, já que em Paço de Arcos empatou a quatro golos.

Taça de Portugal

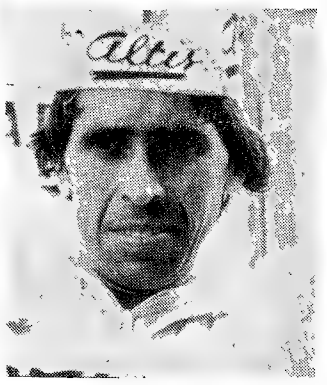
Considerando a presença das quatro equipas nas provas europeias, a Taça de Portugal tem amanhã uma jornada incompleta, disputando-se pelas 21 horas os seguintes jogos: Cucujães-Famalicense, Estrela e Vigorosa-Valongo, Juventude de Viana-Sanjoanense, Carvalhos-Grundig, VSC Barcelinhos-Fânzeres, Física de Torres Vedras-HC Turquel, Alcobacense-Sp. Tomar, Alenquer-Académica de Coimbra, Torres Novas-Santa Cita, Minas da Panasqueira-HC «Os Tigres», Sesimbra-Parede e Juventude Azeitonense-Campo de Ourique.

A ronda será completada na terça-feira (dia 25) com os confrontos seguidamente referidos: Barcelos-Porto, Portosantense-Paço de Arcos, Aljustrelense-Sporting e Académica da Amadora-Benfica. Todos os jogos estão marcados para as 17.30 horas.





Chagas venceu em Vila Morena e Cayn veste de amarelo



Venceslau Fernandes: amanhã é dia de aniversário. 44 anitos de vida. Parabéns a você

Ciclismo: GP Costa Azul

CHAGAS VENCE EM VILA MORENA

Mais uma etapa para a sacola do Louletano nesta edição do Grande Prémio «Costa Azul», que está a ser dominada totalmente pela equipa comandada por Emídio Pinto e que conta com os mais credenciados ciclistas portugueses. Vejam só. Cayn Theakston veste de amarelo, Jacinto Paulinho é o líder da montanha, Marco Chagas comanda a classificação geral por pontos, Pedro Silva segue no topo da pauta destinada às metas volantes, Eduardo Correia é primeiro no combinado e colectivamente Louletano/Vale de Lobo é a equipa cimeira.

A tirada de ontem foi rodada a grande velocidade, tendo Marco Chagas cumprido os 75 quilómetros à média de 42 932 metros e foi caracterizada por jogadas tácticas de Emídio Pinto que geraram alguma confusão e certa polémica e Marco Chagas recebeu explicações no termo da etapa dadas pelo companheiro inglês.

Refira-se, ainda, que na véspera a «vítima» das opções tácticas de Emídio Pinto foi Eduardo Correia que talvez merecesse o lugar no pódio quando os ciclistas atingirem o risco final do Grande Prémio.

Na etapa: 1.º Marco Chagas (Louletano/Vale de Lobo), 1.44,48 horas; 2.º José Rodrigues (PFA/Garcia Joalheiro), com o mesmo tempo; 3.º Paulo Silva (Ruquita/Feirense), 1.44,52; 4.º Pedro Silva (Louletano/Vale de Lobo); 5.º Vítor Lourenço (Vigor/Lousa); 6.º Manuel Abreu (PFA/Garcia Joalheiro); 7.º António Fernandes (Orima/Cantanhedense); 8.º Vítor Teresinho (Grundfos/Sangalhos); 9.º Steven Wolhuter (Grundfos/Sangalhos); 10.º José Pereira (PFA/Garcia Joalheiro), todos com o m.t.

Geral individual: 1.º Cayn Theakston (Louletano/Vale de Lobo), 10.19,09 horas; 2.º Eduardo Correia (Louletano/Vale de Lobo), 10.19,13; 3.º José Xavier (Louletano/Vale de Lobo), 10.19,31; 4.º Fernando Carvalho (Louletano/Vale de Lobo), 10.19,41; 5.º Constâncio Reis (Bom Petico/Tavira), 10.19,49; 6.º Manuel Correia (Ruquita/Feirense), 10.19,53; 7.º Marco Chagas (Louletano/Vale de Lobo), 10.20,07; 8.º Luís Sequeira (Bom Petisco/Tavira), 10.20,11; 9.º Orlando Neves (Ruquita/Feirense), 10.20,13; 10.º Joaquim Salgado (PFA/Garcia Joalheiro), 10.20,16.

Equipas: 1.º Louletano Vale de Lobo, 31.05,02 horas; 2.º PFA/Garcia Joalheiro, 31.08,02; 3.º Bom Petisco Tavira, 31.08,03; 4.º Ruquita/Philips/Feirense, 31.08,51; 5.º Grundfos Sangalhos, 31.11,01.

Montanha; 1.º Jacinto Paulino (Louletano/Vale de Lobo), 18 pontos.

Pontos: 1.º Marco Chagas (Louletano/Vale de Lobo), 15 pontos.

Metas-volantes: Pedro Silva (Louletano/Vale de Lobo), 10 pontos.

Combinado: 1.º Eduardo Correia (Louletano/Vale de Lobo), 12 pontos.

António Jorge

A seguir· Volta ao Algarve

A 15.ª Edição da Volta ao Algarve vai para a estrada na 2.ª feira, com 107 ciclistas em representação de 12 equipas, uma delas estrangeira. Pela ordem de inscrições, as turmas que vão estar em prova são: Louletano/Vale do Lobo, Sangalhos/Grunfos, Orima/Cantanhede, Vigor/Lousa, Ruquita-Feirense, Stand Custódio/Sambrasense, Aqualine/Olhanense, Salgueiros/Landimar, Garcia Joalheiro, Seur (Espanha), Recer/Boavista e Bom Petisco/Tavira.

Dividida por nove etapas totalizando 1156 quilómetros, com partida em Vale do Lobo, a 15.ª Volta ao Algarve e é considerada a mais dura dos últimos anos, devido à extensão das etapas e provas de montanha. As distâncias mais longas da competição disputar-se-ão nas 2.ª e 3.ª etapas, entre Odemira e Vila do Bispo (numa extensão de 223 quilómetros) e Sagres-Fóia (200 quilómetros). A última tirada (a 9.ª da corrida), enquadra o 3.º mais longo percurso, com 184 quilómetros, entre Albufeira e Faro.

A dureza da Volta ao Algarve é reforçada na edição deste ano com a disputa de 10 contagens de montanha que incluem: uma de 1.ª categoria na 3.ª etapa (Fóia), seis de 2.ª classe (Parragil, Espinhaço do Cão por duas vezes, Caldeirão, Odeleite e Bordeiras) e três de 3.ª categoria (Odemira, Ameixial e Casais).

As metas volantes a disputar são seis e ficam situadas em S. Bartolomeu de Messines, Ourique, Aljezur, Vale da Rosa, S. Brás de Alportel e Tavira.

Para a classificação da «camisola rosa», a Volta ao Algarve conta com seis «metas-turismo» (Vilamoura, Silves, Lagos/ Lagoa, Loulé e Vila Real de Santo António). A 7.ª e 8.ª etapas disputam-se no mesmo dia (29) e serão marcadas por contra-relógios, um individual (de 14 quilómetros) e um outro por séries na distância de nove quilómetros, a disputar na Pista Bexiga Peres, à noite.

A organização da Volta ao Algarve é da responsbabilidade da Associação de Ciclismo de Faro e o custo da prova está orçado em 10 mil contos, dos quais 1500 contos são destinados a prémios. A direcção da corrida está a cargo de José Teixeira e a presidência do júri pertence a Pedro de Oliveira.

No historial da competição, a equipa do Lousa é a que conta com mais vitórias (quatro consecutivas), assim como na classificação individual, com cinco êxitos (Firmino Bernardino em 1979 e 1980; Alexandre Ruas, 1982; Adelino Teixeira, 1983, e Manuel Cunha, 1986).

Na edição de 1988, a vitória individual (Joaquim Gomes) e por equipas pertenceram ao Louletano/Vale do Lobo.

NA SUA AGENDA

Andebol

Realiza-se esta tarde (17 horas), nas Antas, o importante encontro entre o FC Porto e o Sporting, enquanto pelas 16 horas terá início o jogo Benfica-Francisco da Holanda e pelas 21 horas em Braga o ABC recebe a visita do Vitória de Setúbal.

• No Grupo «B», o programa para hoje é o seguinte: Caramão-Salgueiros (18 horas, no Pavilhão da Ajuda) e Académica-Clube TAP (17 horas, no pavilhão Universitário de Coimbra). A ronda completa-se amanhã com a realização do encontro Comércio e Indústria-Belenenses, que se inicia às 17 horas, no pavilhão do Naval Setubalense.

• Oeiras e Benfica disputam no dia 25, no Pavilhão Municipal de Santiago do Cacém, a final da Taça de Portugal de andebol (equipas femininas).

Râguebi

Pelas 15.30 horas de hoje realiza-se, na Lousã (Campo de Santa Rita), o encontro Portugal-Jugoslávia a contar para o Torneio Internacional da FIRA.

Amanhã realiza-se a nona jornada da fase final do campeonato nacional de juniores com a disputa de dois jogos já que o CDULL - Benfica ficou adiado: Académica - Belenenses (15 horas no Estádio Univ. Coimbra) e Cascais-Univ. Livre (pelas 15 horas no Campo Guilherme Salgado).

Ginástica

Vai ter lugar, nas instalações da Associação de Educação Física e Desportiva de Torres Vedras, desde hoje até ao próximo dia 25, o «Gimnoeste/89», prova na qual vão estar presentes 74 clubes de todo o País, num total de cerca de dois mil atletas.

• Entretanto, Portugal estará representado por três atletas (Rute de Sousa e Sara Monteiro, do Boavista: e Sónia Fernandes, do Algés), no Torneio da Juventude de ginástica rítmica-desportiva de Venissieux, que se realiza este fim-de-semana.

Europeu de Triatlo no dia 11 de Junho

Ficar entre os 20 primeiros é a ambição comum a todos os atletas portugueses que vão participar no Campeonato da Europa de Triatlo, a realizar em Cascais, no dia 11 de Junho — anunciou o presidente da Federação Portuguesa de Triatlo, António Fontes.

Esta prova, que tem um orçamento de 20 mil contos, contará com a presença confirmada de um total de 24 países e entre os quais figuram as grandes «potências» desta especialidade, nomeadamente a França, Holanda e RFA.

Muitos países manifestaram o seu interesse em competir em Portugal, nesta prova de triatlo curto, cujos percursos são de 1,5km em natação (na baía de Cascais), 42km em ciclismo e 10km em atletismo.

URSS-Resto do Mundo

Blokhin vai ter festa

A União Soviética defronta uma selecção do resto do mundo, a 28 de Junho, em Kiev, num jogo que marcará a despedida de Oleg Blokhin. O antigo «internacional» soviético Oleg Blokhin salientou que o jogo assinalará apenas a sua despedida do futebol soviético, pois está a pensar continuar no seu actual clube, o Vorwarts-Steyr (da Áustria).

Valeri Lobanovski treina a selecção soviética e o alemão-federal Franz Beckenbauer será o responsável pela equipa do resto do mundo, onde deverão alinhar futebolistas como Diego Maradona, Ruud Gullit, Van Basten, Kempes, Koeman e Pfaff. Na véspera do encontro, realiza-se (no Palácio dos Desportos de Kiev) um espectáculo desportivo-teatral subordinado ao tema «Das Estrelas da Arte às Estrelas do Futebol».

Chile-Argentina

As selecções do Chile e da Argentina empataram (1-1) em jogo particular disputado em Santiago do Chile, Aires marcou o golo da Argentina (aos 16 minutos) e Espinoza empatou (aos 69 minutos) na marcação de uma grande penalidade.

O jogo foi de preparação para as duas equipas, com vista ao «mundial» de 1990 e às eliminatórias da «Taça da América».

França: campeonato

O Nantes derrotou o Bordéus por 1-0, em encontro a contar para o campeonato francêsa da 1.ª divisão.

Gullit recupera

O avançado holandês Ruud Gullit (AC Milão) deverá estar apto a jogar na final da Taça dos Campeões Europeus, a 24 de Maio, informou o cirurgião que o operou. O médico mostrou-se optimista no fim da operação de 30 minutos para retirar uma cartilagem do joelho de Gullit.

O futebolista, lesionado na 2.ª «mão» das meias-finais da «Taça», frente ao Real Madrid, rececе amanhã alta e deve ficar apto a andar. No entanto, Gullit não poderá alinhar pela selecção do seu país no jogo com a Alemanha Federal, da fase de qualificação para o «mundial» na próxima semana.

Itália-Uruguai

A selecção da Itália, anfitreã do «mundial» de futebol de 1990, vai defrontar hoje a equipa do Uruguai, campeã sul-americana, em jogo particular a realizar em Verona. A jovem equipa transalpina, que se prepara para o campeonato mundial do próximo ano, defronta uma selecção sul-americana pela 1.ª vez em dois anos, desde que (em Junho de 1987) venceu a Argentina (campeã do mundo) por 3-1.

O Uruguai, que começa em Agosto os seus jogos de qualificação para o «mundial», vem disputar apenas este jogo na Europa, apresentando frente à Itália dois jogadores da selecção «mundialista» de 1986, os avançados António Alzamendi e Enzo Francescoli.

A 6 e 7 de Maio

«Mundial de Side-Car Cross» em Águeda

Em conferência de imprensa, que teve lugar no Bananas (Lisboa), a secção de motorismo do Ginásio Clube de Águeda anunciou (na palavra do eng. Angelino Ferreira) que, a 6 e 7 de Maio, em Águeda, terá lugar o Grande Prémio de Portugal em «side-car», com classificação a contar para o campeonato mundial de «side-car cross».

O director da corrida recordou as 35 provas já organizadas pelo GICA, salientando que a primeira competição de motocrosse em Águeda (1970), teve lugar numa pista de improviso (sita em Recardães-Águeda), bem como as duas seguintes realizadas (respectivamente) em Almas da Areosa e Souto do Rio e que somente aquando do IV Motocrosse é que o GICA passou a utilizar a pista do Vale do Salgueiro (Casal d'Álvaro), onde tantos êxitos foram alcançados.

A trintena e meia de competições de motocrosse até à data realizadas pelo GICA incluíram: nove GP Outono em Portugal (sendo os cinco primeiros na classe de 250 cc e os restantes em 125 cc); três troféus Abimota – Iniciados 50 cc (1977 e 1979); GP Portugal – Campeonato da Europa 125 cc (1973); GP Portugal – Campeonato do Mundo 125 cc (1985); GP Portugal – Campeonato do Mundo Side-Car Cross (1986); GP Portugal – Campeonato do Mundo 250 cc (1987); GP Portugal – Campeonato do Mundo 125 cc (1988).

Este ano teremos o GP Portugal (contando para o Mundial de Side-Car Cross (1989) e na próxima época estará entre nós nova prova pontuável para um mundial: GP Portugal – Campeonato do Mundo 125 cc.

No encontro com os jornalistas foi revelado que estão já confirmadas as presenças de mais de 40 pilotos (de 15 países), continuando a chegar inscrições, especialmente de potências de Leste. Custo da organização aguedense?

– **Mais de 38 mil dólares** – adiantou o eng. Angelino Ferreira, citando o apoio que a Câmara Municipal de Águeda (especialmente através do seu presidente José Júlio Ribeiro) e o Ginásio Clube (comandado por Luís Mendes da Paz), incluindo esta competição nos festejos dos seus 80 anos de vida, estão a dar a uma prova que tem lugar no melhor cartaz mundial da modalidade.

Os directos responsáveis que trabalharão ao lado do eng. Angelino Ferreira, estão designados: W. Angela (presidente do júri), Maria Isabel Flores (secretária do júri), Óscar Almeida (secretário da prova), Luís Filipe Figueira (chefe dos comissários técnicos) e João Amorim (chefe dos cronometristas). Os prémios contemplam os 20 melhores em cada manga: mil francos suíços (cerca de cem contos) para cada vencedor. Além disso, todas as equipas recebem um subsídio de 800 francos suíços.

Saliente-se, ainda, que na base desta prova está a BP (através dos drs. Carlos Carreira e António Vasconcelos de Saldanha e do eng. Andrew Lencastre). A equipa médica (que dispõe de dois médicos anestesistas reanimadores, três médicos ortopedistas, um cirurgião e dois internistas) é coordenada pelos drs. José Brenha e Celestina Vieira.

Agora: processo por não pagar transportes

SPORTING: AUMENTA O DESCALABRO

Cada vez mais difícil o horizonte próximo do Sporting: enquanto o presidente Jorge Gonçalves se encontra na Holanda (ao que nos informam até 3.ª-feira próxima, retardando ao máximo a resposta ao convite para demissão de todo o executivo leonino, aconselhado pelo dr. Abrantes Mendes, a mais alta figura da assembleia geral verde-branca) os problemas sucedem-se em catadupa. Agora é a Transportadora Amândio e Irmão, Ld.ª (AMI), da Póvoa do Lanhoso, que apresentou um processo no tribunal da comarca daquela localidade contra a direcção do Sporting Clube de Portugal – notícia hoje o «Correio do Minho».

Segundo aquele diário bracarnese, na origem da decisão está «o não-pagamento por parte daquele clube lisboeta à firma de transportes aquando do aluguer de alguns autocarros para uma deslocação da sua equipa de futebol senior ao estrangeiro».

A AMI informou que o clube leonino tinha deixado, na altura, um «sinal» de 50 contos comprometendo-se «a pagar mais tarde a restante quantia, o que não viria a ser concretizado».

E a controvérsia gira por aí fora: os três vice-presidentes vão continuando nos lugares (a saída de um deles acarreta a imediata queda de todo o executivo, por falta de «quorum»), falando-se de uma dívida já computada em dois milhões e 300 mil contos, há quem deseje imediata auditoria às contas, Jaime Duarte (prestigiado associado de longa data) quer uma urgente assembleia geral (no que está acompanhado por Patrício Gouveia, Jorge Fagundes, Vasconcelos e Sá, Dias Ferreira, Agostinho Abade e outros sportinguistas, num total de mil assinaturas correspondentes a 1500 votos) e adianta-se que já existem quatro listas com candidaturas ao executivo verde-branco (João Rui Azinhais Nabeiro, António Simões, Jaime Duarte e o próprio Jorge Gonçalves parecem ser os cabeças desses blocos).

Por seu turno, o Torino deseja a devolução de Silas e o PSV e o Roma pretendem contratar Douglas (a quem o Sporting já nem paga a renda de casa...) O descalabro prossegue, dentro do (ainda recente) opulento reino de Alvalade.

Amanhã: hora e vez do terceiro escalão

Com os dois principais escalões futebolísticos travados pelos estágios das selecções A e de «esperanças», amanhã (a partir das 16 horas) tem lugar apenas uma rodada do Campeonato da 3.ª Divisão, com os seguintes embates na Série A: Vila Pouca de Aguiar - Mirandês; Valpaços - Ponte da Barca; Vianense - Vieira; Prado - Delães; Famalicão - Lanheses; Celoricense - Esposende; Maria da Fonte - Valenciano; Valdevez - Vinhais; e Macedo de Cavaleiros - Neves. Série B : Oliveira do Douro - União Desportiva Valonguense; Régua - Leça; Lixa - Aliados do Lordelo; Lourosa - Infesta; Ermesinde - Maia; Pedrouços - Lousada; Torre de Moncorvo - Ovarense; Paivense - Vilanovense; e «Os Sandinenses» - Vila Real. Série C: São Romão - União Desportiva Oliveirense; Académico do Paço - Alba; União de Coimbra - Oliveirinha; Santacombadense - Pesseguеirense; Seia - Gouveia; Anadia - Associação Desportiva Valonguense; Argus - Oliveira do Hospital; Mortágua - Guarda; e Valecambrense - Viseu e Benfica. Série D: 22 de Junho - Bombarralense; Alcanenense - Ferrel; Sertanense - Atouguiense; Usseira - Benfica de Castelo Branco; Mirense - Mirandense; e Marrazes - Castelo de Vide. Série E: Lusitânia - Samora Correia; Pêro Pinheiro - Sport Lisboa e Cartaxo; Futebol Benfica - Portosantense; Cacém - Santa Clara; Sport Lisboa e Olivais - Sport Lisboa e Fanhões; Vialonga - Sintrense; União de Santarém - Praiense; e Vilafranquense - Campomaiorense. Série F: Sesimbra - Quarteirense; Costa de Caparica - Amora; Palmelense - União de Montemor; Quimigal - Banheirense; Ferreirense - Moura; Lusitano de Vila Real de Santo António - Vasco da Gama; Estrela de Vendas Novas - Imortal; Seixal - Alvorense; e Almancilense - Cova da Piedade.

Aconteceu na «Tia Matilde», o restaurante lisboeta onde o Emílio atende excepcionalmente os jornalistas e há muito firmou como uma espécie de «segunda sede benfiquista». Ali se encontraram o empresário Manuel Barbosa («Mercury») e o dr. Alcino António, da directiva rubra. Para tratar de uma eventual troca de Mozer por Rui Barros e uns dinheiros para a bolsa da Luz? Segredo (por enquanto) apenas muito divulgado na Imprensa italiana.

Estoril: torneio internacional júnior

O Estoril, detentor do título, a Académica de Sevilha, o Belenenses e o Celta de Vigo (Espanha) disputam este fim-de-semana o 5.º Torneio Internacional de Futebol Júnior da Costa do Estoril. Na jornada inaugural, hoje à tarde, o Estoril joga com a Académica (às 15 horas) e o Belenenses defronta o Celta de Vigo a partir das 17 horas. Os vencedores discutem amanhã entre si, o triunfo na prova, às 11 e 30, sendo a final antecedida pelo encontro para o 3.º e 4.º lugares, entre os derrotados da ronda de abertura.

Os jogos, que terão lugar no Campo António Coimbra da Mota, serão arbitrados por Vítor Correia, Jorge Coroado, Pinto Correia e António Marçal.

O torneio integra-se este ano nas comemorações do 50.º aniversário do Estoril, sendo patrocinado pela Câmara Municipal de Cascais e Junta de Turismo da Costa do Estoril, entre outras entidades. As primeiras duas edições da prova foram ganhas pelo Benfica, (em 1985 e 1986) e, na penúltima, triunfou o Bétis de Sevilha em 1987.

Covilhã: novamente Vieira Nunes?

Vieira Nunes que, por duas vezes, levou «os leões da serra» à 1.ª Divisão nacional de futebol, pode vir a ser o treinador do Sporting da Covilhã na próxima época. A maioria dos dirigentes dos covilhanenses aposta no regresso de Vieira Nunes, mas o assunto ainda não está concretizado.

A direcção dos serranos está preocupada com o saneamento financeiro do clube, que tem dívidas de perto de 17 mil contos, e embora só tenha tomado posse dos cargos no passado dia 7, tem sido preocupação não descurar igualmente o processo da constituição do «plantel» para a próxima temporada.

A equipa actual vai sofrer uma remodelação muito profunda e pode mesmo suceder que, dos jogadores ao serviço do Sporting da Covilhã, poucos fiquem ao serviço do clube na próxima época. A equipa serrana, esta época despromovida para a 2.ª Divisão, encontra-se na 6.ª posição da Zona Norte, já sem hipóteses de ascensão na época em

Juniores jogam amanhã

Depois do concludente triunfo sobre a Suíça por 3-0, a selecção de juniores (categoria «B») joga amanhã (15.30 horas) em Tirana com a Albânia, em encontro a contar para a qualificação para o campeonato da Europa. O treinador/seleccionador Carlos Queirós deverá optar pelo seguinte onze inicial: Brassard; Castro, Jorge Costa, Rui Bento e Paulo Torres, Alexandre, Figo, João Pinto II e Paulo Pilar; Geraldes e João Pinto I.

Penafiel pretende Cajuda

Manuel Cajuda, técnico do Olhanense, poderá ingressar no Penafiel na próxima época. Cajuda (38 anos) que na presente temporada transitou do Portimonense para o Olhanense, tem sido assediado por equipas nortenhas e da Madeira, mas a hipótese penafidelense é a que reúne maiores probabilidades de concretização.

A equipa de Olhão ocupa o 4.º lugar da tabela classificativa e perdeu (praticamente) a possibilidade de subir à divisão principal.

Por outro lado, Cajuda já manifestou (em diversas ocasiões) o seu descontentamento face à situação financeira do clube, que mantém em atraso ordenados da equipa técnica e dos jogadores.

Guetov na selecção búlgara

O futebolista Guetov, ao serviço do Portimonense, seguiu para a Bulgária a fim de integrar a selecçó do seu país que, na próxima 4.ª feira, defronta a Dinamarca. O jogo realiza-se em Sófia e integra-se na fase preliminar do campeonato do mundo, grupo 1.

Guetov, 30 anos, 45 vezes convocado para a selecção «A» do seu país, ingressou a meio da presente temporada no Portimonense e tem um contrato por mais duas épocas com este clube. O jogador regressará a Portugal a tempo de integrar a equipa do Portimonense no jogo com o Espinho.

Calendário muda

Aproveitando o interregno, a 2.ª Divisão vai proceder a alguns acertos relativamente a jogos em atraso, mas também haverá uma antecipação. Nesta excepção, jogam amanhã Alverca e Elvas (16 horas) para a Zona Sul. Os atrasados são: **Zona Norte**: Paredes - Gil Vicente (16 horas) e Marco - Felgueiras (16.30); **Zona Centro**: Mangualde - Caldas (16) e U. Lamas - Marialvas 1 (16).

Na 3.ª Divisão de registar que hoje se disputa um jogo: Pêro Pinheiro - Cartaxo.

Chaves ganha em França

Em jogo particular disputado em Paris, o Desportivo de Chaves bateu (4-1) a equipa do Saint Leu, da 3.ª divisão do futebol tricolor. Nota a acrescentar: os flavienses contrataram Makukula (Leixões), Rui (Académico de Viseu), Manuel Correia (Penafiel) e Rui Manuel (Sporting de Espinho), todos por duas temporadas.

Em contrapartida, registam-se as saídas de Padrão e Júlio Sérgio (para o Boavista), Serra (Setúbal), Radi (Braga), Cerqueira (Vitória de Guimarães), César (Tirsense) e Jorginho (Boavista ou Celta de Vigo).

Stojic deixa Liege

O guarda-redes jugoslavo Ranko Stojic vai abandonar o FC de Liege no final desta temporada, para representar o Montpellier, da 1.ª divisão francesa.

HÁ 20 ANOS

Novo ataque de "comandos" egípcios

«Uma unidade de "comandos" egípcios efectuou, a noite passada, uma missão de reconhecimento na margem oriental do Canal de Suez, tendo destruído posições inimigas situadas bem atrás das suas linhas de defesa» - anunciou Rádio Cairo citando um informador militar egípcio. A unidade egípcia travou combate com uma patrulha inimiga que registou cinco baixas. Todos os membros da patrulha egípcia regressaram à sua base. Dois ficaram feridos.

Demonstração de força no Mar do Japão

O couraçado "New Jersey" juntar-se-á provavelmente aos navios da esquadra norte-americana que cruzam ao largo da Coreia do Norte, para protegerem os voos de reconhecimento. Segundo os especialistas japoneses, três ou quatro porta-aviões, entre os quais o "Enterprise", três cruzadores e uma dezena de contratorpedeiros participam na «demonstração de força» norte-americana no Mar do Japão.

Permaneceu escondido 33 anos

Depois de ter passado 33 anos oculto, apresentou-se às autoridades de Las Palmas, nas Ilhas Canárias, o espanhol Pedro Nolasco Perdomo, de 63 anos. Um decreto do Governo, recentemente publicado, determinou que não seriam julgados os crimes cometidos antes e durante a guerra civil espanhola. Perdomo declarou que se escondera, em 1936, por as autoridades o procurarem sob a acusação de simpatizar com as ideias socialistas.

EM PORTUGAL

	Min.	T. 6h	Prec.	Às 18 h.
Bragança	10	10	0.0	M. nub.
V. Castelo	10	11	0.0	Nevoeiro
Vila Real	-	-	0.0	-
Porto	9	10	0.0	Nevoeiro
Coimbra	9	9	0.0	Neblina
C. Carvoeiro	12	13	0.0	M. nub.
C. Branco	10	10	0.0	Neblina
Portalegre	10	10	0.0	Neblina
Lisboa	10	11	0.0	M. nub.
Évora	11	11	0.0	Neblina
Beja	8	9	0.0	M. nub.
Faro	12	12	0.0	P. nub.
Sagres	13	13	0.0	P. nub.
P. Delgada	11	11	0.0	P. nub.
Horta	13	14	0.0	M. nub.
Funchal	14	15	0.0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 18, Porto 15, Faro 19, Ponta Delgada 18, Funchal 20

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

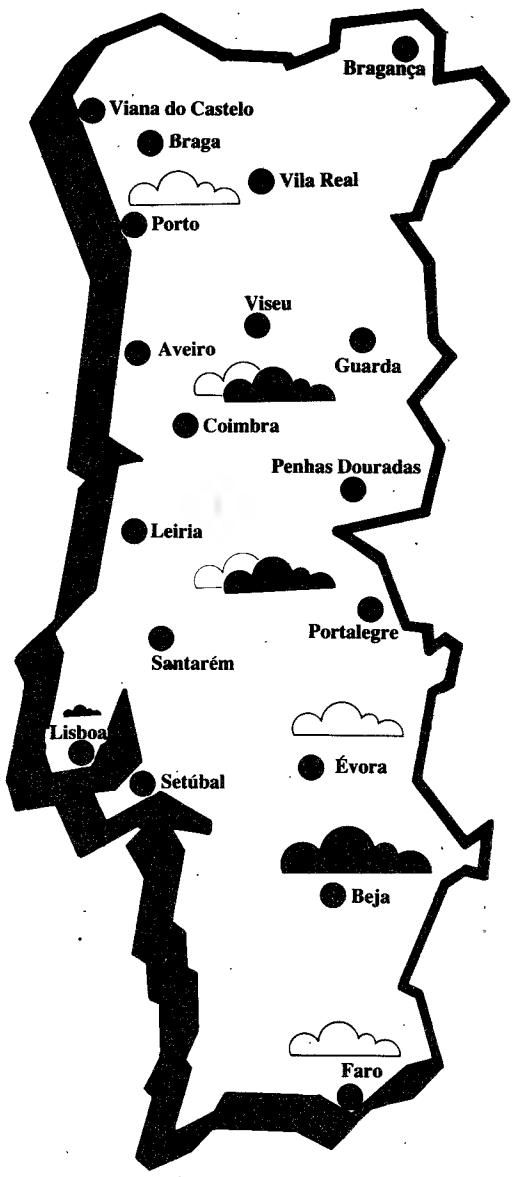
	Min.	T. 6	Às 18 h
Madrid	4	4	P. nub.
Londres	3	6	Neblina
Paris	5	5	Chuva
Bruxelas	6	6	Chuva
Amesterdão	4	5	Neblina
Genebra	3	4	Neblina
Roma	13	14	M. nub.
Oslo	4	4	Chuva
Copenhaga	0	6	Neblina
Estocolmo	3	6	Neblina
Berlim	7	8	Chuva
Viena	8	10	P. nub.
Varsóvia	10	12	Chuva
Atenas	11	17	P. nub.
Moscovo	2	11	M. nub.

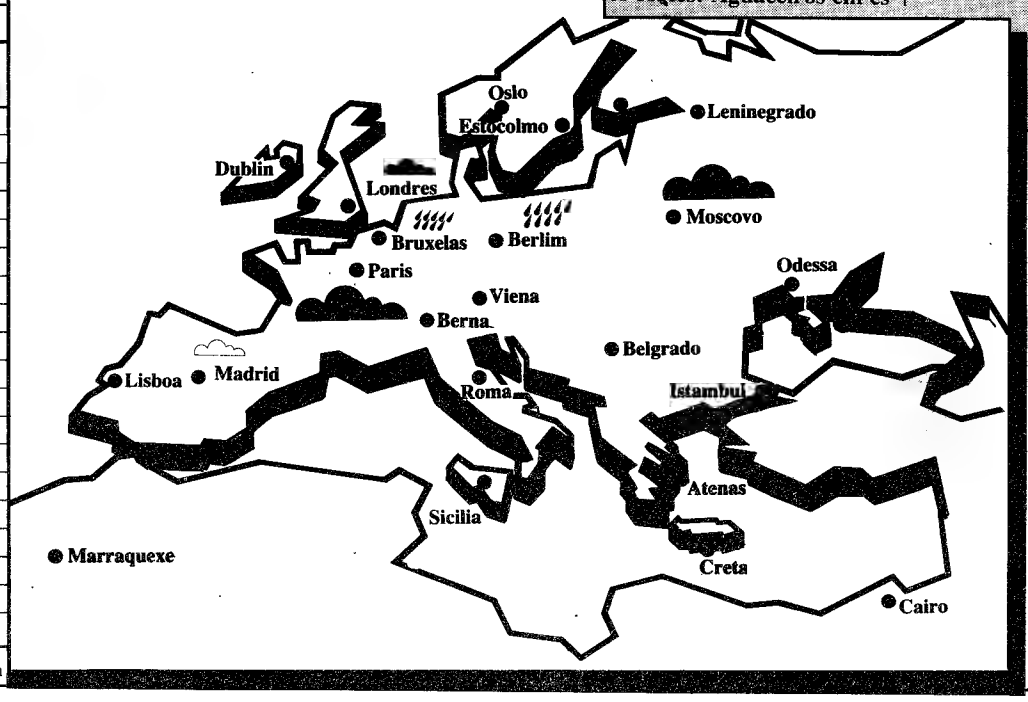
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Caracas	17	26	Nublado
Joanesburgo	12	25	Limpo
Los Angeles	22	41	Limpo
Montreal	6	16	Nublado
Nova Deli	15	29	Limpo
Nova Iorque	11	25	Nublado
R. de Janeiro	18	34	Limpo
S. Francisco	15	31	Limpo
São Paulo	-	-	-
Tóquio	9	19	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm





TEMPO

HOJE

No Continente:

Em todo o território: Céu geralmente muito nublado em especial de návens altas. Vento fraco e possibilidade de períodos de chuva fraca. Mar escrespado com ondulação Nordeste de um a dois metros na Costa Ocidental e ondulação inferior a um metro na Costa Sul.

Nos Açores:

Grupos Ocidental: Céu muito nublado. Vento noroeste moderado a forte, diminuindo de intensidade a partir da tarde.
Estado do mar: Mar grosso a alteroso tornando-se cavado a de pequena vaga. Ondulação norte de 4 metros.
Grupo Central e Oriental: Céu muito nublado. Vento noroeste forte e por vezes com rajadas muito fortes. Aguaceiros fracos.
Estado do mar: Mar alteroso. Vaga 4 a 6 metros.

Na Madeira

Céu muito nublado apresentando abertas a partir da tarde. Vento moderado a forte de noroeste, soprando por vezes com rajadas muito fortes. Aguaceiros em especial durante a madrugada e a manhã.
Estado do mar: Costa Norte: Mar grosso a alteroso. Ondulação noroeste 4 a 5 metros.
Costa Sul: Mar de pequena vaga. Ondulação sudoeste 1 a 2 metros.
Funchal: Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de noroeste. Aguaceiros durante a madrugada e a manhã.

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento Sudoeste geralmente fraco. Períodos de huva em especial nas regiões do Centro e Sul.

DEPOIS

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros e trovoadas.

MARÉS

Hoje

Preia-Mar		Baixa-Mar	
04.12	3,8 m	09.44	1,0 m
16.26	3,9 m	21.59	1,0 m

Amanhã

04.43	3,8 m	10.13	1,1 m
16.57	3,8 m	22.31	1,0 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

EFEMÉRIDES

1915 Tropas alemãs usam gás letal, pela primeira vez no decurso da Primeira Guerra Mundial.

1926 A Pérsia, a Turquia e o Afeganistão assinam um Tratado de segurança mutúa.

1931 É assinado um Tratado de amizade entre o Egipto e o Iraque, o primeiro acordo firmado pelas autoridades egipcias com outro país árabe.

1945 As forças aliadas tomam a cidade italiana de Bolonha, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1956 A China nomeia o Dalai Lama presidente de uma comissão encarregada de preparar o Tibete para a autonomia regional, no âmbito da República Popular da China.

1963 Os EUA, a URSS e 48 outras nações assinam um Tratado de cooperação internacional no salvamento de astronautas forçados a aterrar fora do seu território.

1969 O britânico Robin Konx-Johnston, 30 anos, regressa a Inglaterra (Falmouth) depois de ter completado a primeira viagem à volta do mundo, sem interrupções, em 312 dias, a bordo do seu Brigue.

1972 Os astronautas John Young e Charles Duke Jr., da nave norte-americana «Apollo-16» deslocam-se 9,5 quilómetros numa montanha, na Lua, a bordo do seu veículo lunar.

1980 A maioria centro-direita, em Portugal, sofre a sua primeira derrota no Parlamento, quando a oposição, momentaneamente maioritaria, rejeita as alterações propostas pelo Governo de Sá Carneiro à Lei do reconhecimento eleitoral.

1983 Um repórter da revista alemã «Stern» afirma ter descoberto 60 volumes de um diário de Hitler, mas vários peritos manifestam duvidas sobre a sua autenticidade.

1984 O Domingo de Páscoa é celebrado em dois países comunistas: a União Soviética, onde as cerimónias foram promovidas pela igreja ortodoxa russa, e na China, onde milhares de cristãos assistem à missa em Templos católicos de Pequim.
- A Grã-Bretanha corta relações diplomáticas com a Líbia, na sequência de incidentes ocorridos em Londres em que foi morta uma mulher-policia britânica e ficaram feridos 11 manifestantes.

1986 O dirigente líbio Moammar Khadafy afirma que o seu país não apoia nem patrocina o terrorismo, mas promete intensificar a sua luta contra os Estados Unidos.

1988 Morre o historiador e investigador António Carreira, 83 anos.
- A policia judiciária portuguesa procura Alexandre Xavier Chagas e Joaquim Messias, no âmbito das investigações sobre o assassinio de Evo Fernandes, antigo secretário-geral da Renamo.

TEATRO NA CRINABEL

Maria José Belo Marques
Foto de Rui Pacheco

Não raro muitos de nós viramos a cara e temos vergonha em encarar olhos nos olhos os que carregam consigo a diferença de uma deficiência, mais ainda quando se trata de uma deficiência mental. Acontece que esses homens e jovens têm necessidade em ser úteis e ter uma ocupação. Em Lisboa há uma escola que os educa e forma com vista a uma integração na sociedade de pleno direito. A CRINABEL, a juntar às várias actividades de cariz profissional, tem também um grupo de teatro que irá completar três anos com cerca de quatro espectáculos já apresentados a público. Fomos saber como funciona.

A Teresa Ferreira tem 20 anos, e é uma das alunas da CRINABEL que integra o grupo de teatro, e com ela tive o pequeno diálogo que reproduzo:

– Estás no grupo de teatro desde que começou?

Teresa – «Sim, desde que começou.»

– Agora és uma actriz. O que é que isso tem de importante para ti?

Teresa – «Tem muito. Ganho o meu dinheirinho e posso ajudar os meus pais.»

– Gostas de estar no palco?

Teresa – «Gosto.»

– O ambiente do grupo como é? As pessoas dão-se todas bem?

Teresa – «Dão. Dão-se todas bem.»

– Já pensaste que um dia podes ir trabalhar para outro grupo de teatro? Gostavas?

Teresa – «Já, já pensei. Gostava.»

– Era isso que querias fazer na vida?

Teresa – «Na vida, na vida não era isso que eu gostaria de ser. Eu gostaria de ser professora ou médica.»

– Só pensas em fazer teatro ou pensas também fazer cinema e televisão?

Teresa – «Também penso fazer cinema e televisão.»

– O que achas mais bonito, o cinema, o teatro ou a televisão?

Teresa – «Isso não sei responder. Nunca fiz cinema nem televisão.»

Desde que fazes teatro estás diferente?

Teresa – «Muito diferente. Já sou capaz de andar na rua sozinha, e antes tinha que andar sempre com os meus pais.»

O teatro dá-lhes o êxito e o aplauso que precisam

O obreiro deste grupo de teatro chama-se Francisco Brás e é conhecido dos que acompanham a actividade teatral portuguesa. Tem grande amor a estes jovens e é um lutador incansável pelo reconhecimento público do grupo como profissional.

– Como é que apareces à frente deste grupo?

Francisco Brás – «Estou aqui há cinco anos. Aconteceu por casualidade. Eu estava a fazer a 'Anie' no Maria Matos e a directora da escola, que é mãe dum dos alunos, o João, ia com ele todos os domingos ver o espectáculo. Num desses domingos o João quis ver os bastidores, e eu fui a pessoa que se prontificou a mostrar-lhe o teatro. Daí surgiu o convite para ir almoçar à escola, tomei então contacto com a realidade, que desconhecia como a maior parte das pessoas, com a deficiência. Perguntaram-me se eu não queria trabalhar com os miúdos. A princípio pensei que não era capaz, tinha grandes problemas. Entretanto, fiquei sem trabalho e aceitei.

Os primeiros tempos foram difíceis porque tive que me adaptar e conhecê-los. Comecei por fazer pequenas coisas, pequenas histórias dramatizadas para ver até que ponto respondiam. Ao fim de um ano e tal vi que havia alguns que davam grande resposta à actividade, agrupei-os, e começámos a trabalhar um texto. Um conto de Tolstoi muito bonito, mas com situações muito repetitivas.

Decidimos fazer um espectáculo para mostrar. Tivemos apoio das outras áreas da escola para cenários, guarda-roupa, etc. Concorremos ao Festival de Teatro da Câmara e saímos com uma menção honrosa.

Neste espectáculo eu participava como actor/condutor. Com olhares comandava a acção. A peça chamava-se 'Babine o parvo', e o parvo era eu. Foi o grande salto do grupo de teatro.»

– Dizes que nesse espectáculo havia um comando de acção através dos teus olhares, mas isso já não é assim, já não estás no palco. Como é que se dá essa mudança?

F.B. – «Aí é que está a reabilitação. A evolução que os alunos podem ter nota-se exactamente no salto de deixarem de precisar de mim e começarem a andar sozinhas. Vão sozinhos para o palco com um apoio meu, já não comando, dos bastidores. Quando algum se perde sabe que eu estou ali, e isso dá-lhe confiança.

Estes jovens precisam de ser aplaudidos e ter sucesso porque no seu dia-a-dia estão carregados de insucessos e coisas negativas. Não acompanham o ritmo diário das outras pessoas. O teatro permite-lhes terem êxito e serem aplaudidos.»

– Tu encarregas-te da encenação, interpretação, concepção cénica, enfim de tudo. Tens colaboradores?

F.B. – «Comecei por concentrar tudo isso comigo porque a escola não tinha verbas para pagar a pessoas que viessem de fora. Pedia apoio à terapeuta da fala, a colaboração das terapeutas ocupacionais, no aspecto das autonomias pessoas do despir e vestir e aos psicólogos.

Tenho uma aluna com problemas de hiperactividade. Todos os papéis que procuro para ela obrigam-na a estar o mais tempo possível quieta. Aí entra a ajuda dos psicólogos, também. Neste momento têm um professor de dança e já têm tido aulas com alguns professores do Conservatório. Tenho, também, duas assistentes a trabalhar comigo.»

– É difícil para estes jovens decorar um texto?

F.B. – «Não por uma razão simples, as histórias que temos escolhido não estão dramatizadas. Todo o trabalho de as pôr em diálogo teatral é feito com eles. Isso obriga-os à compreensão total da história e à escolha dos personagens. O que os personagens dizem é escolhido por eles. tenho alunos que lêem e outros não, quando partimos para ensaio já está grande parte do texto apreendido, os que não sabem ler pela repetição memorizam, os que sabem estudam.»

– Quanto tempo demoras a montar um espectáculo com eles?

F.B. – «Em média três meses. A princípio tínhamos menos tempo de trabalho, agora temos quatro horas por dia. Estão a ganhar dinheiro, é uma obrigação profissional, quando não vêm não recebem.»

– Como aparece o apoio do Fundo Social Europeu?

F.B. – «O projecto foi para o FSE, como projecto de formação profissional na área de teatro, e, curiosamente, veio deferido.»

– Este é o quarto espectáculo do grupo. Num festival já poderiam apresentar dois ou três espectáculos?

F.B. – Já fizemos isso. Há dois meses, em Beja, levámos dois espectáculos.

– Tens em vista, eventualmente, integrares elementos deste grupo noutras companhias profissionais?

F.B. – «Não te posso garantir, embora qualquer um deles possa acompanhar o ritmo de trabalho de uma companhia profissional. Garanto-te é que vou profissionalizar o grupo. Já me dirigi aos dois sindicatos da classe teatral com vista à obtenção de carteiras profissionais para os elementos do grupo. Um não me deu resposta e o outro deu-me esperanças na possibilidade da sua viabilização.»

Preocupação: a integração profissional destes jovens

Dadas as características específicas destes jovens quis saber como o teatro serve à sua reabilitação e como funciona a escola que permitiu esta experiência. Falei com a directora da CRINABEL, Cristina Lion.

O teatro é importante na reabilitação destes jovens. Em quê concretamente?

Cristina Lion – «Desenvolve tudo. A criança habitua-se a trabalhar em grupo, corrige a fala e a postura. Na reabilitação é espectacular o que se pode conseguir com o teatro. Não há nada a que não seja útil.»

Quais são as outras actividades que há na escola?

C.L. – «Partimos do princípio que os miúdos de que nos ocupamos, que têm lesões cerebrais, não podem de maneira nenhuma responder a exigências muito desenvolvidas do ponto de vista intelectual. Por isso temos grande número de actividades para descobrir a vocação da criança, e o que é que ela pode fazer na vida futuramente. Eles são capazes de ser úteis. Temos música, educação física, trabalhos manuais com carpintaria, serralharia, metalomecânica, «tricot» manual e à máquina, costura, tecelagem e tapeçaria.»

– Quais as idades dos alunos desta escola?

C.L. – «A idade de admissão não costuma ser inferior a cinco anos. Como não tínhamos resposta e pretendemos a integração da criança na sociedade temos já um edifício, ainda não em funcionamento, para o Centro de Formação e Reabilitação Profissional. Estamos em negociações com o Instituto do Emprego e Formação Profissional para chegarmos a acordo sobre o que vamos fazer lá dentro. Isto porque neste momento, temos alunos com 26/27 anos.

Temos, também, terreno para um lar para os que ficam sem família e um centro ocupacional.»

– Quais os apoios financeiros de que a escola dispõe?

C.L. – «Temos um acordo com o Ministério da Educação que destaca alguns professores e dá um subsídio para parte dos outros técnicos como educadoras-terapeutas. temos também um acordo com o Centro Regional de Segurança Social que cobre apenas os miúdos sensoriais, os que têm mais dificuldades.

Há uma grande parte das despesas que não é coberta e para ela tentamos arranjar subsídios pontuais e recorremos a um peditório, que é uma coisa com a qual não concordamos, mas a que temos que recorrer.»

Se eu tivesse uma criança nas condições dos alunos desta escola e a quisesse inscrever precisava de muito dinheiro?

C.L. – «Não. Precisava apenas de se fazer sócia da escola. Se tivesse muitas necessidades seria o Centro Regional que lhe pagaria grande parte da mensalidade que é de 12 contos com comida e carrinha, incluídas.»

– Quantos alunos tem a escola?

C.L. – «Neste momento oitenta.»

– Há muita gente em lista de espera?

C.L. – «Sim, temos uma lista de espera muito grande. Tem quase tantas inscrições quantos alunos a escola.»

Este trabalho já deu frutos, e, para além do seu grupo de teatro admirado por muita gente, há alunos da escola a trabalhar nalgumas empresas. Lamentável que a CRINABEL tenha que recorrer a peditórios e seja a única escola destas a funcionar em Lisboa. Resta ter esperança que esta situação mude. Até lá o aplauso para todos os que nela trabalham, e aos jovens do grupo de teatro pela qualidade do seu trabalho.

Teresa Ferreira, actriz profissional da Crinabel

Casino Estoril, cor, música e algumas inovações

NÃO HÁ CRISE: TEMOS MISS

Rodrigues Borges

Fotos de Francisco Paraíso

Valha a verdade que se diga: do mal o menos, miss já temos. Chama-se Ana Francisco Peixoto Gonçalves Sobrinho, natural de Setúbal, 18 anos e 1 metro e 75 de altura, cabelos castanhos e olhos verdes. Era a candidata número 7, uma verdadeira gracinha. Como gracinhas eram, também, as outras quinze finalistas do Concurso Miss Portugal 89, realizado no Casino Estoril, na noite de ontem.

O júri decidiu ainda que às candidatas números 5 e 2 (Helena Cristina e Maria Angélica) fossem atribuídos os títulos de segunda e primeira damas de honor, respectivamente. Antes, ocorrera a eleição das misses Simpatia e Fotogenia. Teresa Simões, a candidata nº 11, conquistou os votos das colegas sagrando-se a "mais simpática" enquanto a nº 13, Ana Micaela, caiu nas boas graças dos homens da imagem presentes na sala.

Mas falemos do espectáculo, e dos responsáveis por tudo quanto aconteceu, ontem à noite, na sala negro e prata do Casino Estoril.

Pela oitava vez organizado pelo "Correio da Manhã" e transmitido em directo pela RTP, o Concurso Miss Portugal 89 bateu em qualidade, bom gosto e uma certa originalidade, os antecedentes. Por isso, uma primeira referência para Yolanda , a verdadeira alma de toda aquela movimentação, diferente dos anos anteriores, com mais ritmo, mais graça, mais cor. Uma boa ajuda do bailarino José Arantes. Colaboraram ainda nos desfiles os bailarinos Ismael Macedo e Zé Carlos Elisário e cinco manequins masculinos.

Os apresentadores foram Ana Zanati e Eládio Clímaco e bastava que se dissesse. Já habituados a este género de trabalho, estiveram impecáveis.

Outro "vencedor" da noite foi José Carlos, sem dúvida. Nome já bem conhecido no mundo da Moda, a ele se devem os magníficos 16 modelos de noite envergados pelas candidatas. Manuela Pilar foi a autora do cenário (tons de verde, azul e rosa) e José Vitório o realizador de TV.

Antes de entrarmos no relato - digamos assim - do que nos foi dado assistir, um breve parentesis para confessarmos o seguinte: não morremos de amores por este género de concursos, mas também não os condenamos, pura e simplesmente, à luz de eventuais princípios socioculturais, éticos, estéticos, etc. Logo, admitimo-los como são. E até assistimos, com muita curiosidade, à transformação que se tem verificado nos últimos tempos em alguns países do Leste da Europa em relação aos chamados concursos de misses. Na URSS de Gorbatchev, por exemplo. O que dirão à eleição da primeira "Miss Moscovo" os (e as, sobretudo) que a seguir ao 25 de Abril apodaram os concursos de beleza de reaccionários, burgueses, capitalistas e até fascistas? Bom, pela nossa parte, nunca ligámos grande importância a isso, sempre pensámos que nunca seria por aqui que o mundo rachava. Voltemos, pois, às nossas misses.

"Miss" e damas, devidamente enfaixadas

Às 10 em ponto, que a RTP às vezes até cumpre os horários, a função começa mesmo. Em vez do tradicional desfile em trajes regionais - que valha a verdade já enjoava - uma criação de Yolanda inspirada no futebol americano (modalidade escolhida, disse o apresentador, porque não se pratica em Portugal e assim não se ferir iriam susceptibilidades...). Ao som duma batida forte, bem adequada, as meninas surgem de trajes desportivos, muito graciosas, representando bem o papel das célebres claques femininas que costumam actuar nos encontros deste desporto tão popular nos EUA. Foi a primeira ovação da noite.

A seguir, a actuação de Nuno da Câmara Pereira, que cantou no seu jeito especial algumas das mais conhecidas do seu reportório.

Envolvido num ambiente (música e roupa) bem "hawaiano", decorre depois o primeiro desfile para classificação, em fato de banho. Vistoso, alegre, colorido, com as misses descontraídas, bem ensaiadas, integradas à maneira no conjunto dos 3 bailarinos e dos 5 rapazes-manequins. Eles de bermudas, colares de flores e instrumentos de percussão à moda do Hawai, elas de lindos maillots, cada grupo de quatro em sua cor: roxo, escarlate, laranja e cerise. Uma a uma, com um à-vontade há uns anos atrás inimaginável neste tipo de desfiles, as candidatas atravessam a passerelle.

Foi depois a vez de se conhecerem as misses Simpatia e Fotogenia, parte a que já fizemos referência.

Do "Conquistador" ao romantismo

Altura de se apresentarem os "Da Vinci", faltavam 20 minutos para as 11. Tinham que cantar o "Conquistador", com que venceram recentemente o Festival da RTP. Estava escrito, e assim se cumpriu.

E entra em cena o momento quanto a nós mais espectacular, em termos estéticos: o desfile em traje de noite.

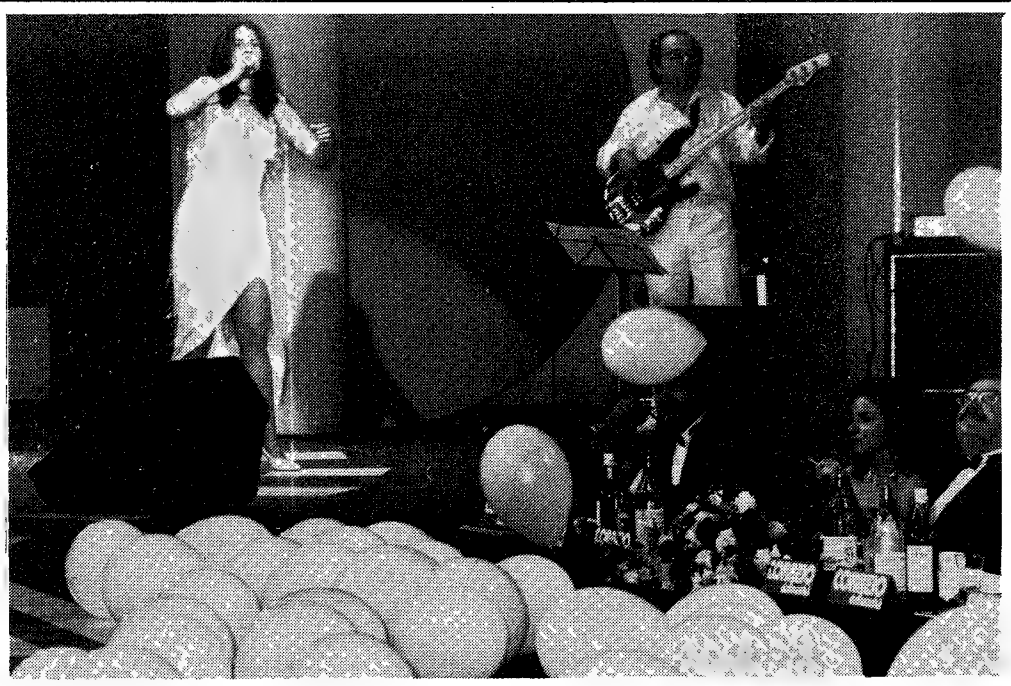
Uma vez mais acompanhadas pelos oito "partenaires" e sempre ao som romântico de uma conhecida valsa vienense, as dezasseis meninas envergam outras tantas criações maravilhosas de José Carlos. Duas tendências a sobressair: "doce feminilidade" (linha simples, a valorizar a silhueta feminina) e "Grande Hotel" (o luxo, a sofisticação dos finais dos anos 30 princípios de 40). Na primeira tendência adivinha-se o romantismo; na segunda "está lá" a sumptuosidade. A complementar os vestidos de cores variadas, desde os roxos, as rosas, passando pela cor de laranja e o verde, as candidatas a miss apresentavam grandes adornos, indispensáveis a este género de trajes. Na passerelle, o desfile individual. A elegância, a segurança, a graciosidade. A Ana Micaela, candidata nº 13 e "Miss Fotogenia", foi a mais aplaudida. Muitas palmas para todos e uma chamada especial para José Carlos. Merecida, acrescentamos.

Fáfá de Belém antes da votação

Fáfá de Belém, mais uma vez em Portugal e uma vez mais no Casino Estoril. Ela já se sente em casa, já tem o seu público, que canta com ela os temas mais conhecidos. Uma Fáfá igual à Fáfá. No final da actuação da cantora brasileira, a festa dos balões, que caíam às catadupas do tecto do "negro e prata" para a assistência.

Aproximava-se o "momento solene", com as meninas a sofrerem nos bastidores. Enquanto a Ana e o Eládio faziam uma evocação dos Concursos Miss Portugal desde 1982, o júri trabalhava. Sete elementos, três mulheres e quatro homens: Maria João Pinto Coelho (advogada), Teresa Sachetti (directora de Marketing), Isabel Costa (miss Portugal 88), Frederico Mendes de Almeida (empresário), João David Nunes (director da Rádio Comercial), Tozé Martinho (actor) e Rui Pêgo

"Miss" Isabel passa o poder a "Miss" Ana



Fáfá: a festa dos balões

(director do Correio da Manhã-Rário).

Sobe ao palco do Casino Estoril a miss Portugal 88, como manda a praxe. Isabel Rodrigues da Costa passa de membro do júri à interpretação dum importante papel em casos como este, ou seja o de passar a miss 89 o ceptro e a coroa que conquistara o ano passado. Muita atenção. O silêncio - acreditem - corta-se à faca.

O júri já decidiu. Segunda dama de honor, concorrente nº 5, Helena Cristina Teixeira. Primeira dama de honor, concorrente nº 2, Maria Angélica Rosado.

E finalmente, o momento mais gostoso para muitos e bons que ali se encontravam. A Miss Portugal 89 é a concorrente nº 7, a Ana Francisca Sobrinho.

E depois? O costume, naturalmente. As cenas repetem-se: os risos, os beijos, as lágrimas, os abraços, a imposição das faixas, os cumprimentos, mais lágrimas, beijos, risos e abraços, a coroa e o ceptro, mais... É claro, para o ano há mais.

Depois de amanhã, entretanto, a Ana Francisco parte para o México, onde vai disputar o título de "Miss Universo 89". Porque não havíamos de lhe desejar boa sorte?

A 1ª dama em fato de banho: o momento "hawaiano"

CRÍTICA DE MUSICA

Anabela Chaves: recital no S. Luiz

Nuno Barreiros

Há que reconhecer que o caso da violetista Anabela Chaves tem muito de excepcional entre nós. Atrever-me-ei a avançar que é, a bem dizer, único. Não só se situa, como instrumentistas, num primeiro plano tout court **(passe o estrangeirismo), sem necessidade, portanto, das muletas de uma bitola puramente nacional para firmar a sua categoria: técnica perfeitíssima, um virtuosismo a toda a prova, musicalidade indefectível, que envolve um conjunto de predicados ao mais alto nível (desde a impecável afinação à qualidade do som); em suma: uma naturalidade a fazer música, que traduz a vocação autêntica, o músico de raiz.**

Mas, para lá de tudo isto, há uma outra virtude, talvez ainda mais invulgar, que distingue esta nossa compatriota. É o à-vontade e a justeza com que cultiva os géneros e os estilos mais diversos. Vêmo-la integrar-se numa orquestra, actuar como solista, praticar a música de câmara (em formações muito diferentes), interpretar o reportório concertante clássico e moderno, enfronhar-se na música antiga, abordar a produção contemporânea nas suas vertentes mais dissemelhantes (e incluindo as correntes vanguardistas), fazer parte de grupos especializados de música contemporânea ou antiga, e também pôr a sua arte ao serviço dos compositores portugueses mais válidos ou interessantes.

Convenhamos que um tal eclectismo e uma tal disponibilidade não se encontram por aí a cada passo. E o que é mais: o teor das realizações de Anabela Chaves situa-se sempre, com uma regularidade impressionante, num grau muito acima da média.

O que fica dito parecerá, porventura, um mero ditirambo, laudatório em excesso, acrítico? Não creio. Que diabo! Há tão poucas ocasiões de poder falar assim de um instrumentista nosso que não vejo por que razão calar a convicção admirativa.

É verdade que temos, felizmente, alguns intérpretes de excepcional categoria, de grande perfeccionismo, de personalidade vincada, que se impõem sempre. Um Sequeira Costa, uma Maria João Pires, uma Elsa Saque podem citar-se neste caso. Mas aquele aspecto que em Anabela é, porventura, distintivo e paradigmático é a tal disponibilidade, o tal eclectismo, na entrega a músicas da mais diversa índole. E depois a artista mantém uma inalterável compostura, sem nada de atitudes exibicionistas ou visando meros efeitos espectaculares.

É consolador verificar que uma intérprete assim despertou nesse alfobre de talentos e vocações que é, há dezenas de anos, a Fundação Musical dos Amigos das Crianças, e fez a sua formação básica com François Broos, encontrando, portanto, no nosso meio os fundamentos assenciais para pôr a render disposições fora-de-série. Anabela teve ainda outros mestres e outras oportunidades de aperfeiçoar e aprofundar o seu desenvolvimento artístico e os seus critérios. Mas a base foi aqui firmada, se bem que através de um professor estrangeiro, e esclarecido pedagogo, fixado entre nós.

O que Anabela infelizmente já não terá encontrado por cá são as condições para exercer cabalmente o seu talento, a tempo inteiro... Não admira, pois, que seja sempre aguardada com expectativa qualquer das suas actuações: Muitas delas no âmbito de um duo constituído com a pianista Olga Pratas ou integrada no (primoroso) agrupamento que é «Opus Ensemble». Menos frequentemente como solista com orquestra.

Foi o que aconteceu agora, num concerto da Orquestra Sinfónica da RDP, que atravessa uma fase especialmente dramática da sua existência – uma trajetória que, com todas as vicissitudes, concretiza uma página essencial da nossa história cultural.

Anabela Chaves fez-se ouvir numa obra de Harold Genzmer, compositor alemão nascido em 1909 e de linhagem hindemitheana (foi mesmo discípulo directo do autor de **Nobilissima Visione**). Trata-se de uma **Sonata,** concebida originariamente para viola e piano. O seu discurso é escorreito e por vezes de um lirismo discreto, mas não muito pessoal. A versão orquestral apresentada realizou-a excelentemente Bruno Pizzamiglio, que preservou um bom equilíbrio entre a parte solista, que permanece em realce, e os valores coloristicos do conjunto orquestral. Até numa obra não particularmente sugestiva de conteúdo, Anabela mais uma vez evidenciou magistralmente os atributos da sua compleição artística de eleição, através de uma execução cheia de plasticidade.

Outro grande motivo de interesse à volta desta tarde orquestral no São Luiz residia na primeira apresentação em Lisboa, como regente, de Bruno Pizzamiglio, bem conhecido já do nosso público, mas como oboísta de primeiríssima ordem e componente do «Opus Ensemble».

Tivemos mais uma confirmação do músico completo que Pizzamiglio é, aberto ainda ao arejamento de repertórios. O programa incluia, a começar, um **Prelúdio e Fuga** do famoso Astor Piazzola: saboroso exemplo de interacção de certos elementos típicos da cultura argentina e das formas de tradição clássica, mais salientes na estrutura polifónica a cinco vozes do painel conclusivo do díptico. Este, destina-se, por sinal, a um conjunto instrumental pouco numeroso. Do trecho inicial desprende-se uma atmosfera mais característica, no seu colorido singelo mas impressivo.

A **Sinfonia n.º 1, em dó maior** de Weber, que raramente se ouve, preenchia a 2.ª parte do programa. Valeu a pena tomar contacto com esta obra que foi escrita talvez nos primeiros anos de 800. O seu estilo e o seu clima, no hibridismo de tendências que configura, pode classificar-se de pré-romântico. O primeiro trecho é vivaz. O «scherzo», mais tradicional. O «andante» reveste-se de carácter mais pessoal.

Em todas as obras Bruno Pizzamiglio mostrou-se extremamente efectivo na articulação global do conjunto, tanto nos aspectos dinâmicos como de fraseado, mas sem descurar uma constância rítmica e um jogo de acentuações que garantiram ao discurso musical apreciável relevo e grande pulsação. Os gestos, geralmente sóbrios e animados de nítidas intenções expressivas, são de quem sabe o que quer. E foi sensível o bom entendimento que estabeleceu com os componentes da Orquestra. Esta correspondeu com brio. E os resultados não se fizeram esperar e, de maneira muito positiva, inclusive na obtenção de certos matizes mais requintadas de colorido que o maestro não dispensou.

Um apontamento: neste concerto participaram ainda a pianista Olga Prats e o contrabaixista Alexandre Erlich Oliva, integrando-se no conjunto orquestral. Em conjugação com a solista e o maestro, tivemos assim a presença do magnífico agrupamento «Opus Ensemble», com tudo o que ela significa de empenhamento e solidariedade profissional.

Festival de Cinema da Costa do Estoril

ORÇAMENTO: 12 MIL CONTOS

Susana Pina

Com mais três curtas-metragens vindas da Bulgária, India e Lituânia, termina, hoje, a exibição dos filmes concorrentes ao Primeiro Festival de Cinema da Costa do Estoril. O balanço deste certame: 104 filmes, 3 antestreias, 17 estreias mundiais, um ciclo de homenagem a Luigi Comencini, uma retrospectiva do cinema checoslovaco. E o público? As crianças estiveram lá. Os jovens também. Os adultos ficaram em casa. É pena, porque tinham ao seu dispor várias curtas e longas metragens de realizadores como Carlos Saura, Jacques Becker ou Claude Chabrol.

João Soares Tavares, director do Festival, diz que, para o ano, essa questão tem de ser solucionada. Perguntámos: «Como?». Ele respondeu: «Ainda não sei. Agora estou muito cansado. Descanso alguns dias e depois começo a pensar no próximo».

João Soares Tavares, professor de Ciências do Ambiente e amante do cinema (ele próprio realizador de filmes com fins educaticos), empenhou-se neste Festival com muita determinação.

A ideia partiu dele. Apresentou o projecto à Câmara Municipal de Cascais, que lhe deu todo o apoio. A partir daí pôs-se a trabahar. Através dos contactos pessoais que já tinha no meio cinematográfico e das organizações que foi conhecendo, conseguiu trazer a este Festival cerca de 100 películas vindas de 26 países.

«Este Festival demorou um ano a preparar – diz João Soares Tavares – e exigiu um trabalho intenso nos últimos 3 meses.»

«E quanto a despesas? O orçamento global, sem contar com os vários apoios logísticos, como, por exemplo, a cedência dos espaços, ronda à volta dos 12 000 contos.

«Foi uma ideia ambiciosa. Sem o apoio das entidades que se associaram não era possível pôr em prática um projecto desta envergadura.»

Enquanto conversávamos com Soares Tavares, decorria na Sala do Casino uma sessão para adultos,' a longa-metragem «Vocês Adultos Não Sabem» de Lee Kyu-Hyeong da Coreia. A história triste dum rapaz que faz amizade com um «boxer» e uma educadora de infância.

Ontem foram, também, exibidos mais dois filmes de Comencini: «Iniciação Sexual de Casanova» e «Eugénio Eugénio».

Este último é uma película produzida há dez anos, mas que conserva toda a actualidade – a solidão de uma criança que vive ora numa casa, ora noutra, devido às constantes discussões dos seus pais, até que, um dia, resolve sair de casa.

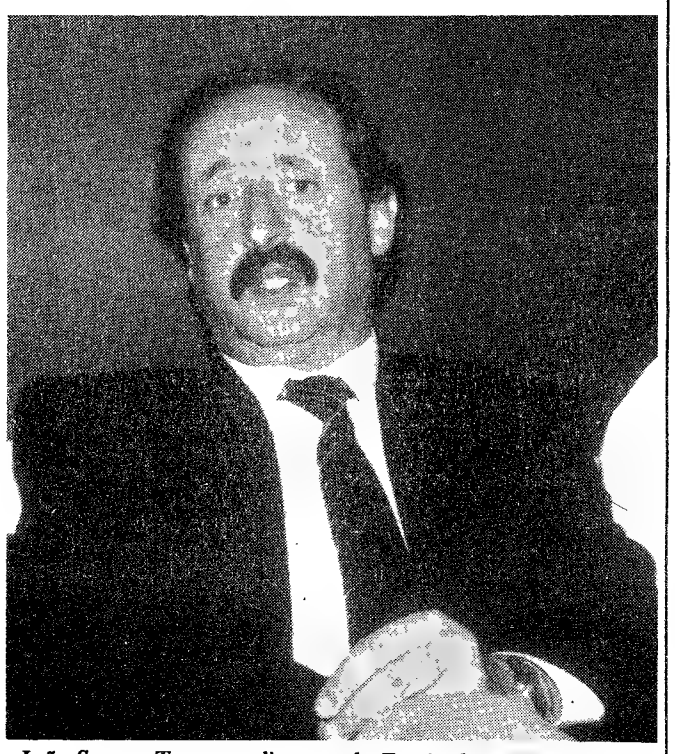
Encerrando o ciclo de homenagem a este realizador, exibe-se, hoje, «Procura-se Jesus», um filme de 1982, onde a personagem «Jesus» é identificada com a figura de Giovanni, socialmente desenraízada e recém-saída de um sanatório.

No Pavilhão dos Congressos, para além das curtas-metragens exibidas extraconcurso, mais dois filmes de retrospectiva da Checoslováquia estiveram, ontem, em destaque: «Os Correios do Sul» de Stanislav Parnicky e «As Rosas Não Entram Aqui» de Hana Pinkavova.

Esta realizadora, com bastante experiência na realização de documentários, trouxe-nos um filme onde se foca a dureza da profissão das enfermeiras que trabalham nos serviços pós-operários. Com esta curta-metragem deu-se por concluída a retrospectiva da cinematografia deste país.

Hoje, para além dos últimos filmes concorrentes, será exibido em ante estreia o filme de Paul Schrader, «Patty Hearts».

Amanhã, domingo, o júri irá dizer quais os filmes que merecem «Gaivotas». Que ganhe o melhor.



João Soares Tavares, director do Festival

AMOROSOS
três farsas medievais francesas, de autores anónimos,
versão original de José Valentim Lemos
No Teatro da Comuna de 21 a 29 de Abril
De 3.ª a 6.ª — 21.30h
Ao sábado 16.30-21.30h
Domingos só 16.30h

Apoio dos jornais: Teatro da Rainha — Companhia subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura
DL Diário (se7e) JL Região das Caldas

Finais de Abril, princípios de Maio: no ACARTE

Portugal-Brasil em Marionetas

O grupo brasileiro "Contadores de Estórias" e "Os Bonecos de Santo Aleixo" de Évora, vão apresentar, a partir do dia 28, na sala polivalente da Gulbenkian, uma série de espectáculos sob a designação de "Marionetas no Acarte", uma iniciativa do Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte daquela Fundação.

"Maturando", apresentado pelos brasileiros "Contadores de Estórias" é o espectáculo que, iniciando às 21,30 do dia 28 de Abril as "Marionetas no Acarte", poderá ser visto nos dois dias seguintes, à mesma hora. De 3 a 7 de Maio, estarão em cena "Os Bonecos de Santo Aleixo", no mesmo local e em idêntico horário, com "O Auto do Nascimento do Menino Jesus".

Marcos Caeteno Dias define "Maturando" como «uma colecção de poemas cénicos, estruturados em torno de uma linha dramática que os une. São seis cenas curtas, independentes entre si, mas que em conjunto mostram o desenvolvimento de uma vida feminina, falando directamente ao emocional sem uma só palavra».

Formado em 1971 por Rachel e Marcos Caetano Dias, dois criadores/investigadores de diversas técnicas de teatro de bonecos, o grupo "Contadores de Estórias" tem já uma longa carreira internacional, tendo participado em inúmeros festivais de teatro, dos quais podemos destacar alguns dos mais recentes: festival de Théâtre des Amériques (Montreal-Canadá); IV Festival Internacional de Teatro (Granada-Espanha); Theatre of Nation (Baltimore-EUA) e Festival du Jeune Théâtre de Liège (Bélgica).

Especificamente concebido para adultos,"Maturando" foi classificado, em Portugal, para maiores de 16 anos.

Além dos três espectáculos, o grupo "Contadores de Estórias" realiza ainda um workshop sobre ritmo, focagem e simetria na arte teatral, no dia 30, destinado a artistas e estudantes da área das artes cénicas. As inscrições encerram dia 26.

Depois do grande sucesso obtido o ano passado, os Bonecos de Santo Aleixo", do Centro Cultural de Évora, voltam ao Acarte, desta vez para apresentarem o "Auto do Nascimento do Menino Jesus", que faz parte das peças de tradição secular do reportório dos Bonecos de Santo Aleixo, que engloba peças de carácter religioso, sainetes picarescos, quadras glosadas, bailes populares e despiques.

No Auto do Nascimento do Menino Jesus, a trama religiosa, em que o enredo bíblico se mistura com os problemas reais do

"Maturando" pelos Contadores de Estórias

Velho mestre não nos deixa respirar

AGOSTINHO DA SILVA LANÇA FUNDAÇÃO MENSAGEM

Ernesto Sampaio

CABELO branco de neve e rosto emoldurado por uma barba à Pirandello, Agostinho da Silva fez ontem à noite, no Martinho da Arcada, a apresentação da Fundação Mensagem.
O velho mestre não deixa respirar a Comunicação Social. Ainda bem não acabámos de ler a volumosa colectânea *Dispersos*, lançada nos Jerónimos com pompa e circunstância, no meio de um longo falatório suportado de pé com estoicismo por uma assistência onde abundavam os idosos, já tivemos, numa sala da Gulbenkian apinhada de jovens, improvisos sobre o Espírito Santo entremeados de máximas tão definitivas como estas: «A única liberdade que a pessoa talvez tenha é a de aceitar o seu destino e o próprio Deus tem a fatalidade de, se quiser deixar de ser inteiramente livre, não o pode fazer. (...) Anda toda a gente preocupada em combater as doenças – como ultimamente acontece com sida. Mas ninguém procura uma maneira de evitar as mortes pelo trabalho. Devíamos ser logo vacinados quando nascemos.»

Pelo meio, publica cartas, anuncia a fundação, em Moçambique, da Feitoria Tomaz António Gonzaga (uma feitoria particular, onde não se trocam especiarias nem escravos, mas saberes: o que os moçambicanos sabem por aquilo que o mestre tem para ensilar-lhes), ou vai (na próxima 2.ª-feira) à Assembleia da República debater o 25 de Abril.

Ensinar e conversar

Ontem, como já dissemos, o professor conversou sobre um novo projecto, e dizemos conversou porque apesar de ter muitos discípulos, não é disso que anda à procura, mas de gente com quem conversar.

Antes do início da sessão, e porque a sala estava cheia, pedi ao professor que dissesse ao «DL» em que consistia concretamente a tal Fundação Mensagem, já que depois, e dada a sua vaza divagante, o mais natural era que as palavras dele se perdessem nas abóbadas daquele café onde já se perdeu tanta coisa.

Respondeu-nos que não sabia. Iria sabê-lo depois, à medida que conversasse com o público. Pensei que se tratava de uma «boutade», mas não senhor. Quanto mais o professor falava, mais brumosa se me tornava a tal FM.

Devo confessar, no entanto, que ouvi com certa distracção as declarações do professor. Quando tudo começou, o Martinho tinha os taipais corridos e estava a meia porta, mas mesmo assim, apurando o ouvido, percebia-se que a vida andava à solta na rua: assuadas, assobios, correrias, sirenes não marítimas galvanizavam o Terreiro do Paço, àquela hora habitualmente uma das paragens mais lúgrubes da cidade.

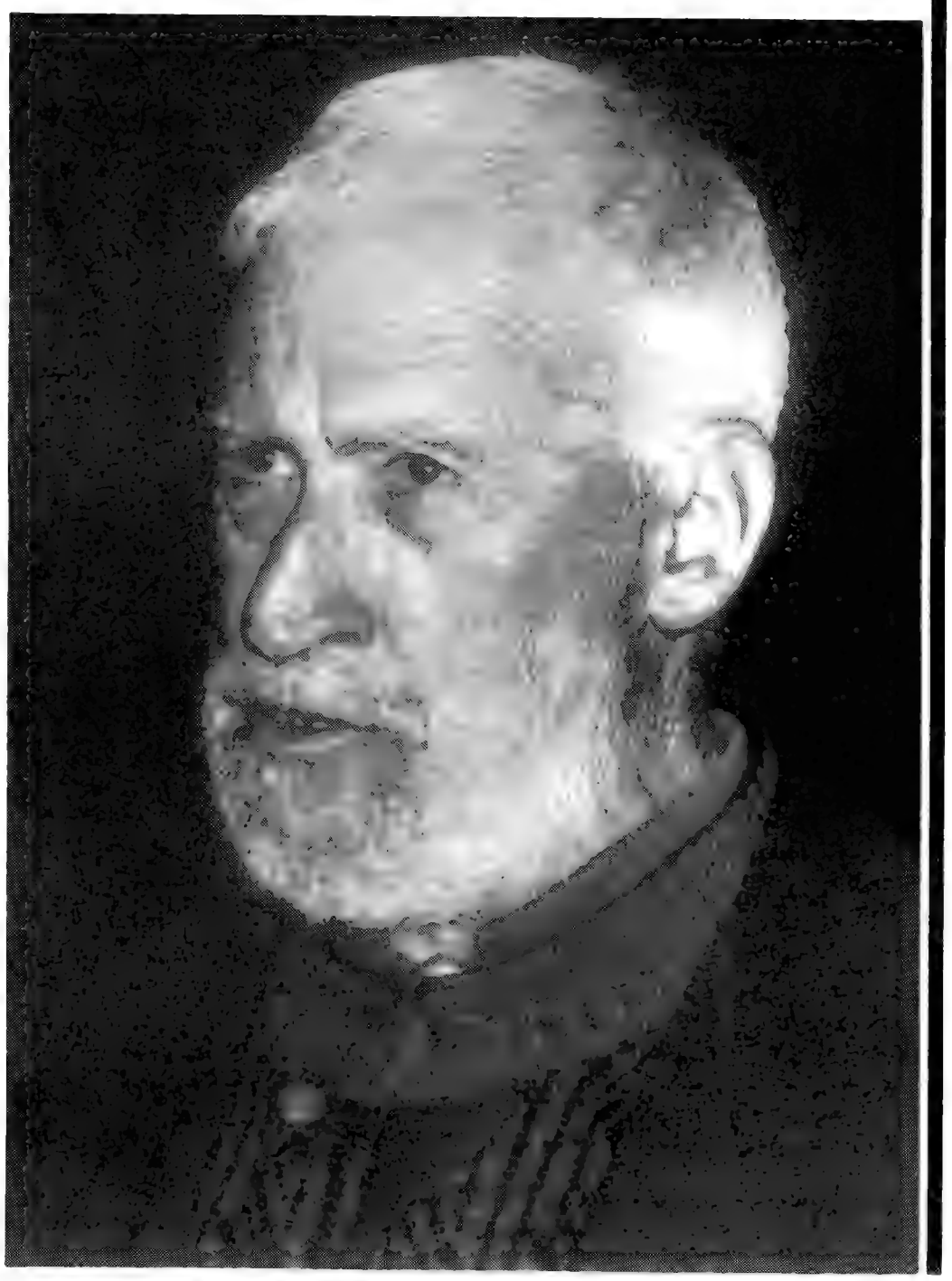
Dentro do Martinho falava-se do Tratado de Tordesilhas e do Espírito Santo, e era realmente esquisita aquela voz que dizia «A coisa começa estranhamente em Olivença». Parece que resolveram fundar lá um Centro de Estudos Ibéricos e pensaram dar-lhe o nome de Agostinho da Silva, o que eriçou o mestre.

«A essas instituições deve dar-se o nome de mortos, e acontece que neste momento eu não estou disposto a morrer.» Seja como for, houve lá um espanhol, professor de português, que lhe escreveu no nosso idioma uma carta muito bem escrita, onde, entre outras considerações sobre uma Ibéria sem fronteiras, lhe perguntava a certa altura: «O senhor quer ser meu avô?» Não sei que lhe respondeu o mestre, porque precisamente nessa altura houve um grande estoiro na rua, mas deve ter sido uma resposta feliz, a avaliar pelo ar jovial da assistência.

Um longo caminho

Percorremos um longo caminho até chegar à FM. O trivial: «O verdadeiro Portugal emigrou e não parou mais de emigrar, ou forçado ou voluntariamente, e não é impossível de imaginar, se algum dia as condições da Europa o aconselharem, que Portugal de novo se possa apoiar, para vencer o que lhe for adverso, em tudo aquilo que heroicamente fez surgir do nada ou na América, ou na África, ou na Ásia.»

«O que eu gosto é que a vida me traga as coisas», sublinhou Agostinho da Silva, antes de finalmente confiar ao público que em relação à Fundação Mensagem tudo não passava ainda de uma ideia (utópica, por certo), que tem a ver com aquilo que nos falta, pois Portugal é um facto e uma ideia que para existir precisa das situações e das dimensões da vida dos agentes humanos que os habitam. Se não houver gente para habitar esses factos e ideias, a nossa Nação, assim como se fez, desfaz-se.



A SEMANA

Rodrigues da Silva

Sábado, dia 15

Do milhão para o tostão. Enquanto se anuncia para a Av. 5 de Outubro um Amoreiras-2 por milhão e meio de contos, desempregados do incêndio do Chiado temem pelo magro subsídio no fim do mês; enquanto não se percebe se Abecasis chumbou o anteprojecto que Taveira (por 168 mil contos) assinou para substituir o Júlio de Matos, pintores «naifs» tentam fazer no Largo de Camões um Montmartre à portuguesa.

Prémios, solidariedade e morte: os prémios (literários) atribui-os o Pen Clube, a solidariedade (com Otelo) é expressa por um duplo álbum em que participam duas dezenas de músicos europeus, entre os quais Theodorakis; a morte (de Celso Cunha, gramático brasileiro) deixa a língua portuguesa mais pobre.

Revelações. Siza levanta mais uma ponta do véu sobre o futuro Chiado, sondagem de «Primeira Página» detecta que para 16,5% dos portugueses toda a infidelidade deve ser castigada.

Domingo, dia 16

Chaplin, se fosse vivo, faria hoje 100 anos e o dia é todo ele dedicado ao cinema. Na Gulbenkian, Cavaco preside à gala da «Opinião Pública» sonorizada; na Figueira da Foz anuncia-se o próximo festival; em Lisboa reúnem-se as cinematecas de língua portuguesa e na RTP passa o novo filme de Vítor Gonçalves («Meia Noite»), mais um fado português.

Segunda, dia 17

A crise académica de Coimbra faz 20 anos, as adolescentes portuguesas cada vez engravidam mais cedo, os trabalhadores do incêndio do Chiado vão mesmo para o desemprego, começa o Festival de Cinema do Estoril, a CML pede para o Júlio de Matos a classificação de imóvel de interesse público, cinematecas do mundo inteiro reúnem-se em Lisboa, o IPC anuncia prémios de 1987... mas a notícia do dia é a morte de Adolfo Simões Muller.

Porquê? Porque ele foi o director de «O Papagaio», do «Diabrete», do «Cavaleiro Andante» e de muitas mais revistas de quadradinhos, porque graças a ele chegaram a Portugal Tintim e Asterix, Lucky Luke e o professor Mortimer e basta isto para tudo o que foi jovem de há 50 anos para cá sentir que perdeu hoje um avô, um tio, um padrinho, um mago do seu distante imaginário juvenil.

Terça, dia 18

O vinho à nossa mesa, o mundo cão à nossa porta. Vinho bebemos 650 milhões de litros num ano, quanto ao resto, Lisboa acorda hoje com três homens fechados a cadeado dentro de um contentor. Já lá estavam há quatro dias, só hoje se descobriu, são passageiros clandestinos dum cargueiro vindo das Áfricas, a vergonha vai durar até depois de amanhã, não fosse a Imprensa (nem toda...) talvez nunca se soubesse, fica a dúvida: quantos casos assim já não terão acontecido?

No resto, a rotina, feita de altos e baixos. Mário Cláudio lança «O Outro Génesis», ministra Beleza não desiste de demolir o Júlio de Matos, cinco arquitectos disputam nova sede do Banco de Portugal, trabalhadores do Chiado manifestam-se para recuperar subsídio, Maria Keil inaugura exposição, músicos da RDP tentam protocolo com a Regie Sinfonia, na RTP passa «O Espelho», de Tarkovsky, e, sem ninguém dar por isso, hoje é o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios.

Quarta, dia 19

Torga ganha Prémio Camões, David Mourão-Ferreira ganha Prémio Inasset, Fernando Lopes-Graça lança «Canções do 25 de Abril», na Gulbenkian estreia «As Bodas», segundo Stravinsky e Diaghilev; Sintra vira as costas ao novo-riquismo parolo e diz que vila é que é bom, não quer ser cidade, e lá longe, nos confins da Cornualha, morre aos 81 anos aquela que um dia escreveu «Rebeca», chamava-se Daphne du Maurier.

Não é tudo, falta Agostinho da Silva falar e hoje ele falou, na Gulbenkian, sobre o «Sagrado e o Profano». Vai daí diz que o Espírito Santo para os portugueses não é mais que o desenrasca; a verdade descobri-la não é connosco, descobrimos sempre é o que mais nos convém, com a CEE seremos 10 milhões pela Europa fora ao biscate, quando os portugueses se juntam arranjam logo um capataz.

Quinta, dia 20

Depois de Agostinho, Agustina, o tema é o mesmo, na Gulbenkian outra vez, mas ela tem outros dizeres, cada frase é uma sentença, como esta e é lapidar: «Sem o sagrado, tudo é uma infâmia ou um benefício.» Do corpo falam outros, para lembrar que ele é hoje a sacralização do profano, o depositário maior do totemismo actual, a procura do espectáculo, a ânsia do divino.

Para Eduardo Cortesão a ânsia é outra: denunciar (o que faz ao «Europeu») que a Imprensa Nacional se apropriou da obra de seu pai «Portugaliae Monumenta Cartographica», sem sequer mencionar o autor. «São uns abutres» – comenta.

Saramago não comenta, escreve «Histórias do Cerco de Lisboa», e António Vitorino de Almeida (cabeça de lista do MDP para a Europa) reivindica 200 pianos de cauda mais duas orquestras sinfónicas. Já? Não. Em 92.

Sexta, dia 21

Arquitecto é o que está a dar, quanto mais demolições mais projectos e milhões. Siza ganhou o Chiado, Taveira anda embrulhado com o Júlio de Matos, a Nuno teotónio Pereira sai-lhe na rifa o Saldanha todo mais o ex-Monumental. Para já é o que há, mas nunca se sabe o que se pode arranjar. Segundo os bombeiros, a Baixa pombalina está em tal estado de segurança que basta um nada e arde toda de uma vez.

Vem tudo isto em «O Jornal» e são as notícias do dia. Título, o melhor é de «O Independente». refere-se ao 25 do corrente (ex-25 de Abril), ouve os mais jovens e escreve: «Nasci quando já era depois.»

CINEMAS

Karen Blixen/Isak Dinesen's Babette's Feast

A PANORAMA FILM INTERNATIONAL PRODUCTION

A FESTA DE BABETTE em exibição no Quarteto Sala 3
maiores de 12 anos, qualidade

Pub.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!...
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Alfa 2

GENTE GIRA 4

13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

Alfa 3

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa 4

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa Club

O URSO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras

Amoreiras 1

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!...
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 2

GENTE GIRA 4

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 3

O URSO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 4

UMA MULHER DE SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 5

GORILAS NA BRUMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 6

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 7

GÉMEOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 8

OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 9

INTRIGA AO AMANHECER
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00h

Amoreiras 10

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00h

Apolo 70

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Ávila

— T. 539930

O TURISTA ACIDENTAL
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45h

Berna

— T. 776060

GENTE GIRA 4

15.15, 18.00 e 21.30h

Capitólio

— T. 372358

FÉRIAS SEXUAIS EM SAINT-TROPEZ
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00h

Cinebolso

MENINAS DE MEL
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
PROSTITUIÇÃO CLANDESTINA
(maiores 18 anos)

Cine Camões

T. 324194

UMA VIDA UM DESTINO
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Cine 222

— T. 533253

BRADOOCK – DESAPARECIDO EM COMBATE 3
Estreia nacional
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Cinemateca Portuguesa

TRÊS MENOS EU
15.30h
UMA PEDRA NO BOLSO
18.30h
DUMA VEZ POR TODAS
21.30h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Ansesa

VIÚVA MAS NÃO MUITO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00 e 21.30h

Estúdio Sheza

SUPEMAN IV – EM BUSCA DA PAZ
(maiores 6 anos)
15.00, 17.45 e 21.45h

City Cine

— T. 549999

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Condes

— T. 322523

A MOSCA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30h

Eden

— T. 320768

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!...
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Estúdio

— T. 555134

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT?
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Estúdio ACS

— T. 887255

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT?
(maiores 6 anos)

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

O URSO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Sala 2

OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45h

Sala 3

UM PEIXE CHAMADO WANDA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45 e 21.15h

Forum Picoas

— T. 541037

Encerrado para descanço do pessoal

Gemini

— T. 734009

TOP GUM – ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

MOSCA 2
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00h

Sala 2

MISSISSIPPI EM CHAMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Império

— T. 555134

GENTE GIRA 4

15.30, 18.30 e 21.30h

King Triplex

Sala 1

INTRIGA AO AMANHECER
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30h

Sala 2

GENTE ESTRANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h,

Sala 3

O EXTERMINADOR DA NOITE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

UMA MULHER DE SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30h

Sala 2

MISSISSIPPI EM CHAMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30h

Londres

— T. 801313

UMA MULHER DE SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!...
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Sala 2

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3

OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Nimas

— T. 574362

GORILAS NA BRUMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Odeon

— T. 326283

O EXTERMINADOR DA NOITE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Olímpia

T. 325309

SÓ UM DE CADA VEZ
(interdito men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14.00h

Politeama

T. 326305

GENTE GIRA 4
14.15, 16.30 e 21.30h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

O TURISTA ACIDENTAL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 23.30h
PROFISSIONAIS DO SONHO
(maiores 16 anos)
00.45h

Sala 2

A COMISSÁRIA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30h
NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
00.45h

Sala 3

A FESTA DE BABETTE
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00,21.30 e 23.30h
MORTE DE UM INOCENTE
(maiores 12 anos)
00.45h

Sala 4

A DAMA DE BRANCO
(maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30h
FILHAS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
00.45h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
15.30 e 18.30 e 21.30h

Sala 2

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!...
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.15h

Sala 3

UM PEIXE CHAMADO WANDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45. 19.15 e 21.45h

7.ª Arte

— T. 730715

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45h

Star

— T. 804210

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Terminal

— T. 371573

INTRIGA AO AMANHECER
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45h

Tivoli

— T. 570595

GORILAS NA BRUMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Turim

T. 706666

ESCORPIÃO VERMELHO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30h

Xenon

T. 368480

ONZE DIAS, ONZE NOITES
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Linha de Sintra

AMADORA – Babilónia – «Encontro de Irmãos», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h (maiores 12 anos)

Lido – «Assalto ao Arranha-Céus», às 21.00h (maiores 12 anos)

ALGUEIRÃO – Cine-Teatro Chaby – «O Clã do Urso da Caverna», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

CACÉM – Cinestúdio Flores – «O Urso», às 15.00 e 21.30h (maiores 6 anos)

MEM MARTINS – Estúdio Dois Eme – «Os Rapazes de Biloxi», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS – Cinema 2000 – «O Urso», às 15.30 e 21.30h (6 anos)

OEIRAS – Alto da Barra – Sala 1 – «Os Acusados», às 15.15, 18.15 e 21.30h (maiores 16 anos)

Sala 2 – «Desaparecido em Combate», às 15.30, 18.30 e 21.45h (maiores 12 anos)

NOVA OEIRAS – Cine Palmeiras – Sala 1 – «Ligações Perigosas», às 15.15, 18.15 e 21.45h (maiores 16 anos)

Sala 2 – «Uma Outra Mulher», às 15.30, 18.30 e 21.45h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS – Atlântida Cine – «Os Acusados», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos)

ESTORIL – Casino Estoril – Encerrado para obras

CASCAIS – Miramar – Sala 1 – «Mississipi em Chamas», às 18.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 – «Uma Outra Mulher», às 15.15 e 21.45h (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA – Academia – «Os Gémeos», às 15.30, 18,15 e 21.30h (maiores 12 anos)

ALMADA – Incrível Almadense – «Os Bárbaros», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

COVA DA PIEDADE – Clube Piedense – «Superdetective», às 21.30 e 24.00h.

TEATRO NO INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS

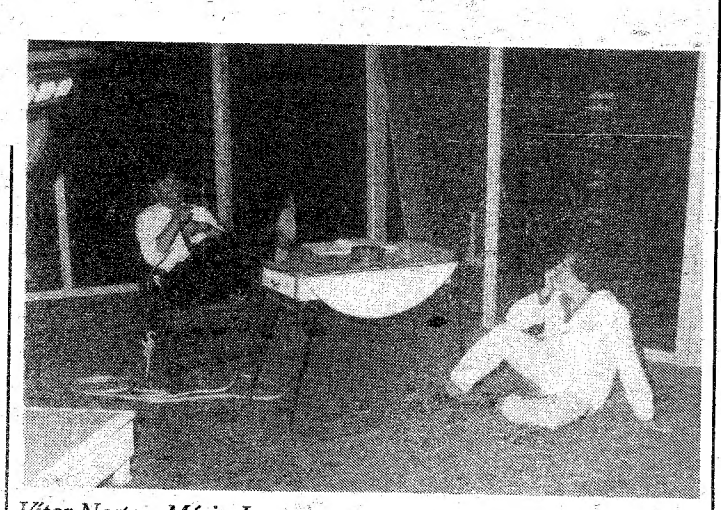
No Instituto Franco-Português, Av. Luís Bivar nº 91, está em cena, até 14 de Maio, a peça de Mar Perrier "Às Seis o Mais Tardar", numa adaptação e tradução de Alexandre de Sousa, que também é o encenador. Mário Jacques e Vítor Norte são os intérpretes.

"Às Seis o Mais Tardar", segunda peça de Marc Perrier, é uma comédia: uma intriga policial, mas sobretudo o confronto de duas linguagens, de duas personagens, através dum diálogo rápido e denso.

Do currículo do autor, consta que nasceu na Normandia em 1944, fez estudos vagos, deambulações e experiências várias (de meteorologista a jornalista, passando por vendedor de aspiradores e disc-jockey).

Bastantes viagens, inclusivé uma volta à França de camião. Foi escrevendo novelas, guiões para cinema e romances inacabados, duas peças de teatro.

Esta que pode ver agora no Instituto Franco-Português, de terça a sábado às 21,30 e domingos às 17 horas, conta ainda com a colaboração de Jorge Paixão da Costa nos diálogos, o cenário é de Rita Vasconcelos e a produção de Manuela Carlos. Bilhetes a 500 escudos (250 para estudantes e Carte Plus).



Vítor Norte e Mário Jacques

TEATRO

COMUNA: o "Teatro da Rainha" apresenta, até dia 29, o espectáculo "Amorosos" - três farsas medievais francesas, de autores anónimos, em versão original de José Valentim Lemos, que também encena. Interpretação de Ana Madureira, José Alegria, Rosério Gonzaga, Rui Jacques e Vítor Zambujo. De terça a sábado às 21,30, sábados e domingos também às 16,30.

BAILADO

GRANDE AUDITÓRIO DA GULBENKIAN: hoje dia 22, às 16 e 21,30, "As Bodas" pelo Ballet Gulbenkian. Coreografia Christopher Bruce, música de Stravinsky, maestro Swierczwski. Coro Gulbenkian. Cantores solistas: Ana Paula Russo, Liliane Bizineche e José Fardilha. Pianistas: Tania Achot, Olga Prats, João Paulo Santos e Nuno Vieira de Almeida.

MÚSICA

COLISEU DOS RECREIOS: hoje dia 22, às 21,30, "Solidariedade Abril" com Paulo de Carvalho, a banda africana "Issabary", Zé Americano, Sum Alvarinho, Guilherme Silva, entre outros.

CONFERÊCIAS

GULBENKIAN (Sala polivalente): hoje às 15,30, "O Sagrado e as Culturas". Mesa.redonda sobre "O Sagrado e a Política". Coordenador ,Francisco Sarsfield Cabral; participantes, Natália Correia, Lourdes Pintasilgo, Pedro Roseta e Lucas Pires.

EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até 30 de Junho, a exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII. Até 31 de Maio, Desenhos e Aguarelas de Toulouse-Lautrec.

PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA (Galeria de Pintura do rei D. Luís): até 10 de Maio, a exposição de projectos arquitectónicos concorrentes ao concurso para a construção do Centro Cultural de Belém.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: "Leques - composições em semicírculo", Pintura de Manuel Baptista, comemorativa do bicentenário do nascimento de D. João V. Em "Joia do Mês" a mostra "Colares de Tchoupette Beerten.

MUSEU NACIONAL DO AZULEJO: Azulejos de Maria Keil; a exposição permanente "Núcleos dos Séculos XVI e XVII; Cerâmica no AR. CO.

MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira - Restelo): a exposição "Artefactos Melanésios-reflexões pós-modernistas". Trata-se de um acontecimento científico de significativa importância, na medida em que os objectos expostos constituem a única colecção etnográfica da Melanésia existente no nosso país. O acervo foi recolhido naquela área do Pacífico Ocidental nos princípios do século e é agora apresentada pela primeira vez ao público.

PALÁCIO DAS GALVEIAS (Campo Pequeno): até 30 de Abril, uma exposição comemorativa do centenário do pintor Pedro Cruz, com 60 quadros da sua autoria (óleos, aguarelas, pastel e desenhos).

PALÁCIO DOS CORUCHÉUS (R. Alberto de Oliveira,-Alvalade): até 28 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 12 e das 14 às 17,30, pintura de Maria Irene Fernandes.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52): até 12 de Maio, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 20, sábados das 15 às 19, "Estruturas Matéricas" - Pintura de José de Carvalho.

GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 13 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20 e sábados das 15 às 18, a exposição "Desenhos da Primavera" de Rogério Ribeiro.

VOZ DO OPERÁRIO: até 6 de Maio, integrada nas comemorações do 15º aniversário do 25 de Abril promovidas pela Associação 25 de Abril, uma exposição de desenhos sobre esta data, executados por alunos de escolas primárias e preparatórias de todo o país.

GALERIA PRÍNCIPE REAL (P. do Príncipe Real, 32 r/c): até 13 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20, a exposição do pin tor espanhol Molina Sanchez.

ESPAÇO ARIARTE (L. do Contador Mor, 3-ao Castelo): até 7 de Maio, de segunda a sábado das 10 às 18, gravuras da pintora Marília Viegas, exposição retrospectiva da sua obra nesta área.

GALERIA LEO (Tv. da Queimada, 48-Bairro Alto): até 11 de Maio, de terça a sábado das 14,30 às 19,30, Pintura de Dario Alves.

FOTO GALERIA 12 A (Costa do Castelo, 12A): até 12 de Maio, de segunda a sábado das 9,30 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, exposição de Mário da Natividade Ramos.

GALERIA LAMBERTINI (Av. da Liberdade, 166): até 20 de Maio, de terça a sábado das 15 às 19,30, pintura de José Escada, "Reservas".

GALERIA MUNICIPAL DE ALMADA: até 1 de Maio, a IMARGEM (Associação de Artistas Plásticos de Almada) tem patente uma exposição com as suas congéneres Viragem (Cascais), Artever e AAGA (Amadora).

GALERIA A JANELA VERDE (R. do Olival, 9): até 11 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20, "Vento de Feição" - pintura de Fernando Quartin.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): até 6 de Maio, das 14 às 20 horas (encerrado às segundas e feriados) pintura e gravura de Emma Debayle

GALERIA DE ARTE DOS CTT (Forum Picoas): até 5 de Maio, nos dias úteis das 11 às 13,30 e das 14,30 às 19, escultura de Humberto Lebroto.

GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 29 de Abril, pintura de Maria Gabriel subordinada ao tema "Brumas Marítimas Nevoeiros", obras inspiradas nos textos da História Trágico-Marítima.

GALERIA ALMADARTE (Av. General Humberto Delgado, 3-B-Costa de Caparica): até 12 de Maio, a exposição de Pintura "Lugares", de Rui Viana.

CASA DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): até 3 de Maio, aguarelas de Marion Rümpeler. De segunda a sexta das 10 às 20.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): uma colectiva de pintura, desenho e escultura de artistas plásticos do Brasil.

INSTITUTO DO VINHO DO PORTO (R. S. Pedro de Alcântara, 45 r/c): pintura de Maria Brígida.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 2 de Maio, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, Pintura de Teresa Barbieri.

GALERIA YGREGO (York-Espaço 8-Av. António Augusto de Aguiar, 13-C): uma exposição de Pintura de Eduardo Luís.

GALERIA S. BENTO (R. do Machadinho, 1-ao Quelhas): até 6 de Maio, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, a exposição de escultura de Moisés (Alvalua)

GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 14 de Maio, pintura de Carmo Moura Nunes.

LOJA DE DESENHO (R. Academia das Ciências, 2B): até 13 de Maio, de terça a sábado das 15 às 19,30, uma exposição de Patrícia Garrido.

GALERIA DA CERVEJARIA TRINDADE: até 24 de Abril, a exposição "Monumentos" de José Manuel Soares. Patente todos os dias, das 17 às 24 horas.

GALERIA RATTON CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-loja C): até 16 de Maio, a exposição de painéis de Graça Morais e Jorge Martins. Patente das 10 às 13 e das 15 às 19,30.

ASSÍRIO E ALVIM (R. Passos Manuel): até 6 de Maio, uma exposição sobre a vida e a obra de Emídio Santana, figureira primeira do anarquismo em Portugal.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 30 de Abril, esculturas de José Pedro Croft.

GALERIA ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 10 de Maio, das 10 às 19, técnica mista de Isabel Garcia.

SALA DE ARTE TEMPLÁRIOS (R. Flores de Lima, 8): até 13 de Maio, pintura de Estela Leal.

IMPREVISTO BAR (Tv. da Laranjeira): até 29 de Abril, exposição de óleos, gravura, acrílicos e aguarelas de São Trindade, Ana Mor, Cristina Maldonado, Eurico Gama e Ana Gaivão.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c): até 10 de Maio, de segunda a sábado das 15 às 20, desenho de Fernando Cruz.

GALERIA DE ARTE DAS AMOREIRAS (Shopping Center-Loja 2012): até 20 de Abril, escultura em madeira de Edison Lufac.

AMOREIRAS SHOPPING CENTER : até 30 de Abril, todos os dias das 15 às 23, pintura cerâmica de Antão.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): escultura e desenho de Xana.

ALLIANCE FRANÇAISE DE LISBOA (R. Braamcamp, 13-1º): até 5 de Maio, a primeira exposição de guaches de José Aragão. Patente nos dias úteis das 10 às 13 e das 14,30 às 19,30.

GALERIA DO MERIDIEN LISBOA: até 2 de Maio, pintura de Real Bordalo.

PALÁCIO AZURARA (Largo das Portas do Sol, 2): no âmbito das comemotações do 35º aniversário da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, uma exposição de azulejos, desenhos e óleos da autoria do mestre daquela Fundação e chefe da oficina de pintura decorativa, Júlio Mascarenhas Brás.

ATELIER E. C. (Várzea de Colares): até 7 de Maio, a exposição de pintura "Paisagens do Interior" de Alves Martins.

Farmácias

MÉDICO DE URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

ALFAMA — SÃO TOMÉ — Ziler — Rua São Tomé, 54-56 T. 862835; **AV D. RODRIGO DA CUNHA — Aeroporto** — Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D. T. 882384; **BENFICA — 2.ª CIRCULAR — Benfiluz** — Estrada Benfica, 444-A T. 7141206; **CAIS DO SODRÉ — Central** — Rua São Paulo, 108 T. 320389; **CALVÁRIO — Monge** — Rua Lusíadas, 30-32 T. 636704; **ESTRELA — Marques Freire** — Rua Santo António, à Estrela, 96 T. 665196; **INTENDENTE — Intendente** — Largo Intendente Pina Manique, 50-51 T. 547838; **JARDIM CONSTANTINO — Portugal** — Rua Rebelo da Silva, 11-13 T. 543340; **LUMIAR — São Tomé** — Estrada do Desvio, Lote 12-C T. 790704; **OLIVAIS SUL — Lemos** — Rua Cidade da Beira, 46-C T. 331692; **PRAÇA DE LONDRES — Algarve** — Av. Roma, 7-B T. 801478; **SALDANHA — HOTEL SHERATON — Oliveira Viriato, 29-29-A T. 548966; CARNAXIDE — H. Amaral** — Praceta António Boto, 11-A T. 4104556; **ODIVELAS — PATAMEIRAS — Amaral** — Rua Antero Quental, 8-8 A T. 9825445; **PONTINHA — Flora** — Azinhaga dos Besouros, Lote R 8.

PERMANENTE
Domingo

ALFAMA — Costa — Rua Escolas Gerais, 88-A T. 863940; **ALTO SANTO AMARO — Tapada** — Calçada da Tapada, 83-A T. 634721; **ALVALADE — Sanex** — Av. da Igreja, 31-C T. 897505; **ARCO CEGO — Providência** — Rua D. Filipa Vilhena, 9-C T. 770324; **BENFICA — PORTAS BENFICA — Benfica** — Estrada Benfica, 678-E T. 702532; **CAMPO DE OURIQUE — Almeida** — Rua Silva Carvalho, 136 T. 681728; **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN — Berne** — Av. de Berna, 44-A T. 773568; **LUMIAR — QUINTA DAS MOURAS — Matos Viegas** — Av. Rainha D. Amélia, 34-B T. 794174; **MADRE DEUS — Madre de Deus** — Rua da Margem, 15-B T. 382470; **MARQUÊS POMBAL — Branco** — Av. Duque Loulé, 61-65 T. 545048; **PENHA DE FRANÇA — Carrondo** — Rua Padre Sena Freitas, 10-A T. 842518; PICHELEIRA — Marluz — Calçada da Picheleira, 140 B-C; Rua Prof. Mira Fernandes, MAF T. 880709; **PRÍNCIPE REAL — SÃO BENTO — Confiança** — Praça das Flores, 59-60 T. 670401; **ALGÉS — Branco** — Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 T. 2112081; **BAIRRO DO BOSQUE — AMADORA — Carmele** — Rua Elias Garcia, Lote 28; **BRANDOA — AMADORA — Brito** — Rua 25 de Abril, lote 32-B T. 995338; **CARNAXIDE — H. Amaral** — Praceta António Boto, 11-A T. 4104556; **LINDA-A-VELHA — Moderna** — Av. 25 de Abril, 30-C; **ODIVELAS — Nabais Vicente** — Rua A, Lote 19-A loja E (Urb. Covivel) T. 9816803; **PONTINHA — Leitão Ribeiro** — Rua A do Falcão, 3-A T. 993912; **PORTELA — Paula de Campos** — Centro Comercial Urb. da Portela.

Linha de Sintra — AMADORA — Helénica — R. Elias Garcia, 372 (Tel. 4933613). Até às 22 h. **DAMAIA - Girassol** — R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161) Perm. **Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523) Perm. **QUELUZ - Gil** — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 4350117) Perm. **CAMARATE - Flores** — Av. Forças Armadas, V. Mor. Catujal (Tel. 2510850) Até às 19 h. **CACÉM - Rodrigues Garcia** — Av. Bons Amigos, lote 5-D (Tel. 9243693) Perm. **MEM MARTINS - Cristina** — Av. Vitorino Nemésio, 14-A (Tel. 9214820) Perm. **MERCÊS — Claro Russo** — R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275) Até às 22 horas. **RIO DE MOURO - Riomouro** — Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (Tel. 9260194) Até às 22 h. **COLARES - Abreja** — (Tel. 9290088). **S. PEDRO DE SINTRA - Valentim** (Tel. 9230456) Perm.

Outras Farmácias: MOSCAVIDE - Pedro Gomes — B.º 25 Abril, lote 13 (Tel. 2519670) Perm. **SACAVÉM - Maria** — R. Salvador Allende, lote 2 (Tel. 2514369) Perm.

Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares, A. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADEE: Cerqueira,** L. 5 Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DA CAPARACIA: Nova,** R. Trab. Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica,** Av. República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio,** R. Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão,** Av. Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado,** Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida,** Av. Alfredo Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira,** R. Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino,** Vale Milhaços, R. Alex. Herculano (T. 2530256). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro,** P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243729). Permanente; **ARRENTELA: Lusitana,** P. Cândido Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Borges Cruz,** R. Angola, 19 - Afonsoeiro (T. 2301853). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense,** Av. dr. Teófilo Braga, (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão,** R. Cândido Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro,** L. Ant.º Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Sália,** P. Bocage, 96 (T. 22484). Permanente; **Nova,** R. General Gomes Freire (T. 22052). Permanente; **Alice,** P. Quebedo, 6 (T. 23643). Até às 22 horas.

ALGÉS: Miramar – R. Ernesto Silva, 83 (Telef. 2112048). Perm.; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida** – Av. 25 Abril, 30-C (Telef. 4191235). Perm.; **CARCAVELOS: Central** – R. 5 de Outubro, 25 (Telef. Perm.; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás** – R. Costa Pinto, 184 (Telef. 2432034). Até às 22h.; **NOVA OEIRAS: Leal** – Quinta da Palmeira, Lote 24 (2478737). Perm.; **PAREDE: Aisir** – Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência (Telef. 2472948). Perm.; **CASCAIS: Nova** – Est. Alvide – Fontainhas (Telef. 281044). Perm.

Porto — DE DIA E TODA A NOITE — CORREIA DE ARAÚJO, R. de Santa Catarina, 259; **FIGUEIREDO, LD.ª**, R. de Cedofeita, 125; **LOUSADA**, R. do Campo Lindo, 52; **CORUJEIRA**, R. de São Roque da Lameira, 1473; **GUARANI**, R. Pedro Hispano, 367.

Coimbra — DONATO, R. Ferreira Borges, 2-6 (T. 22603); **ADRIANA**, P. da República, 20-22 (T. 22609).

DL TEATROS

Variedades

Parque Mayer. (Telef. 326037)
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, matinée ás 16.00

A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes.

Instituto Franco-Portugues

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

De terça a sexta, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00

«ÀS SEIS, O MAIS TARDAR», de Marc Perrier. Encenação: Alexandre de Sousa. Intérpretes: Mário Jacques e Vítor Norte.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Gil Vicente

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

«ÁFRICA», de Isabel Medina. Encenação: Luís Filipe Costa. Cenários: António Loureiro. Intérpretes: Isabel Medina, José Nogueira Ramos e Guilherme Filipe.

Sala Garrett

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«FAUSTO, FERNANDO, FRAGMENTOS», de Fernando Pessoa. Encenação: Ricardo Pais. Cenários e figurinos: António Emiliano. Luzes: Orlando Worm.

Clube Estefania

R. Alexandre Braga, 24-A — Tel. 53 26 59
De 3.ª a 6.ª, às 21.30; sábados às 18.00; domingos às 16.00.

«PERVERSOES«, de David Mamet. Pela Prótea (Acção Teatro e Artes). Encenação: Miguel Guilherme e José Pedro Gomes. Cenografia e figurinos: Vera Castro. Selecção musical: João Gobern. Desenho e luzes: Paulo Graça.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 43 09

De 1 a 16 de Abril. 3.ª 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

Sala Polivalente

«DOUBLAGES«, de Jean-Paul Wenzel. Realização: Philippe Arlaudo e Carlos Pimenta. Música: Paulo Brandão. Tradução e apoio: Teresa Corte-Real.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«OS RECRUTAS», de Neil Simon. Espaço cénico e encenação: João Mota. Figurinos: Carlos Paulo. Tradução: Teresa Lacerda. Intérpretes: Abel Neves, Alfredo Gonçalves, Carlos Paulo, Cucha Cavalheiro, Jorge Loureiro, Manuela Couto, Paulo Ferreira e Victor Soares.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 22 105

6.ª, às 21.45; sábados e domingos, às 16.00 e 21.45

«UM HOMEM DE SORTE«, de Vicente Sanches. Pelo TAS. Encenação: Carlos Curto. Intérpretes: Fernando Correia, Maria Simões, Carlos Rodrigues, Maria José Sobra, Asdrúbal Teles, Fernando Casaca, Isabel Ganilho, etc.

Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00.

«O LEITINHO DO NENÉ«, de Alfonso Paso. Adaptação: Henrique Santana. Encenação: Francisco Nicholson. Intérpretes: Carlos Miguel, Maria Dulce, António Montez e Rui Luís, entre outros.

Mosteiro dos Jeronimos

P. do Império — Tel. 61 70 20

3.ª, 4.ª, sábado e domingo, às 15.00; 6.ª e sábado, às 21.30

«LUSITÂNIA», baseado em texto de Gil Vicente. Pelo Grupo de Teatro Persona. Encenação: Guilherme Filipe.

Instituto Franco-Portugues

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00

«ÀS SEIS O MAIS TARDAR«, de Marc Perrier. Encenação: Alexandre de Sousa. Intérpretes: Mário Jacques e Vítor Norte.

Palco Oriental

C. Duque de Lafões, 78, ao Beato

Sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 17.30

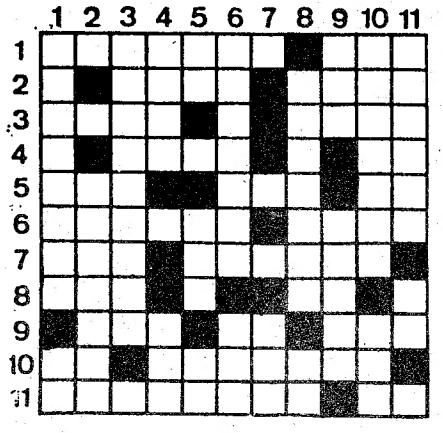
«LUSÍADAS«, adaptação do poema de Camões. Pelo grupo **Máscara**. Criação colectiva. Música: Abílio Viegas/Pedro Queiroz. Intérpretes: Pedro Alpiarça, Pedro Wilson e Rui Pisco. Cantora: Lola.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 439

HORIZONTAIS:

1 Recompensarão. O sustento.
2 Formar as abas a. Encoleriza.
3 Região do Oriente, aonde Salomão mandava buscar oiro. Portanto.
4 Possuirá. Nota musical.
5 Concelho do distrito do Bié-Cuando-Cubango. Abreviatura de diclorodifeniltricoletano, substância insecticida. Duzentos em romano.
6 Falsificai. A Pérsia.
7 Mágoa. Missivas.
8 Agora. Pertences.
9 Telegrafia sem fios (abrev.). Carta de jogar. Preposição.
10 Concede. Abrilhantaram.
11 Região da Europa central, dividida, em 1949 em dois estados. Ósmio (s.q.).



VERTICAIS:

1 Impedido de se fazer. Concede.
2 Glorioso.
3 Tocadores de gaita.
4 Descerra. Termo.
5 Batráquio. Fedor. Rádio (s.q.).
6 Região montanhosa da Grécia antiga, na parte central do Peloponeso. Rio de França.
7 Artigo definido. Pequeno símio do Brasil.
8 Vontade de comer. Nome que os egípcios davam ao Sol.
9 Devoto. Apara.
10 Esquivas. Espádua.
11 Relativo ao oásis. Senhor.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 438

HORIZONTAIS:

1 A. FOME. É. Cr.
2 Luar. Serrou.
3 Nauta. Uni.
4 Cáfila. Bisa.
5 Ama. Orão. Em.
6 Nara. Mal.
7 Tirares. Chá.
8 Alojastes.
9 Moelas. Ui!
10 Me. Na Iara.
11 Asi. Ocorras.

VERTICAIS:

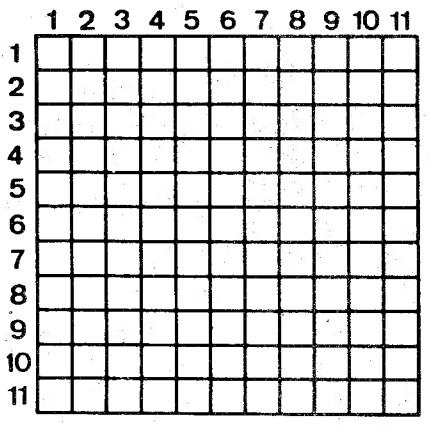
1 Alicante. MÁ.
2 Amai. Mês.
3 Fanfarrão.
4 Orai. Aalen.
5 Ulo. Rolão.
6 Estarreja.
7 Ea. Sãs.
8 Er. Bom. Ir.
9 Rui. Actuar.
10 CONSELHEIRA.
11 Ruiam. Ás. As.

PROVÉRBIO: A fome é má conselheira.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17 626

HORIZONTAIS:

1 Dança. Letra grega.
2 Duradouro.
3 Nome de jogo. Camareiras.
4 Cólera. Provação.
5 Envolveras em pão ralado. Acrescentando uma vogal é pequena península russa, entre o Mar de Azove e o Mar Negro.
6 Inflamação da membrana íris. Capa sem mangas.
7 O mesmo que dromedário. Aparência.
8 Deras massagens a (ex-Índia port.). Medida itinerária do Japão.
9 Apelido. Serra de Portugal. Idem.
10 Possuir. Ofereces. Preposição e artigo.
11 Hólmio (s.q.). Pega. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.



VERTICAIS:

1 Arquipélago da Malásia, no mar da China.
2 Habitar. Charneca.
3 Ciência que trata das plantas.
4 Anel. Carregara.
5 Item. Incinerar.
6 Nome de mulher. Freguesia do concelho da Covilhã.
7 O mais. Separada de outra.
8 Campeão. Sufixo que designa abundância.
9 Cidade do Japão.
10 Ocultarias.
11 Tempo do verbo ir. Cônjuges (do sexo masculino).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 625

HORIZONTAIS:

1 Aa. Caro. Bué.
2 Cr. Eras. Rim.
3 Has. S.ª. VA.
4 Ébano. Arcas.
5 Melada. SS.
6 Ria. EC.
7 Cró. Ador.
8 Fará. Pá.
9 Romarias.
10 Feras. Ramas.
11 Ores. Somara.

VERTICAIS:

1 Achém. Afufo.
2 Árabes. Er.
3 Sal. Cr. Re.
4 Ce. Narraras.
5 Ar. Ódio. Os.
6 Rãs. Aa.
7 Ossa. Aparo.
8 Arredaram.
9 Br. Co. Imã.
10 Uivas. Aar.
11 Emassa. Essa.

Rádio

ANTENA UM

16.00: Sons e Reflexos — RDP-Norte; 20.00: No Estúdio e no Estádio.

ONDA MÉDIA E FM STÉREO

14.00: Andarilho — RDP-Centro; **16.00:** Play List — Antena 1; **17.00:** Meio Tom; **19.00:** Jornal de Sábado e Actual — Debate (Informação); **20.00:** Sábado Suave; **23.00:** Música Portuguesa; **23.30:** Tempo de Teatro c/ a peça «Dois Homens», de Jean-Jacques Bernard. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

REDE NACIONAL (FM 2-ESTÉREO)

17.00: «O Coração Irrequieto» — Recital de canto e piano por Jennifer Smith e Jorge Moyano efectuado no Instituto Britânico. 1.ª parte: — Obras de Benjamim Britten, Adolf Gensen, Robert Schumann e Franz Schubert. Intervalo — Grande fuga em si bemol maior, op. 133, de Beethoven. 2.ª Parte: Obras de Balakirev, Robert Schumann, Hugo Wolf, Charles Gounod, Maud. Complemento: Música de Johannes Brahms; **19.00:** O Poder da Música, O Festim de Alexandre» ou o Poder da Música, de Haendel; **20.00:** Quarteto de cordas n.º 2 em Ré Maior, de Borodin; **20.40;** Concerto para Pianoforte e orq. em dó maior de Silieri; **21.00:** Ângulos e Reflexos; **22.00:** Música e Músicos Portugueses; **23.00:** Euroradio — O Festival de Bergen de 1988, gravações cedidas pela Radiodifusão Norueguesa; Concerto pela Orq. Sinfónica de Bergen, sob a direcção de Norman Del Mar. Participa o soprano Ingrid Bjoner. 1.ª Parte: Obras de Richards Strauss. Intervalo: Duas peças para piano n.º 3 de Richard Strauss, por Glenn Gould. 2.º Parte: Obras de Wagner; **01.00;** Concerto Nocturno preenchido com obras de Schubert e Smetana. Noticiários de hoora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397 m)

15.00: Fim-de-semana; **20.00 Genérico; 21.00:** Fim-de-semana; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** Noites de festa. Noticiário de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Lança-chamas; **18.00:** Top do TNT; **19.00:** Country music, música da América; **20.00:** O rock pode esperar; **22.00:** Discoteca; **02.00:** Noite de festa. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM-FM

14.00: Frente Desportiva; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Semana a semana; **20.00:** Sombra-sol; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** A hora dos clássicos; **22.00:** Dá a Mão ao teu próximo; **23.00:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento especial da BBC; **23.55:** Meditando.

TELEVISÃO

RTP 1

16.50 - Crime, Disse Ela

15º Episódio: Neste episódio Jessica Fletcher vai ajudar o filho de um colega seu, também escritor, que fora falsamente acusado de assassínio.

Realização: John Llewllyn Moxey

17.45 - No Tempo em que Você Nasceu
19.10 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.15 - O Tempo
21.30 - Prémios Mundiais do Video Disco
23.10 - Filmezinho
23.15 - Pássaros Feridos

8º Episódio: Meggie regressa a casa dos Muellers, depois dos dias de felicidade que partilhou com Ralph na ilha. Algum tempo depois, Meggie decide voltar a viver em Drogheda e separar-se de Luke.

00.15 - Cinema da Meia-Noite

«A Felina»: Irena Gallier toma conhecimento através do irmão, Paul, do passado misterioso que envolve a sua família. na verdade, ela não percebe muito bem o que esté em jogo, embora pressinta uma ameaça indescritível. Ao apaixonar-se por Oliver, inica-se uma inesperada revelação: o seu corpo transporta a herança remota das panteras.

Interpretação: Nastassja Kinski, Malcolm McDowell, John Heard, Annette O' Toole, Ed Begley Jr.

Realização: Paul Schrader

Duração: 118 minutos

ANTENAS PARABÓLICAS

Sinal

Telf. 892945-884650

RTP 2

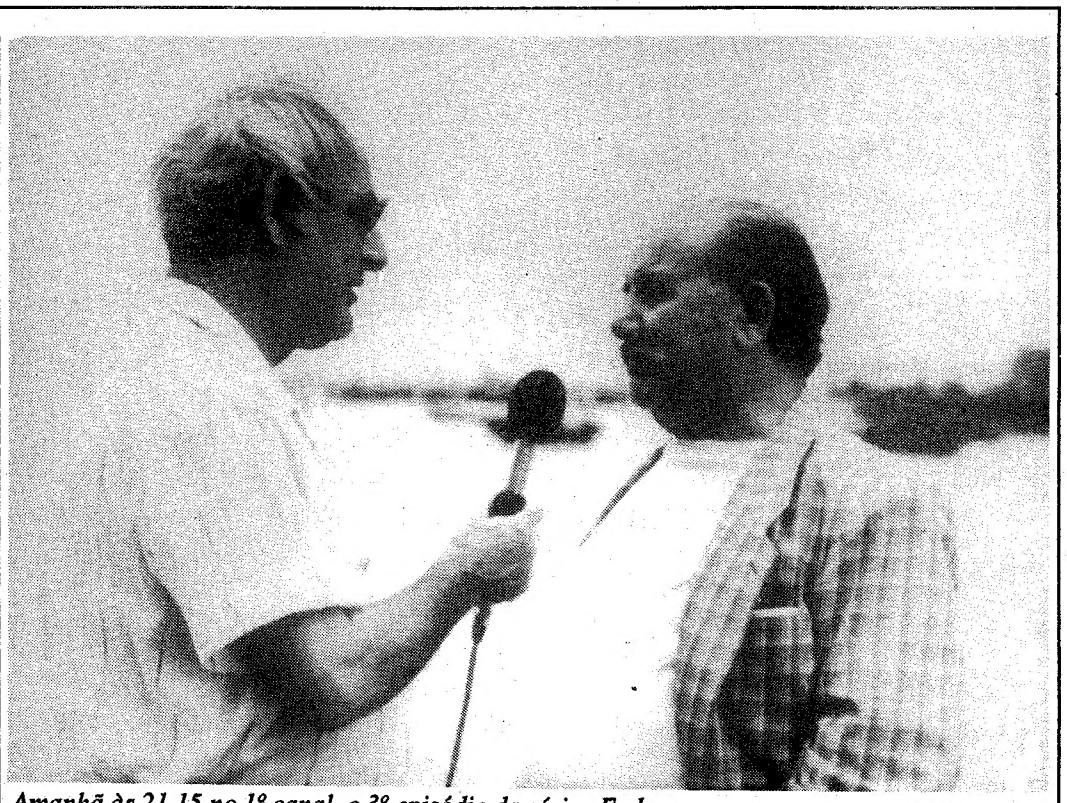
16.00 - Estádio
19.30 - Quem Sai aos Seus...

14º Episódio: Na Universidade de Leland onde Alex estuda está a realizar-se um torneio de xadrez com uma equipa soviética, de visita aos Estados Unidos. Alex considera que tem o dever patriótico de derrotar o seu opositor.

Realização: Sam Weisman

19.55 Music Box Especial

«Abbey to Road Special»



Amanhã às 21.15 no 1º canal, o 3º episódio da série «Fados»

20.50 - Elogio da Leitura
21.15 - Simenon

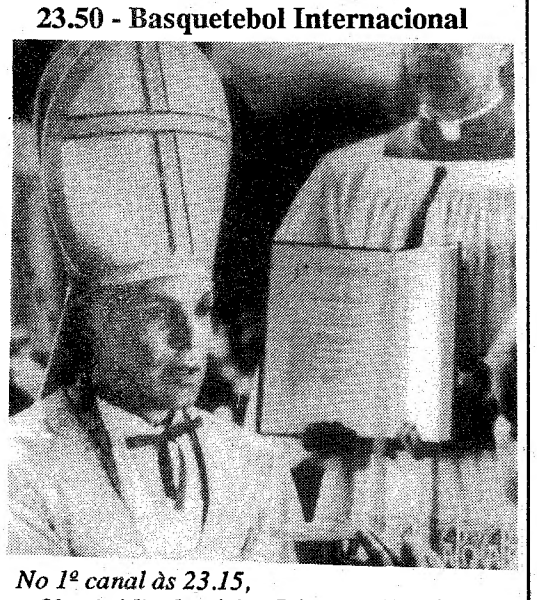
8º Episódio: Como todos os domingos, Robert Cardinaud vai de manhã à missa com o seu filho, enquanto a mulher fica em casa a preparar o almoço. No entanto, desta vez, as coisas não se passam como habitualmente...

Realização: Gerard Mordillat

22.15 - Concordo ou Talvez Não

O Hospital como unidade fundamental de assistência médica. As urgências, as principais unidades hospitalares e os principais serviços. A investigação médica no hospital. O internamento, é o tema a debater na sessão de hoje.

23.50 - Basquetebol Internacional



No 1º canal às 23.15, o 8º episódio da série «Pássaros Feridos»

AMANHÃ

RTP-1

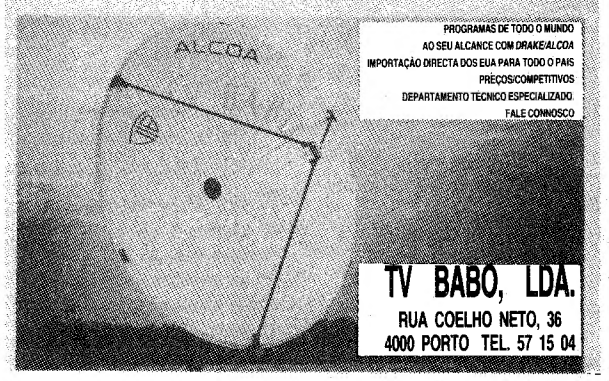
09.01 - Juventude e Familia
11.15 - Eucaristia Dominical
12.05 - 70 X 7
12.30 - TV Rural
13.00 - Noticias
13.10 - Fórmula 1
14.00 - Allô, Allô
14.15 - Viagem às Profundezas
15.05 - Filmezinho
15.15 - Primeira Matinée
«Jerry Ama-Seca»
17.00 - Clube Amigos Disney
19.00 - O Justiceiro
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - O Tempo
20.35 - Alf, Uma Coisa do Outro Mundo
21.15 - Fados
«Regresso»
22.15 - Filmezinho
22.20 - Domingo Desportivo

RTP-2

08.51 - Troféu
12.00 - Caminhos
12.25 - Novos Horizontes
12.50 - Troféu
18.00 - Derrick
18.50 - O Mundo em Extinção
19.45 - 17 Obras de Grandes Autores
20.25 - Lusitânia Expresso
20.55 - Artes e Letras
21.55 - CineClube
«O Que o Céu Permite»

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.

DRAKE



PROGRAMAS DE TODO O MUNDO
AO SEU ALCANCE COM *DRAKE/ALCOA*
IMPORTAÇÃO DIRECTA DOS EUA PARA TODO O PAIS
PREÇOS COMPETITIVOS
DEPARTAMENTO TECNICO ESPECIALIZADO.
FALE CONNOSCO

TV BABO, LDA.
RUA COELHO NETO, 36
4000 PORTO TEL. 57 15 04

LOEWE. *seleccionou para si...*

RTP 1 — Pássaros Feridos

RTP 2 — Simenon

Representante Continente e Ilhas

PORTO
Telef. 9515003

SGO

LISBOA
Telef. 777824

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/ 5 — 32 02 71/ 2/ 3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/ 2/3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos

ÚLTIMA HORA

O Primeiro-Ministro afirmou hoje que «por detrás das movimentações na PSP estão forças extremistas, forças comunistas e alguns socialistas». Referindo-se aos socialistas, Cavaco Silva frisou: «Espero que sejam elementos isolados, porque quando o PS esteve no Governo teve sobre esta matéria uma posição muito clara». «Os ministros socialistas, quando no Governo, e temos documentos escritos na nossa posse, sempre consideraram que o sindicato da PSP é ilegal e que não são permitidas manifestações por parte da polícia, posição que consideramos de grande responsabilidade nacional».

Polícias serão julgados em Tribunal Comum

Dezenas e dezenas de agentes da PSP fardados confluiram esta manhã para o Tribunal da Polícia de Lisboa onde se desenrolaria o julgamento dos seis colegas da Pró-Sindical, que foram detidos ontem quando pretendiam ser recebidos pelo ministro da Administração Interna e após os violentos confrontos com a Corpo de Intrevenção no Terreiro do Paço. O julgamento começou com cerca de duas horas de atraso e a impaciência era notória. Contudo, nada ficou decido hoje. O juíz decidiu remeter o processo para o juízo comum em Tribunal Correcional.

Entendeu o magistrado tratar-se de uma «causa complexa, que implicará diligências que não podem ser levadas a cabo no prazo legal de cinco dias (prazo do juizo sumário)».

Os seis reús - o coordenador nacional da Pró-Associação Sindical, José Carreiras, o coordenador-adjunto de Coimbra, primeiro sub-chefe Ventura, o coordenador-adjunto da região Norte, Virgílio Nascimento, e os dirigentes da zona sul António Augusto e agentes Ramos e Sacramento - aguardam agora o novo julgamento em liberdade.

Pouco tempo antes a «palavra de ordem» - espontânea, diga-se - percorreu o átrio da sla de audiências: os agentes da PSP exigiam a demissão do ministro Silveira Godinho e do Comandante do Corpo de Intervenção, Amílcar Morgado.

O «DL» ouviu os agentes detidos, que de nos expressarem o mais violento repúdio pelos acontecimentos de ontem. «Ainda não sabemos quem nos mandou deter e porque fomos detidos», frisou José Carreira, acrescentando que «apenas nos foi dito pelo 2º comandante distrital de Lisboa, o intendente Tapadinhas, que desobedecemos a uma ordem, mas não sabemos a qual».

Aquele agente da PSP explicou não receberam qualquer ordem superior para dispersar do Ministério da Administração Pública,onde se tinham dirigido para entregar uma moção. «Foi um funcionário do MAI que nos disse 'tenho muita pena mas não vão ser recebidos' e pouco tempo depois eramos presos sem qualquer explicação».

Exaltado, ainda sob a pressão dos acontecimentos de ontem, José Carreira não conteve as críticas. «A PSP vive um clima de revolta interna, bem patente no número de pessoas que afluiram aqui ao Tribunal. A classe policial está toda revoltada e só o ministro e alguns sectores da hierarquia da PSP podem ser responsabilizados pelo que aconteceu», sublinhou.

«Uma atitude digna de Hitler ou Mussolini»

No átrio do Tribunal a conversa era so uma. As dezenas de agentes da PSP reviviam os acontecimentos com exaltação. Um dos sub-chefes presentes, visivelmente comovido, disse ao «DL» que «os policias foram tratados como marginais, numa atitude típica de Pinochet, de Mussolini ou de Hitler. Deixou ainda algumas interrogações no ar: «Se o Corpo de Intervenção teve uma atitude daquelas com colegas seus, como é que actuará perante a sociedade cívil? Pior só se os chacinassem?».

Augusto Carvalho, guarda de 2ª classe, «solidário» com os colegas embora não fosse um dos detidos. confessou desgostoso ao «DL» que «há quinze anos estive no Terreiro do Paço, a ajudar à libertar o país, ontem no mesmo local levei com bastões, cães e água. Mas fiquei no campo da honra e da dignidade».

Dois deputados do grupo parlamentar do PCP, João Amaral e José Magalhães, deslocaram-se ao Tribunal de Polícia de Lisboa para expressarem o «repúdio» face aos acontecimentos e a «solidariedade» para com os agentes da PSP em nome do partido que representam.

Anunciaram que já na próxima segunda-feira vão acentar diligências junto do presidente da Assembleia da República e junto dos outros partidos com assento parlamentar «para se encontrarem as medidas capazes de esclareceram a situação». Deixaram antever a possibilidade se proceder a um inquérito parlamentar.

/D/E/C/A/R/A/S/

VÍTOR CONSTÂNCIO, ex-secretário-geral do Partido Socialista, remeteu para o futuro a responsabilidade de «dizer» se o seu afastamento da política nacional é ou não definitivo, acrescentando que aguarda «serenamente». E comentou: «Como disse na altura em que deixei o cargo de secretário-geral do PS, não tracei projectos para mim». A tomada de posição do ex-líder socialista foi feita em entrevista concedida a um jornal que se publica na vila onde reside, o «Oeiras Magazine». Oportunidade, pois, para responder a algumas questões referentes ao Poder Local - tanto mais oportunas quanto já se sabe que Maria José Constâncio, a esposa, integrará as listas do PS para as eleições autárquicas, naquele município. «Lisboa tornou-se uma cidade muito violenta e agressiva para viver o quotidiano, por isso mudei para Oeiras», explicou Vítor Constâncio, a respeito da sua opção. Uma curiosidade do seu discurso, nesta entrevista, foi a sua concordância com algumas das opiniões defendidas pelo arquitecto Ribeiro Teles, acrescentando que tem de haver um planeamento equilibrado no desenvolvimento dos tecidos urbanos. A terminar, uma apreciação positiva de Vítor Constâncio sobre o Poder político em Portugal. Talvez o sorriso lhe volte a sorrir...

PS e PRD poderão coligar-se para a Câmara de Lisboa

As autárquicas continuam a dar que falar. Ontem mesmo foi aventada a hipótese de se constituirem listas conjuntas PS/PRD no concelho de Lisboa. João Proença, secretário coordenador da Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL), do PS e Fausto Lima, presidente da distrital da PRD, admitiram esta possibilidade de entendimento no final de uma reunião realizada ontem para o efeito.

Para João Proença, «está agora iniciado o diálogo» a nível de estruturas locais, havendo também contactos com outros partidos políticos.

O dirigente socialista acrescentou que «se admite uma lista com apoio alargado para Lisboa», sendo no entanto «muito prematuro» adiantar mais pormenores nesses sentido. João Proença adiantou que o PS aguarda os resultado das eleições para o Parlamento Europeu.

Entretanto, o semanário «Expresso» noticía hoje na sua edição a ruptura entre o PSD e Abecasis na corrida para a Câmara de Lisboa.

Todos os pormenores apresentados apontam para que os sociais-democratas não apoiem o actual presidente do município lisboeta. Pedro Santana Lopes e Carlos Pimenta parecem ser as duas apostas do PSD para as eleições de Dezembro. Porém, a estratégia ainda não está claramente definida já que dentro do próprio partido de Cavaco Silva os corações balançam em direcções diferentes. Enquanto que Santana Lopes conta com o apoio da distrital de Lisboa, e admite a hipótese de negociações com Abecasis para que desista, a Carlos Pimenta não lhe agrada essa tarefa, tendo a JSD do seu lado a suportar-lhe a posição.

Perante o cenário desenhado a candidatura de Abecasis surge assim reforçada já que o edil afirmou várias vezes que se recanditará se uma das hipóteses do PSD fôr Carlos Pimenta.